



# alterosa

•  
**PORQUE  
LEE OSWALD  
PODE SER  
INOCENTE?**

•  
**Exclusivo:**

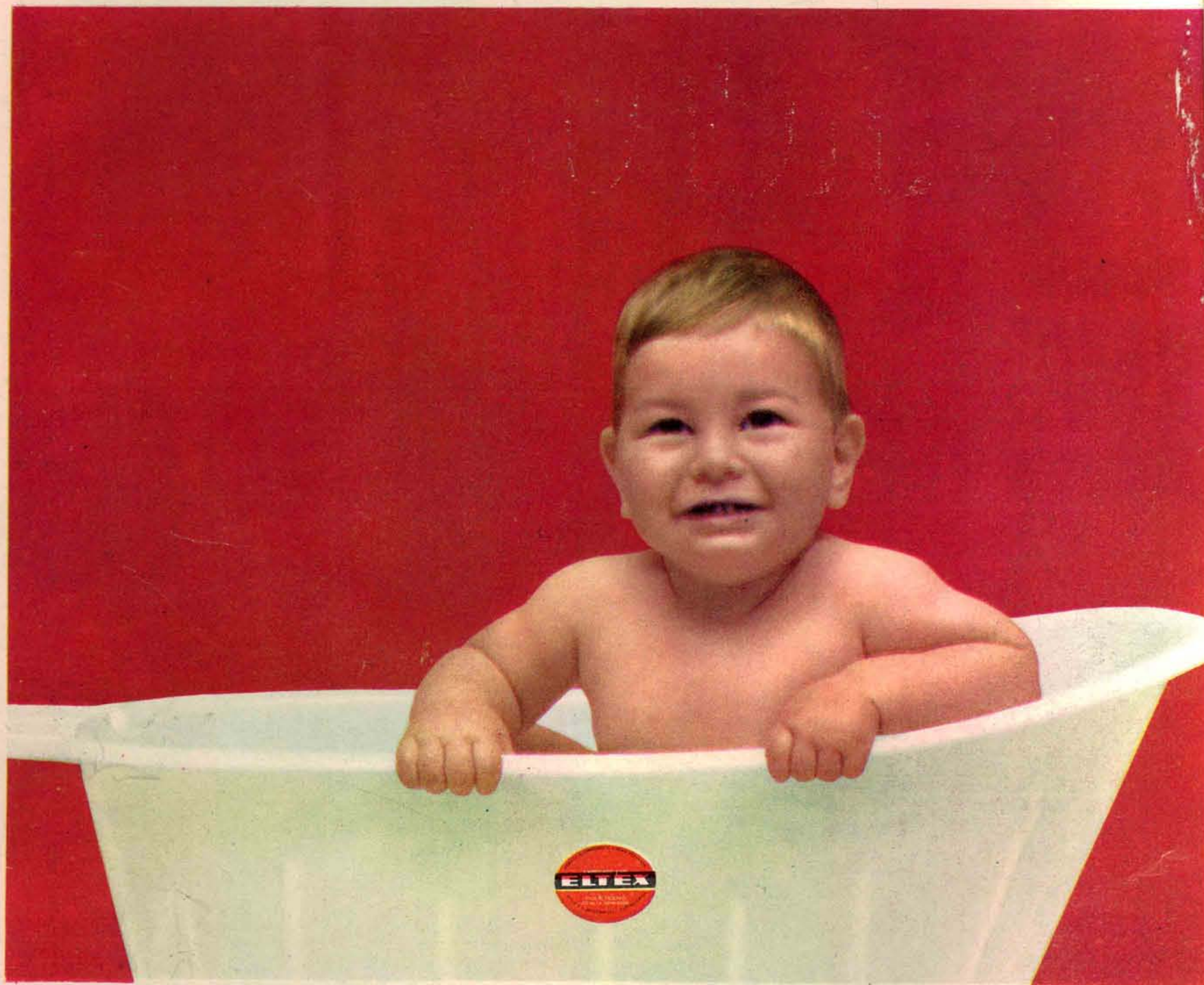
**A CONSPIRAÇÃO  
DO SEGRÊDO**

**Em 20 Págs. O  
Que Ninguém  
Contou Sobre  
A Revolução**

•  
**Tudo Sobre O  
Cinema Novo  
E A  
Bossa-Nova**

•  
**CR\$ 120,00**





**"E...E...E...E...ELTEX"**

**O PLÁSTICO QUE SE DESTACA**

**PORQUE SÓ ELTEX TEM TÔDAS ESTAS QUALIDADES:**

- RESISTE À ÁGUA FERVENTE
- É INQUEBRÁVEL - INODORO - MODERNO - FUNCIONAL
- É LEVE - DURÁVEL - PRÁTICO - ELEGANTE!

A ETIQUETA **ELTEX** é a sua garantia do melhor plástico, e V. a encontra nos artigos produzidos por:

ATMA Paulista S.A. Ind. Com. — Cia. CARIOCA de Indústrias Plásticas  
BALILA - Indústrias Reunidas — Indústrias de Plásticos ELKA Ltda.

**— MAIS QUALIDADE EM PLÁSTICO!**



FABRICADO NO BRASIL PELA ELETROTENO INDÚSTRIAS PLÁSTICAS S.A.



— «Porque Gosto Da Mamãe» — seu aluno (ou filho) terá mais 55 dias de prazo para concorrer aos Cr\$ 2 milhões de prêmios em brinquedos que a sua revista Alterosa e a «Estrêla» vão distribuir no concurso-sonho de composição infantil que permitirá a todos os meninos de grupo de Belo Horizonte, do 2º ao 4º ano primário, prestarem uma homenagem àquela que não é dona apenas de uma data (dia 10 de Maio), mas de todos os dias: a mãe.

Fomos obrigados a adiar, de 30 de abril para 25 de Junho, o prazo para entrega das composições por causa da revolução, que deixou nossos grupos sem aula durante mais de duas semanas: diretoras, professoras e até mesmo as crianças nos telefonaram sugerindo que Alterosa e a «Estrêla» dessem um pouco mais de tempo para os alunos. Mas, em troca, queremos, em particular dos meninos, uma coisa: que, além de fazerem a sua composição, o mais depressa possível, procurem convencer seus amiguinhos (e amiguinhas) a também participarem do concurso-sonho da Alterosa e «Estrêla».

Agora, outras boas notícias: o Secretário da Educação de Minas, Sr. Aureliano Chaves, apoiou o concurso «Porque Gosto Da Mamãe», dizendo que ele merece, pelo aspecto humano e cultural, o entusiasmo não apenas das professoras, mas de todos os pais belorizontinos. Enquanto isso, o Sr. Adival Coelho, responsável pelo ensino primário da Prefeitura de Belo Horizonte, também ficou entusiasmado com a promoção de Alterosa e da «Estrêla» declarando: — «Ela é digna de todo apoio». Eis, por fim, uma grande nova para as diretoras dos grupos, que sabem, melhor do que ninguém, das dificuldades das caixas escolares: em vez de Cr\$ 300, serão destinados Cr\$ 500 por assinatura vendida, pelos meninos de grupo, às caixas escolares. Mais: a direção da revista Alterosa apela para que todos os interessados em renovar (ou fazer) assinaturas que o façam através dos meninos de grupo.

Duas coisas muito importantes:

1)

- \* O tema da composição é o seguinte: «Porque Gosto da Mamãe».
- \* Cada composição deve ter, no máximo, duas páginas de caderno.
- \* No mesmo papel da composição, o aluno deve escrever seu nome, enderêço, grupo em que estuda, em que ano está e o nome da professora.
- \* Para concorrer aos prêmios, o aluno deve anexar à sua composição uma assinatura anual de Alterosa, feita com a sua família ou com qualquer outra pessoa. As diretoras e professoras de grupo estão instruídas de como são feitas as assinaturas.
- \* As composições devem ser entregues à comissão organizadora até o dia 25 de Junho impreterivelmente.

2)

Para o melhor funcionamento do concurso, os talões de assinatura de Alterosa ficarão em poder das diretoras e das professoras de todos os grupos de Belo Horizonte. Após conseguir o nôvo assinante, o aluno dirigir-se-á à professora com o nome e o enderêço do interessado. A professora preencherá o talão para o aluno. A primeira via (branca) será dada ao aluno, que a fará chegar ao assinante. A segunda via (azul) será destinada ao Departamento de Circulação de Alterosa. A terceira via (amarela) deverá ser anexada à composição do aluno e enviada à comissão organizadora. O local onde se lê Agente no talão de assinatura, deverá ser preenchido com o nome do grupo em que foi feita a assinatura.

**IMPORTANTE** — O sorteio final, em festa cuja data será marcada, será feito com a terceira via de talão de assinatura. É muito indispensável, portanto, que o nome do aluno e do seu grupo constem nas costas da via amarela.

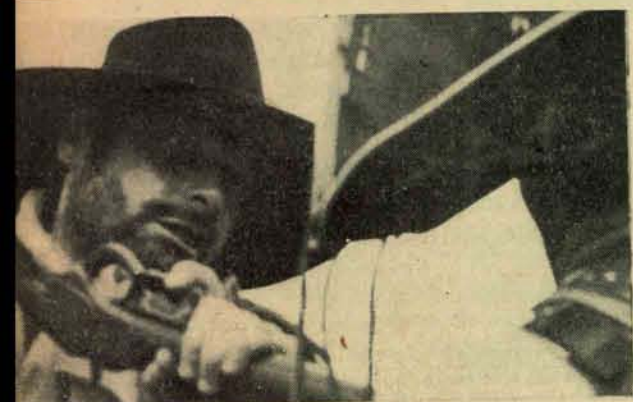
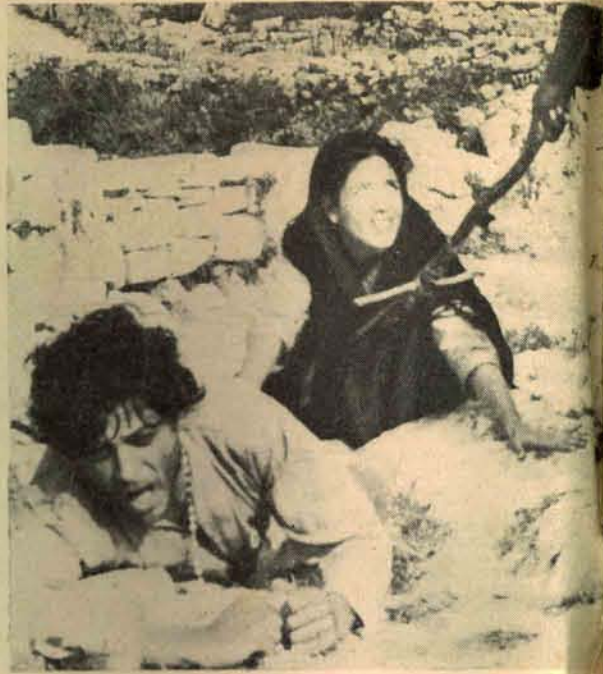
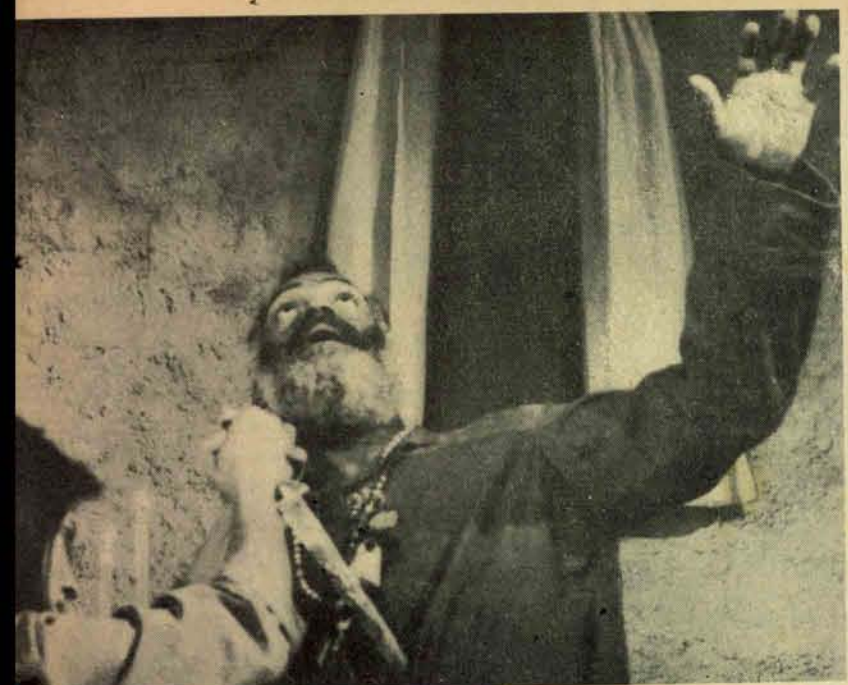
# **A Arte De Ganhar**

## **Cr\$ 2 Milhões**

### **Em Brinquedos**

#### **Da “Estrêla”**





# CINEMA NOVO: ROTEIRO EM LONGA METRAGEM DE UM SUCESSO

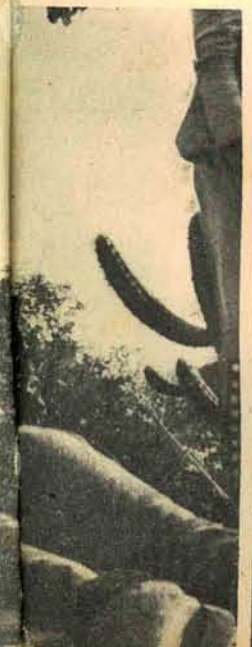
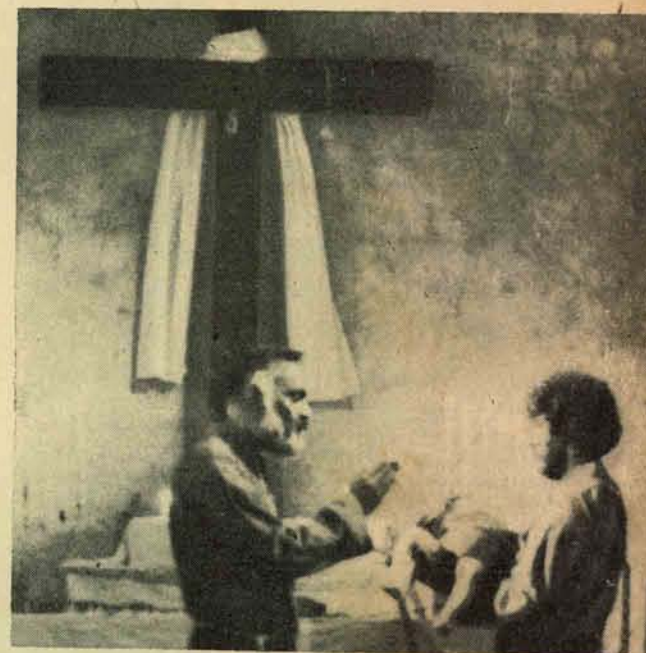
Reportagem de Flávio Márcio e Nélon Santos



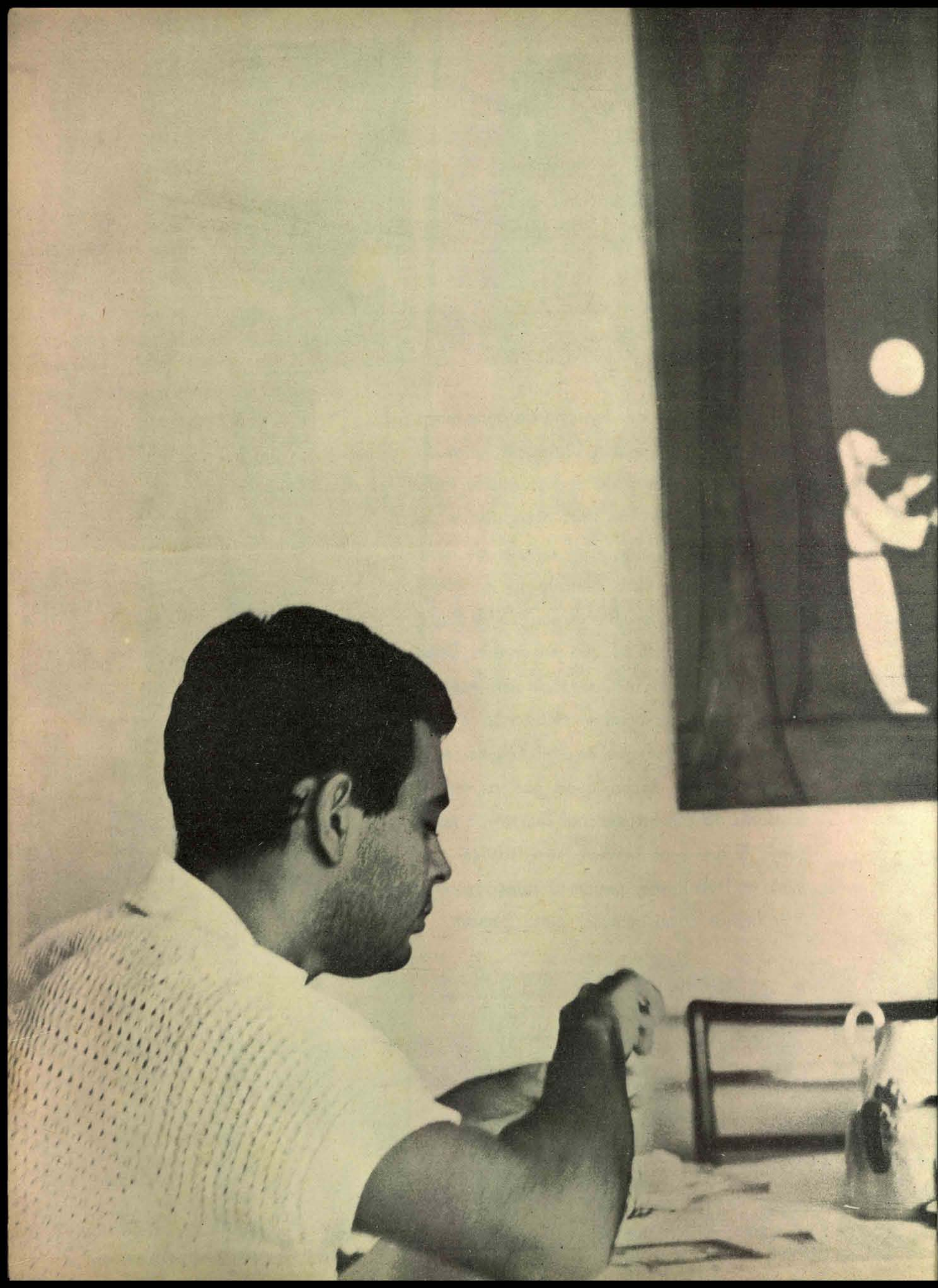




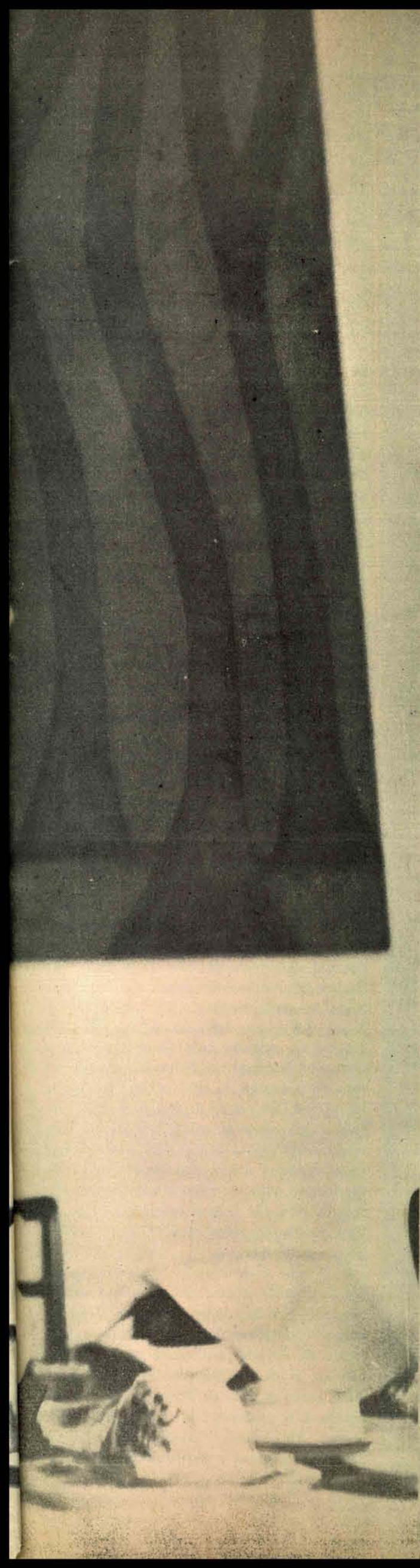
No sucesso de um filme de duas horas de projeção, "Deus e o Diabo na Terra do Sol", pode ser contada a história de todo um movimento de arte, três anos depois de o cinema novo nascer nos artigos de seus futuros diretores. Uma História foi contada: a do vaqueiro Manuel e de sua mulher Rosa, certos tipos de heróis que encontram Deus e o Diabo. Mas uma outra, toda uma história de decepções e sucessos, ainda não é conhecida. É preciso que se saiba quem é o diretor Glauber Rocha, quem são os outros diretores do cinema nacional, sem tempo para sorrir. E que suas estrêlas, sem casacos de mink e Rolls-Royce, pegam o lotação para ir trabalhar como qualquer outra pessoa.











# Glauber: Quem É O Môço De Blue-Jeans Que Faz Obra-Prima

Quando o diretor de cinema Glauber Rocha entrou no escritório de um diretor de Banco, há dois anos, usando calças bluejeans e camisa aberta no peito, a secretária escreveu o seu nome entre os que queriam audiência apenas por gentileza. Ele trazia fôlhas soltas de papel, com a história do vaqueiro Manuel e de sua mulher Rosa, que planejava filmar, depois de descobri-la em feiras populares nas cidades de Monte Santo e Jeremoabo, na Bahia. Agora, quando as pessoas assistem «Deus e o Diabo na Terra do Sol» — duas horas de projeção e música de Villa-Lobos e de Sérgio Ricardo — não deixam de chorar ou aplaudir de pé. É uma obra-prima. E Glauber continua Glauber. Nada modifica os seus hábitos: até mesmo em estréia de filme, ele comparece sem gravata, com as roupas de sempre.

Seu temperamento explosivo pode ser percebido em «Barravento», o primeiro longa-metragem. Os produtores exigiram que Glauber fizesse cortes e reparos para que o público entendesse a história. Ele demorou a aceitar, mas mesmo assim, «Barravento» só passou em Salvador, apesar dos prêmios ganhos em Berlim e Sestri Levante. Sempre exige o máximo de sua equipe. Geraldo Del Rey, que faz Manuel, carrega «mesmo» uma pedra de cem quilos na cabeça numa longa seqüência nas escadarias de Monte Santo. No final, levou cinco pontos no

rosto, por um tombo ao correr loucamente sobre pedras. O fotógrafo Waldemar Lima usou a câmera na mão em quase tôdas as seqüências e dispensou a luz dos rebatedores e refretores, assim como filtros. Estes recursos são normais a qualquer diretor, menos para Glauber. «Deus e o Diabo» é quase todo feito de improviso. Glauber concordou apenas em organizar um roteiro de diálogos, indispensável para a ordem das filmagens. Em compensação, todos os planos do filme foram escolhidos no momento, de acordo com as condições dos lugares das tomadas.

Glauber criou uma tradição de violência e não apenas nos seus filmes. Seu livro, «Revisão Crítica do Cinema Brasileiro», obrigou muita gente a responder nos jornais os ataques que recebeu. Ele criou seu próprio mito, atacando os outros mitos nos jornais de Salvador, onde nasceu em março de 1939. Para chegar a Deus e o Diabo, começou assistindo os clássicos no cine-clubes do seu colégio e fazendo um curta-metragem, «O Pátio», com o dinheiro da mesada de seis meses. Logo que pôde, há cinco anos, deixou Salvador para montar apartamento na rua Visconde de Pirajá, 12, em Ipanema, com a irmã Anecir. São três irmãos: Ana Lúcia, de onze anos, mora com os pais na Bahia. Glauber Rocha, agora, está na França, onde foi passar três meses. Só na volta vai pensar em outro filme.

---

Ninguém encontra no rapaz baiano, de 25 anos, que toma o café da manhã em frente ao quadro do pintor Raimundo de Oliveira — um deus que brinca com uma bola de fogo sobre a terra árida — o autor da história mais bonita que já foi contada no Brasil. Glauber Rocha inaugura o cinema brasileiro com Deus e o Diabo.



São poucas ou simplesmente nenhuma as possibilidades de vida normal no sertão. O sertanejo, o vaqueiro, descobriu-se gerado pelo esquecimento. Armou-se, todavia, de artifícios de auto-proteção que, se de alguma maneira provocaram a explosão do seu drama, transformaram-no em vítima de novo processo: o misticismo.



## Artigo de Glauber Rocha: O Que É Deus E O Diabo

Manuel e Rosa vivem numa pequena cabana das muitas que o Coronel cedeu aos camponeses para cultivar suas terras em função da partilha. Manuel sente a cada dia o peso da inutilidade de seu trabalho. Sonha em seguir o beato que prometera ao povo uma ilha onde os cavalos comem as flores e os meninos bebem leite nas águas do rio. Seus sonhos são de libertação e entendimento. E ele tem todo esse complexo estado de revolta na cabeça quando segue à cidade para vender os bois no mercado e recuperar o seu trabalho na partilha com o Coronel Moraes. Um incidente o faz, quase sem saber, um assassino. Sua fuga para casa é desesperada e pouco tempo tem de avisar Rosa e a velha mãe. Os jagunços seguem o seu rastro. O caminho será o de Monte Santo, junto ao beato e seu povo, mas antes que tal decisão seja tomada a casa é atacada. No campo uma cruz é levantada à beira da cova rasa da mãe do vaqueiro. Três jagunços foram abatidos.

Na pequena cidade de Monte Santo vive Sebastião, o beato. Um deus para muitos outros beatos que vivem à sua sombra, aguardando o dia em que o sol choverá ouro e o momento do êxodo para a ilha prometida. Manuel e Rosa ali chegam e a presença de Sebastião imediatamente se transformará na barreira entre o marido e a mulher. Manuel será o chefe dos jagunços do beato e Rosa a fêmea ferida em seu amor-próprio.

As constantes ameaças e ataques dos jagunços forçam, todavia, a aparição de Antônio das Mortes, o matador de cangaceiros. Sua interferência, segundo as autoridades, será o meio mais eficiente de extermínio dos beatos. Antônio das Mortes é conhecido entre os jagunços e cangaceiros de toda a região e até mesmo as autoridades sentem, ainda que dela façam uso, a sua presença forte e transformadora.

O primeiro encontro com Sebastião impede qualquer ato violento de Antônio das Mortes. O beato é um santo — ele crê — o seu povo nada cometeria de mal. Mas, às notícias de novos e constantes ataques dos jagunços, Antônio das Mortes certifica-se de sua nova missão: a eliminação dos beatos.

Esquecida de sua condição de esposa, Rosa tudo faz para lançar em Manuel a dúvida sobre Sebastião. Manuel é surdo aos seus apelos e suas respostas são sempre as mais violentas. Rosa, todavia, não desiste. O ódio a Sebastião e a seu processo de alienação mística é tão forte quanto o seu amor por Manuel. É também uma espécie de religião cuja única oração é o momento de vingança. Sebastião sente o perigo da presença de Rosa e procura lançar em Manuel a certeza de que Rosa está possuída. Que é preciso salvá-la e que ele, Manuel, deverá para isso trazer Rosa e mais duas crianças até a sua presença, dentro da Igreja, quando então os meninos serão sacrificados. Os beatos estarão do lado de fora do templo, pelas escadarias, invocando preces e castigos.

A cena é demasiado cruel: Manuel vê em suas mãos a faca que liquidou um dos meninos. Seu desespero o sufoca diante do corpo ensanguentado e só um grito profundo de dor deixa-o inerte diante de Sebastião, o deus assassino. A faca cai ao chão, perto da mão de Rosa. E ela sabe que aquela é o momento. E Sebastião está de costas. Abraçado ao crucifixo. E as facadas serão rápidas e destruidoras.



Lá fora, os beatos rezam histéricos. E Antônio das Mortes aguarda com sua volante às ocultas. O sol vai se escondendo e tinge o céu de dourado. E Antônio das Mortes ordena que sua volante abra fogo.

Manuel e Rosa seguem com o cego Júlio, esmolando pelas feiras durante um ano até que um dia, pelo sim ou pelo não, seus caminhos se cruzam com Corisco e Lampião.

Corisco, o diabo louro, é o único remanescente do bando famoso de Lampião. Segue com Dadá e mais três cabras uma rota desesperada, após ter vingado a morte de Virgulino. Quer acreditar que com mais alguns homens poderá restaurar os grandes dias do cangaço. Grita vingança. É ágil ainda em sua beleza de guerreiro invulnerável. Diante dele Manuel começa a sentir a possibilidade de se afirmar como homem. Pede ao diabo louro que o consinta em seu bando e é aceito. Tem novo nome também: Satanás.

Em Rosa, a passagem de cada dia de incerteza confirma tôdas as suas aflições. Ela sabe que seu caminho será o mesmo de Dadá, presa a uma sina implacável. Seus filhos serão filhos de cangaceiro, condenados por todo um sistema. Sem possibilidade de fuga. Mas todo o seu desespero não é suficiente para fazê-la esquecer de sua frustração de mulher esquecida. E Corisco a deseja como uma nova Maria Bonita. E ela será sua. E seu filho será dele.

O dia da fuga final não tarda. É o cego Júlio quem traz a notícia. Durante uma semana seus trajes serão disfarces de tropeiro. E a caatinga será implacável. O encontro tem data e local certos: um dia de maio na cidade de Cocorobó.

Antônio das Mortes grita por Corisco. A cabana está cercada. E a perseguição é tremenda. Os tiros ecoam no campo aberto. O diabo louro resiste sem tréguas. Sua espingarda é certa. Mas Dadá é atingida e ele vê Antônio das Mortes. Deixa a espingarda cair e saca o funhal. Corre em direção ao inimigo, que também o vê. E chocam-se violentamente».



«Da submissão ao misticismo nasce em Manuel e Rosa uma violência própria e única, somente comum ao vaqueiro: o grito revoltado de sua miséria, pela qual revelou-se a sua transformação». Para contar a história de Manuel e Rosa o diretor Glauber Rocha gastou 36 dias filmando com uma câmera que se quebrou duas vezes.



O modelo de estrêla do nôvo cinema nacional é uma môça loura, de 23 anos, três filmes e uma filha: Helena Inês, tôdás as noites, volta ao seu apartamento de sala e quarto no lotação Castelo-Leme — como se mansão e o carro com chofer fôssem sonhos mortos nos planos da menina que queria ser artista. Ela é o exemplo da atriz moderna, que se adapta às circunstâncias, sempre disposta a fazer sacrifícios. Sua história é simples como a das outras estrêlas: começou pelo teatro, através de um curso feito em Salvador, onde nasceu, casou e viveu infeliz por algum tempo, antes de mudar para o Rio e ganhar dinheiro anunciando pneus na tevê.



**HELENA**

**É O MODELO**

**DE ESTRÊLA**

**DO CINEMA NÔVO**







Quando Luísa Maranhão veste um maiô branco e brinca com as ondas na praia de Ipanema, ela não está usando apenas um tempinho de folga entre dois filmes, mas, simplesmente, esperando trabalho em seu repouso de estrêla.



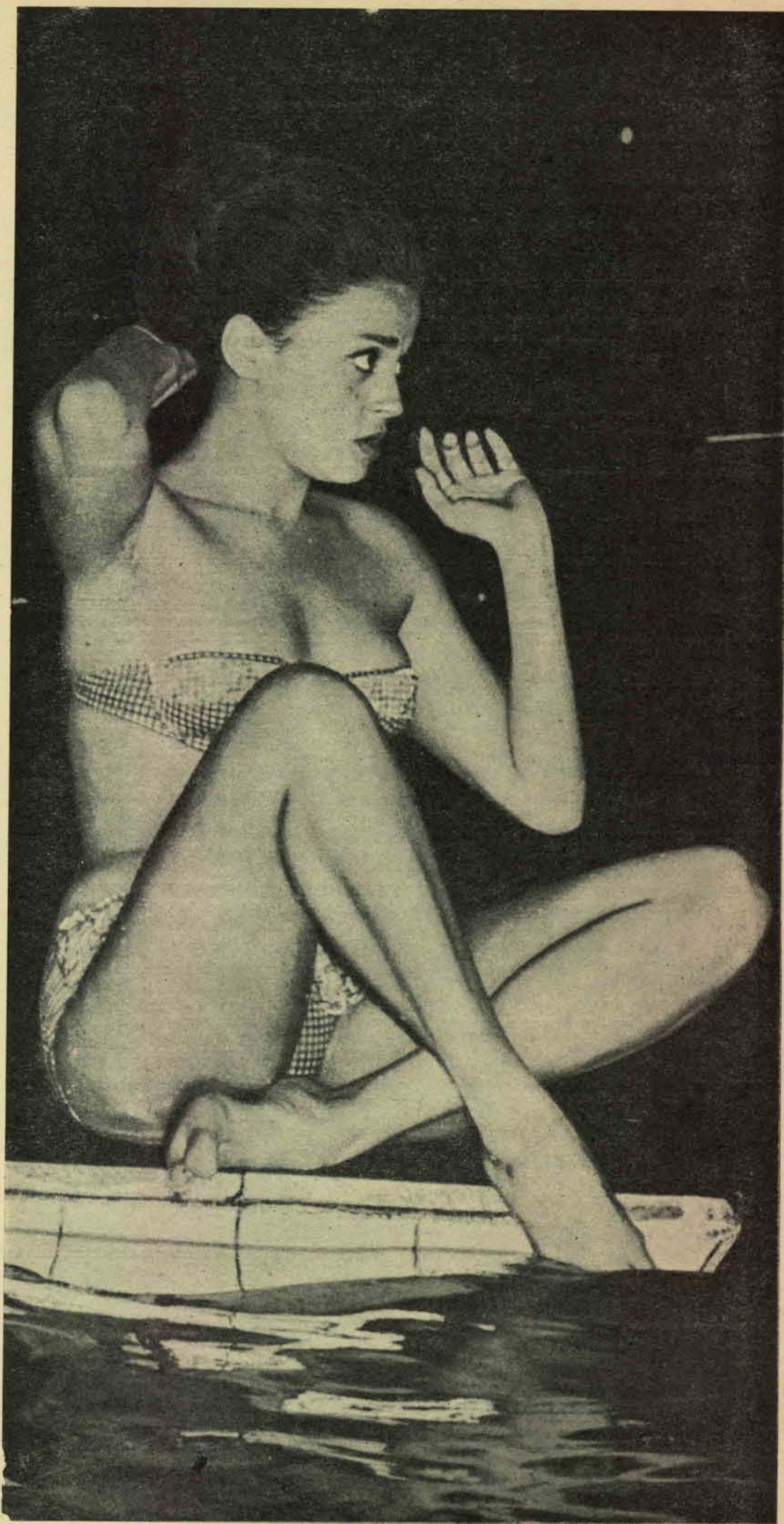
## DE LUÍSA A NORMA, SONHO É O MESMO: A GLÓRIA NO CINEMA



Alta e magra, ótima atriz de teatro, a modelo Isabella é a amante oficial do novo cinema brasileiro: deixou de frequentar o bar Gôndola, em Copacabana, para ficar em seu apartamento, no Leblon, esperando numa rede o momento de estrear «Desafio da Fera».



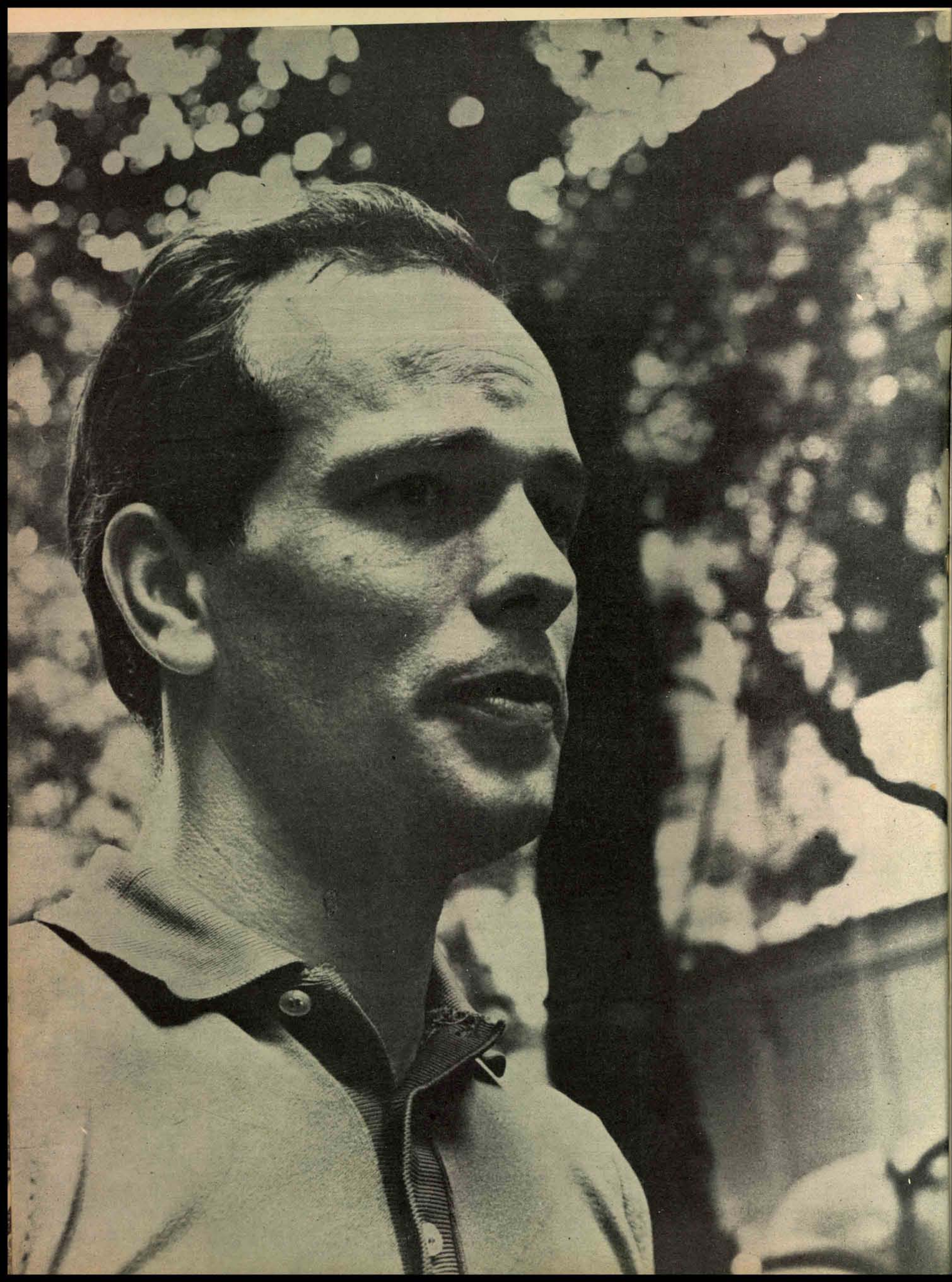
Quase todas as atrizes do cinema novo começam fazendo um curso de teatro, que, no mínimo, serve para introduzi-las entre as pessoas-chaves do movimento. Mas podem chegar ao cinema, também, através de apresentações de conhecidos comuns que frequentam os mesmos bares. Um diretor pode encontrar sua estrêla até mesmo no escritório de um dos seus melhores amigos, como foi o caso da atriz de «Vidas Secas», Maria Ribeiro, descoberta por Nelson Pereira dos Santos trabalhando para o produtor Herbert Richers. Uma pergunta indispensável que se faz a uma futura estrêla, é se ela está realmente decidida, mesmo sabendo de todos os problemas. Por exemplo: grande parte dos filmes são feitos no Nordeste, em cidades do interior, onde não se consegue comprar nada apesar de ter o dinheiro. O almoço de uma estrêla — que, em Hollywood, é servido por garçons e começa na base do champagne — pode ser reduzido, no Brasil, a carne seca com farinha. Em geral, elas se deixam conquistar pela tevê — onde ganham muito mais — ou pelo teatro — onde trabalham continuamente. As que resistem têm de dar o máximo na hora da partida: em «Barravento», de Glauber Rocha, Luísa Maranhão começa mostrando o corpo para seduzir um dos atôres e a platêia. Ela sabia, desde o primeiro momento, que um fracasso poderia encerrar-lhe definitivamente a carreira. E que as atrizes do cinema nacional não têm o direito de errar, pois um segundo filme às vezes demora. Para se livrar desta ameaça, Norma Benguell «fugiu» para a Itália, com a ajuda dos prêmios internacionais de «O Pagador de Promessas». Se a atriz chegar com o nome feito — como Norma — um filme de grande custo lhe dá Cr\$ 4,5 milhões. Mas se ainda não é uma estrêla de grande alcance entre o público não ganha mais do que Cr\$ 300 mil. Algumas chegam até a trabalhar de graça, esperando receber alguma coisa com o sucesso do filme. Quando há o fracasso, a atriz arruma suas coisas e volta ao palco, certa de que o abandona novamente se o cinema precisar. E a volta muitas vezes vale a pena: o último filme de Yoná Magalhães, «Pista de Grama», nem chegou a passar; três anos depois ela é a Rosa de «Deus e o Diabo», o trabalho mais importante de uma atriz no cinema nacional.



Na volta da Itália, Norma Benguell trouxe além da fama um marido de nome Gabrielle, o único que tem acesso às suas manhãs na piscina do Copacabana Palace. Maria Gladys, de «Os Fuzis», faz teatro por falta de trabalho contínuo em cinema, que descobriu ao ver Julie Harris amar James Dean em «Vidas Amargas».









# SER E NÃO SER, EIS A QUESTÃO (E O PROBLEMA) DOS DIRETORES

No momento em que o diretor de "Vidas Secas", Nélson Pereira dos Santos, de 25 anos, volta à Redação do Jornal do Brasil - onde é reescritor - ele prova, outra vez, a existência de um velho drama, o mesmo que torna cada vez mais raros seus cabelos e é comum a todos que fazem cinema no Brasil. Os diretores respondem pelo fracasso ou pelo sucesso de um filme, mas, para fazê-lo não basta talento, vocação e esforço. Da idéia inicial até ficar pronto um filme espera dois ou três anos: o resultado pode ser as vaias do público na estréia em Copacabana. Mas se eles já conseguiram, como o diretor Roberto Faria, olhar o visor de uma câmera e contar uma história, metade do sonho está realizado.



Roberto Faria, que trabalha com uma câmera desde menino, é um diretor de transição, o único que conseguiu transferir-se com êxito dos filmes cômicos para os sérios. Aos 33 anos, domina inteiramente a técnica em cinema e espera muito de seu último filme, «Selva Trágica».



# Método Prático (Com Talento E Sem



Ruy Guerra é português de Moçambique, tem 42 anos, e passou a usar barbas longas desde seus tempos em Paris, onde estudou cinema. «Os Fuzis», seu último filme — o primeiro foi «Os Cafajestes» — não saiu exatamente como ele queria, mas Guerra diz isso tranqüilamente e mostra a mesma calma quando apaga um cigarro em seu apartamento em Copacabana.



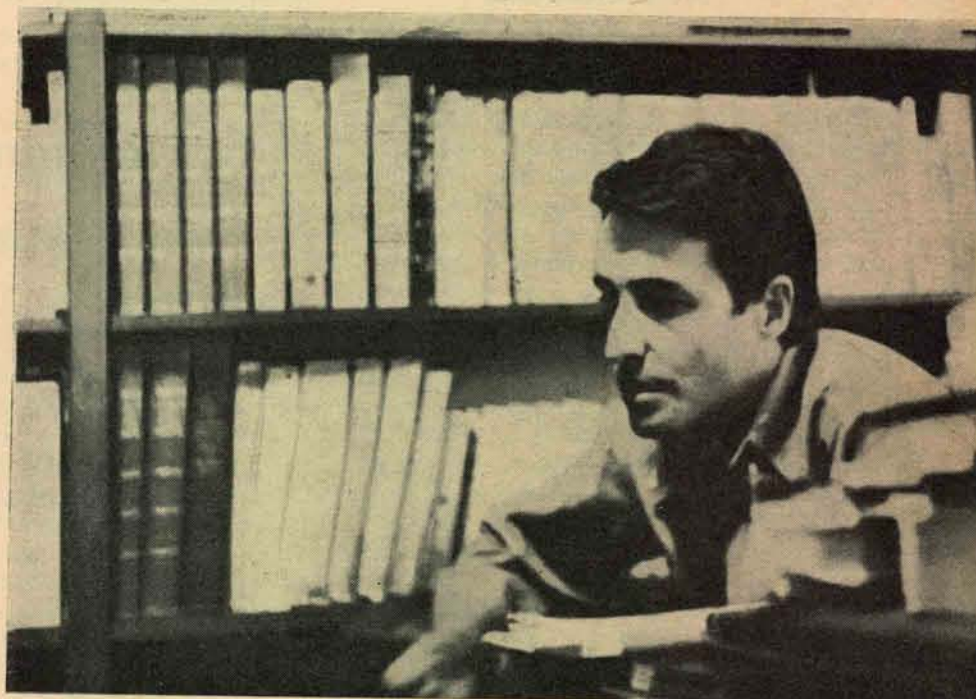
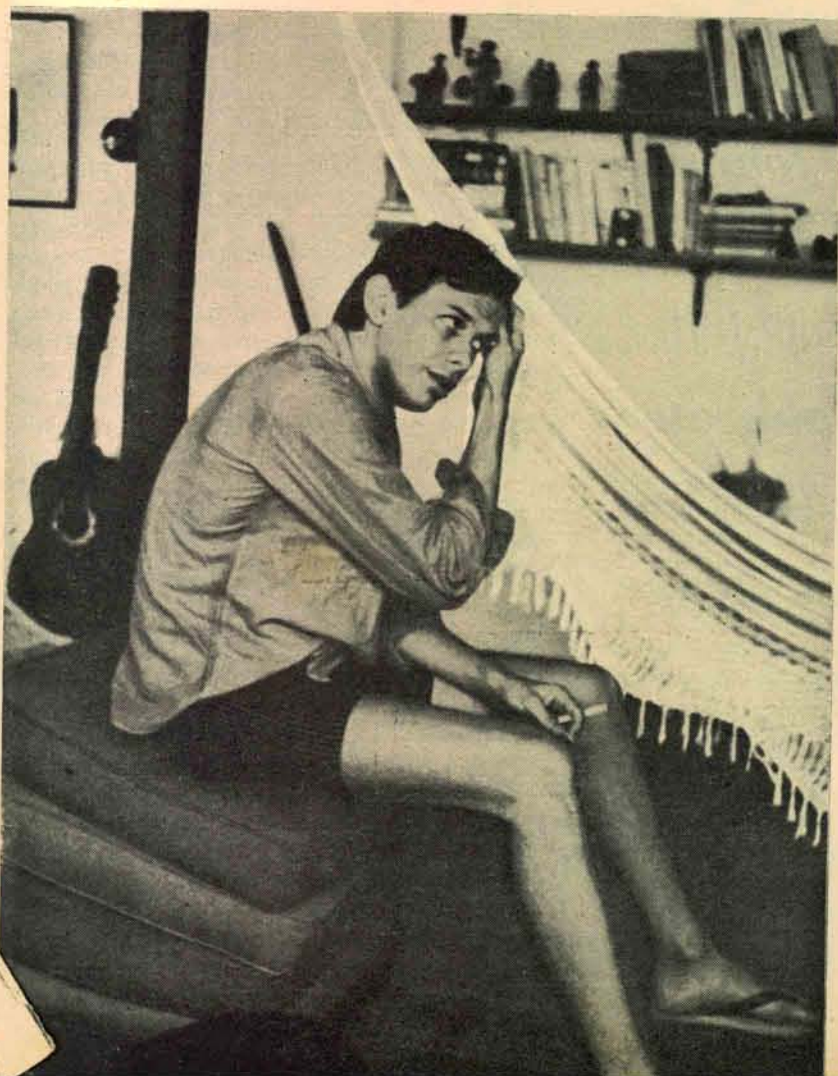
# Dinheiro) Para Se Fazer Diretor De Cinema

Para fazer «Vidas Sêcas», o melhor filme do cinema nacional depois de «Deus e o Diabo na Terra do Sol», Nélson Pereira dos Santos ganhou apenas Cr\$ 300 mil. Uma semana após as filmagens terminarem, ele voltou ao seu emprego de redator. Com mulher e três filhos, morando em apartamento alugado, em Niterói, Nélson não tem qualquer outra alternativa. Seu caso não é exceção: Paulo César Saraceni, por exemplo, tem que morar no apartamento de amigos, na Avenida Ataulfo de Paiva, 50, no Leblon, enquanto Joaquim Pedro vive na

casa de seus pais, na rua Nascimento Silva, 190, em Ipanema. Para ir aos laboratórios da Líder, em Botafogo, onde são revelados e montados os filmes do cinema nôvo, eles tomam o lotação, porque só os amigos que trabalham na tevê têm carro, e táxi é luxo para ocasiões muito especiais. Mas esta é apenas uma parte de seus problemas. Se conseguem, com muito esforço, dinheiro para fazer um filme, isso ainda não é tudo: são obrigados a esperar que o material técnico indispensável fique livre, pois só existem três estúdios com maquinária no

Rio. Antes de rodar «Os Fuzis», Ruy Guerra fez planos durante três anos. Conseguiu realizá-lo em quatro meses, em Milagres, na Bahia. Em seguida, trouxe os negativos para o Rio, mas a Líder estava ocupada. Ficou dois meses parado, sem poder fazer nada, e com todos os compromissos financeiros vencendo. Nas filmagens de «Deus e o Diabo», em Monte Santo, também Bahia, os trabalhos foram paralizados 18 dias, por culpa das chuvas de verão. E a câmera, uma Arry-Flex, quebrou duas vezes, levando o fotógrafo Waldemar Lima

a São Paulo só para consertá-la. O resultado disso tudo entra na fôlha dos «prejuízos»: três milhões, aumentando para vinte o orçamento da produção. Quando um filme nacional recebe prêmio em festival europeu — como aconteceu com «Barravento», o primeiro de Glauber, «Couro de Gato», de Joaquim Pedro, e «Arraial do Cabo», de Saraceni — eles chegam ao Brasil através da Embaixada ou mesmo do correio comum, porque os diretores não têm dinheiro para viajar. Às vezes, ganham bolsas de estudos através do Itamarati, mas isso é outro caso.



Paulo César Saraceni espera com um gesto de cansaço a aprovação de um programa mínimo em defesa do cinema nacional. E' a mesma esperança de Joaquim Pedro — que lembra o ator George Chakiris, de «West Side Story» — e só deixa sua biblioteca para fazer um filme ou jogar vôlei com os amigos no Castelinho.



# Seis Personagens À Procura De Um Mandato:



*Lyndon Johnson*  
*Bob Kennedy (Foto)*  
*Nelson Rockefeller*  
*Barry Goldwater*  
*Alfred Nixon*  
*Henry Cabot Lodge*

**PRÉVIA** — A primeira grande prévia eleitoral foi realizada mês passado nos EUA, no pequeno estado de New Hampshire, e apresentou resultados mais que curiosos. Os nomes envolvidos pelos eleitores são, na maioria, nossos conhecidos: Lyndon Johnson, Robert Kennedy, Nelson Rockefeller, Barry Goldwater, Alfred Nixon e Henry Cabot Lodge. As situações é que são novas. E às vezes surpreendentes. Nestas prévias, procuram os partidos auscultar a opinião popular, em diversos estados, para ver quais de seus maiores políticos têm possibilidade de disputar a corrida presidencial. A prévia de New Hampshire caracteriza-se por ser facultado aos partidos e cabos eleitorais indicarem nomes que não constam de inscrições prévias e não estão consignados nas máquinas de votar. Não se tem ainda o cálculo exato, mas foram gastos centenas de milhares de dólares nesta prévia. Só os partidários de Goldwater entraram com 150 mil dólares. Rockefeller entrou com muito mais. Milhares de pessoas foram mobilizadas para o trabalho nesta eleição em miniatura. Basta dizer que a NBC empregou 600 homens nas operações de transmissão de televisão e rádio.

**CAMPANHA** — A agitação maior coube ao Partido Republicano, que ainda não tem um candidato de unificação de forças. Rockefeller e Goldwater, os dois principais nomes republicanos, trabalharam como se estivessem em verdadeira campanha nacional. Discursos, comícios, acordos, sorrisos, apertos de mão, «terrible jokes», cada um observando com alarme as perspectivas do outro. No seu entender, a convenção nacional do PR, em julho, escolherá entre eles o candidato à presidência, e o escolhido será, naturalmente, o que estiver mais forte. Representam duas posições dentro do seu próprio partido. Goldwater é radical, segregacionista e sulista; Rockefeller é um elemento mais liberal, se é que se pode falar em liberalismo dentro do Partido Republicano. A luta estava, assim, aberta entre os dois.

**RESULTADO** — O resultado da prévia foi surpreendente, inclusive para os candidatos e seus financiadores. Entre os republicanos, saiu vencedor um homem que não era can-



# COISAS DE GENTE

Ivan Ângelo

didato inscrito e nem estava no país: embaixador Henry Cabot Lodge (já esteve em missão no Brasil, lembram-se?), atualmente em serviço no Vietnã do Sul. Lodge ficou com 33.007 votos (35,4 por cento do total de votos), Goldwater com 20.692, Rockefeller com 19.504, Nixon com 15.587, e outros com cifras insignificantes.

**LODGE** — O homem deles em Saigon não era candidato e, mesmo agora, após o resultado surpreendente da prévia, continua dizendo que não é. Declarou textualmente ao repórter do «Time» em Saigon: «Afirmando sem hesitação que não tenho intenções de voltar à casa para tornar-me candidato. Posso afirmar com igual certeza que tenho um grande trabalho para realizar aqui e pretendo realizá-lo, ponto final». No fundo, entretanto, parece que as coisas não terminam neste ponto final, porque Lodge sabia das articulações que se estavam fazendo para indicar seu nome em New Hampshire, e aceitou-as. Talvez por vaidade ou para futuras negociações, mas aceitou. O posto diplomático de Saigon revelou-se, então, de grande importância política. Os articuladores de seu nome trabalharam nos bastidores, enviando milhares e milhares de cartas para os eleitores, ensinando como indicar Lodge, cujo nome não constava das máquinas de votar. Apesar da complicação, o resultado superou em muitos as expectativas dos articuladores (calculavam, com otimismo, 20 mil votos, a estourar). E o PR, cujo problema é a escolha de um nome, está às voltas com mais um, sem saber ainda o que fazer.

**GOLDWATER** — Muitos líderes republicanos acreditam que não têm muita possibilidade de vencer os democratas com o nome de Goldwater porque, sendo ele um radical da extrema direita, não contaria com a simpatia do povo americano, temeroso de que o radicalismo de posições possa desencadear uma terceira (e final?) guerra mundial. Sua disposição de invadir Cuba e romper de vez com a União Soviética é considerada pouco hábil, em termos populares. A prévia, entretanto, não modificou sua ótima posição dentro do PR: continua controlando o maior número de delegados para a convenção de julho. Acha que cometeu erros

na campanha de New Hampshire, mas não acredita que o nome de Lodge venha a crescer nos próximos meses. E referindo-se aos famosos repousos vespertinos de Cabot Lodge, comentou: «Não podemos vencer os democratas com um homem que faz campanha somente uma hora ou duas por dia».

**ROCKFELLER** — O governador de Nova Iorque é vítima de um preconceito puritano, e levou séria desvantagem na puritana New Hampshire: seu divórcio e novo casamento não é bem visto por grande parte do povo. Com efeito, nenhum divorciado conseguiu até hoje eleger-se presidente dos EUA. (Ficou célebre a campanha de Andrew Jackson, casado com uma divorciada. Os puritanos fizeram uma célebre passeata, com cartazes dizendo: «we don't want a whore in the White House» — não queremos uma prostituta na Casa Branca. Mas Jackson acabou vencendo). Apesar de ser colocado em terceiro lugar na preferência dos republicanos, Rockefeller gostou do resultado da prévia. Referindo-se, claro, a Goldwater, disse que o resultado foi «uma vitória da moderação», porque os votantes rejeitaram o «extremismo dentro do partido». Acredita, então, que suas possibilidades são maiores do que pensava. Não sendo Lodge candidato, a corrente moderadora vai promover seu nome. Com uma boa campanha, acredita que será escolhido pela convenção.

**NIXON** — Considerado inexpressivo, um João ninguém, já venceu o mesmo Cabot Lodge na convenção republicana de 1960, quando perdeu as eleições para Kennedy. Derrotou Lodge por sua capacidade de trabalho, por ser o que se chama por aí de «cavador», e sua grande capacidade de debate. (Capacidade, aliás, que não o ajudou muito no célebre debate com Kennedy, antes das eleições de 60, quando foi batido em toda linha pelo intelectualismo e clarividência do presidente morto). Admite que não é candidato de fato, «mas nenhum dos outros também o é», e acha que a coisa só se resolve com campanha, e expressando a vontade popular. E com base em seus números de New Hampshire vai colocar-se em campo para a luta. Diz-se o único homem de seu partido capaz de «criar um caso com Mr. Johnson»,

eficazmente. E sua base de campanha é a oposição à administração Johnson.

**DEMOCRATAS** — O lado dos democratas não apresenta aspectos menos curiosos. Só com muito azar na administração, Johnson não será candidato do PD. Obteve 29.317 votos. Robert Kennedy foi indicado como vice-presidente, à sua revelia, e obteve 25.094 votos. Essa diferença de pouco mais de quatro mil votos, embora pequena, foi um alívio para a Casa Branca e os partidários do presidente. Johnson não quer o jovem Kennedy como seu companheiro de chapa, prefere ele mesmo escolher um nome entre seu pessoal. O fato é que as relações políticas entre Bob e o presidente não são as melhores. Em 1960, Bobby não escondeu de ninguém que não queria Johnson para companheiro de chapa de seu irmão. Depois disseram-no responsável pelo ostracismo em que caiu Johnson após eleito vice. A morte de Kennedy foi uma mão na roda do carro político de Lyndon Johnson.

**BOBBY** — É o próprio presidente quem insiste para que o menino Bobby Kennedy permaneça no cargo de Procurador Geral da República. Sabe que não pode evitar a popularidade do nome Kennedy. Procura, entretanto jogá-lo em algumas frias, como a missão nas Filipinas, e o caso da lei dos direitos civis para os negros, que provoca divisões dentro do próprio Partido Democrata. Fazendo Bob tomar partido, coloca contra ele os adversários do projeto de lei. Quando a campanha para indicação do nome de Bob em New Hampshire começou a crescer, este compreendeu que seria embaraçoso e prejudicial para o próprio partido se tivesse mais votos para vice do que Johnson para presidente. Retirou seu nome da prévia, mas os líderes reclamaram que era impossível não aproveitar o milagre do nome Kennedy, e passaram a recomendar o voto nos nomes de Bob e Johnson juntos. O resultado não mudou muita coisa para Bob, e ele recentemente declarou a um grupo de estudantes que o foi visitar que não sabia o que ia fazer de sua vida, e acrescentou: «Assustador, não é?». De qualquer forma, afirma que depois de novembro não será mais o Procurador Geral da República. E novembro é o mês das eleições...



# EM POUCAS

O Gov. Magalhães Pinto, mestre em conspiração, surpreendeu aos chefes militares com sugestões destinadas a driblar os agentes secretos do General Assis Brasil. Uma delas: todos, inclusive o Marechal Denys, que é velhinho, deviam usar camisa esporte para tornar menos suspeito um encontro secreto no Aeroporto de Juiz de Fora.

O Sr. Lomanto Júnior, Governador da Bahia, ao saber, através do telefone interurbano, que a revolução ia derrubar Jango: — «Logo agora, que eu consegui um empréstimo de Cr\$ 4 bilhões para a Bahia».

Do General Mourão Filho, quando a tevê começou a transmitir o discurso do ex-Presidente João Goulart, na Sexta Feira, 13: — «Não agüento mais ver a cara desse homem».

O Gov. Magalhães Pinto, na noite em que a revolução estourou, pediu dois interurbanos em aparelhos diferentes: um para o Gov. Meneghetti, (que também conspirava), outro para o Gov. Badger Silveira (que não conspirava). Na confusão natural do momento, anunciaram ao Sr. Magalhães Pinto que Meneghetti estava na linha, mas o Governador de Minas confundiu os aparelhos e contou todos os planos ao Sr. Badger Silveira, que, muito assustado, dizia: — «É engano Governador, não sou o Meneghetti, sou o Badger». Saída do Governador Magalhães Pinto: — «Ah, é? Então, Governador Badger, fique sabendo que a revolução está nesse pé e que é invencível».

César de Alencar, o animador de auditório da Rádio Nacional que andou em cartaz, após a revolução, por denunciar 149 colegas como esquerdistas, é o mesmo que gravou os «jingles» «Vamos Jangar», que ganhou uma caneta de ouro mandada de presente por artistas soviéticos e que não se cansava de exaltar a «o intercâmbio musical Brasil-URSS».

Vinicius de Moraes, depois de vencer como poeta, compositor, teatrólogo e diplomata, consegue nova vitória (esta, inesperada): o disco em que êle estréia como cantor, além de muito tocado pelas rádios, está sendo quase tão procurado quanto os de Pery Ribeiro.

Sandra Cavalcanti, aquela que o cronista Stanislaw Ponte Preta chama de «Carlos Lacerda de saia» (imita o Governador da Guanabara até na entonação da voz) veio a Minas agradecer, pela tevê, a «colaboração que os mineiros deram na vitória do nosso movimento». Para que dona Sandra fique melhor informada: a revolução de 31 de março começou aqui, teve como líderes o Governador Magalhães, seu chefe civil e os Generais Mourão Filho e Carlos Guedes.

José Lins do Rêgo, o grande romancista do «ciclo na cana do açúcar», cuja morte, há alguns anos, veio surpreendê-lo com uma história por ser escrita, terá sua obra filmada: — «Menino de Engenho», que será rodado na Paraíba. Anecir Rocha, irmã de Glauber Rocha, o de «Deus E O Diabo...» já foi escolhida como a principal intérprete feminina.

O Coronel Bimbim, chefe político e prefeito de Aimorés conseguiu, ao morrer de enfarte, dias atrás, desmentir uma lenda: a que lá só «se morre de morte matada».

Bob Zagury ou «Monsieur Bardot», talvez por estar vivendo no mundo da lua (muito bem acompanhado) deixou, sem nenhum temor, a barba crescer: está parecendo um dos barbudos de Fidel Castro.

Brigitte Bardot, novamente: ela descobriu que não há coisa melhor do mundo que ouvir dois senhores compositores chamados Dorival Caymi e Tom Jobim cantando suas músicas.



# PALAVRAS

Sua Majestade Pelé, Primeiro e Único analisou, numa reportagem-artigo que **Alterosa** publicará mês que vem, todos os problemas do futebol brasileiro. É trabalho exclusivo que, certamente, terá repercussão nacional: aguardem.

O jornalista Dídimo Paiva, dando a receita, no prefácio que fez para a tradução brasileira de «Profiles In Courage», de como fazer um grande estadista: misture a prudência de Washington com a humildade de Lincoln; adicione depois a audácia de Hamilton e a astúcia de Jefferson; acrescente um pouco do espírito democrático de Jackson e do sentimento social de Roosevelt — e eis o perfil de John F. Kennedy. «Profiles In Courage», que ganhou o nome de «Política E Coragem», é um lançamento da Difusão Pan Americana Do Livro.

O Senador Afonso Arinos, que gasta 15 minutos para escolher uma gravata, segundo suas próprias confissões, demorou apenas 60 segundos para decidir a entrar, de corpo e alma, na revolução.

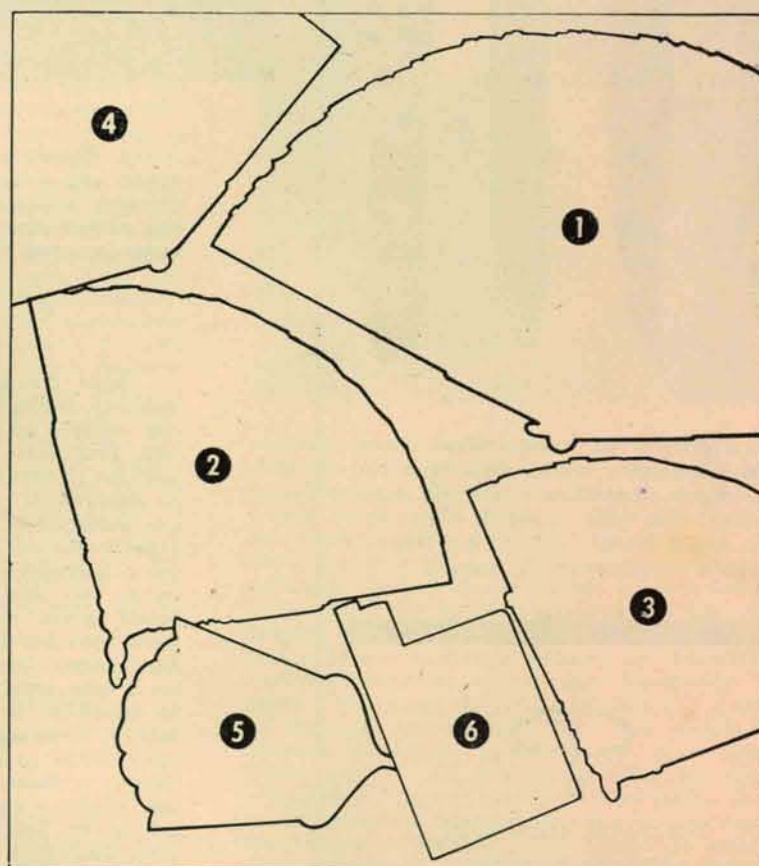
Márcio Sampaio, poeta de 21 anos que acaba de lançar «Rubro Apocalíptico», seu livro de estréia, apesar de ter nascido numa pequena cidade de Minas e ser bom no ofício, já sabe que nunca será o melhor de sua terra: ele é de Itabira, território ocupado por Carlos Drummond de Andrade.

O Sr. José Maria de Alkmin, ao telefonar, logo no início da revolução, para o Senador Benedito Valadares que lhe dizia, voz trêmula e difícil «cuidado, Alkmin, fale baixo», saiu-se com esta: — «Que você tenha medo de falar, eu admito, Benedito, mas medo de ouvir é demais».

Do dep. Último de Carvalho, tomando conhecimento de que o mesmo Sr. José Maria de Alkmin era um dos líderes da revolução: — «O Jango cai em menos de dois dias: conheço o Alkmin, ele não dá murro na ponta da faca».

O time de Garrincha, num defeito que está unindo todos os cronistas, desde Armando Nogueira a João Saldanha, que têm condenado o técnico Zoulo Rabelo: não ataca pela esquerda.

## VEJA ANÚNCIO NA CONTRA-CAPA

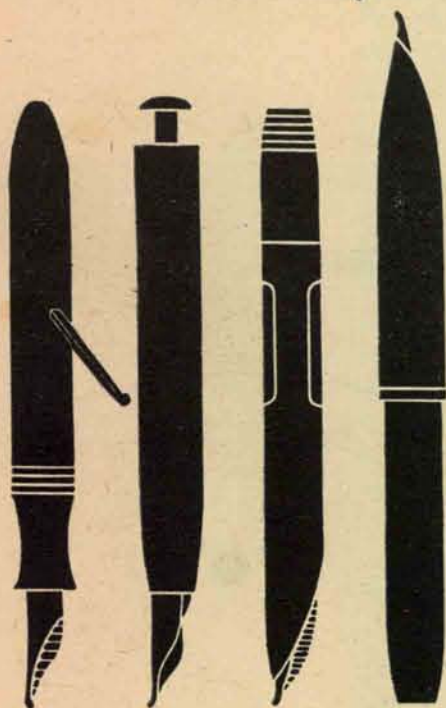


(Coleção do Museu Histórico Nacional)

- 1 Leque pintado pela Princesa Isabel 2 Leque francês do século XVIII com cenas pastorais características da corte de LUIZ XV  
3 Leque de madrepérola do século XIX 4 Leque francês do século XIX estilo Império 5 Ventarola javanesa do princípio do século 6 Cigarros LUIZ XV... preparados para o seu bom gosto.



- Num ponto  
nós somos iguais:  
trabalhamos  
melhor com  
Super Quink!



Com a garantia do nome Parker, Super Quink proporciona escrita mais fácil, rápida, segura, duradoura - e muito mais brilhante! Oito lindas cores. E lembre-se: Super Quink contém Solv-X, que limpa e protege a caneta enquanto escreve.



TINTA DE ESCREVER  
PARKER.

*super Quink*

Distribuidores exclusivos para todo o Brasil

**COSTA PORTELA  
INDÚSTRIA E COMÉRCIO S.A.**

Av. Pres. Vargas, 435 - 8.º andar - Rio



A fábrica conseguiu guardar o segredo durante vários meses — Importantes inovações técnicas e mecânicas — Modificações também nas linhas externas e no estofamento — Nova gama de cores com algumas metálicas.

Após ter conseguido manter sob o mais rigoroso sigilo, por vários meses, seus planos com relação ao ano de 1964, a Simca do Brasil está finalmente liberando para a imprensa as notícias ligadas ao lançamento da sua nova linha de automóveis — denominada Simca «Tufão» — que certamente está destinada a obter a maior repercussão nos meios automobilísticos nacionais, pelas inovações e aperfeiçoamentos que incorporou aos seus modelos. Como é do conhecimento geral, a empresa tem se caracterizado como uma das indústrias que maior preocupação demonstrou com a atualização dos seus modelos e com uma rigorosa adaptação dos mesmos às condições de uso brasileiras. Para tanto a fábrica inspirou-as num binômio que tem orientado todas as fases de produção dos veículos Simca: o constante trabalho de pesquisa junto aos usuários dos seus carros e um amplo programa de testes práticos que reproduzem as mais diferentes e severas condições de utilização dos automóveis Simca em todas as regiões do Brasil.

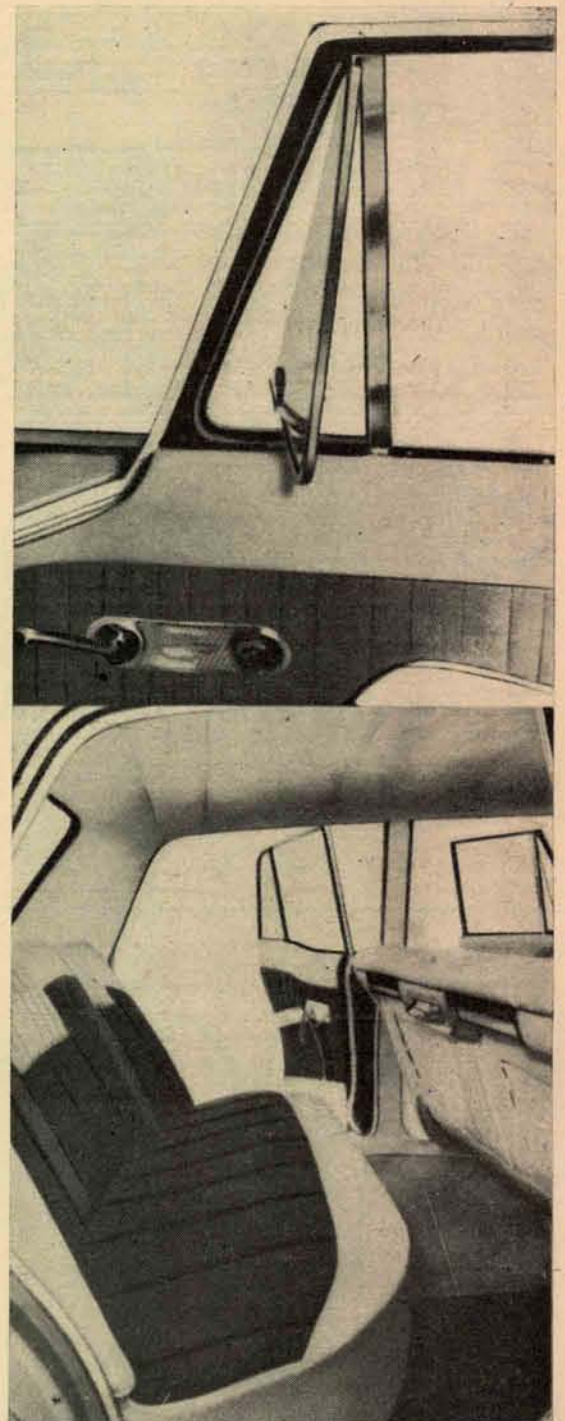
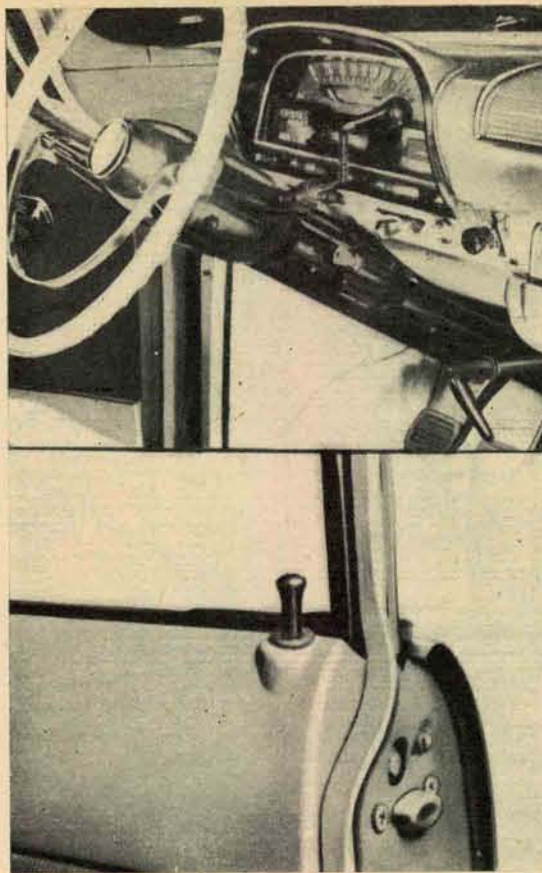
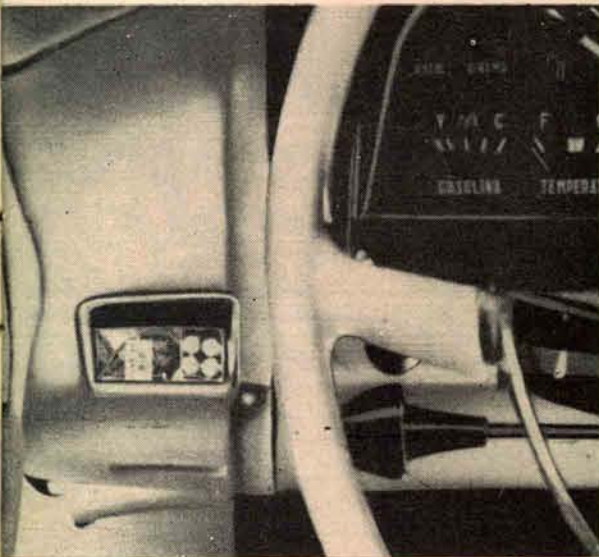
Não foi por outra razão que, mesmo produzindo carros tipicamente de passeio, a Simca não vacilou em submetê-los, com a maior intensidade possível, às mais duras competições automobilísticas que têm sido realizadas em nosso país. O Chambord — do qual derivam os demais modelos — cumpriu nos últimos anos uma árdua e terrível maratona esportiva composta de mais de meia centena de provas de resistência ou de velocidade, num confronto direto com carros

Grã-Turismo, com viaturas importadas da chamada «fôrça-livre» ou mesmo com máquinas eminentemente de construção esporte, dotadas de maiores recursos de potência e cilindrada. E a verdade é que os carros Simca acabaram conquistando a vitória em muitas dessas competições, colhendo não apenas triunfos esportivos, mas preciosas lições técnicas que os engenheiros da fábrica transformaram em melhoramentos incorporados aos modelos de série.

## O Novo Motor «Tufão»

Um dos pontos que tem merecido a maior atenção dos técnicos da fábrica é aquele relacionado com o aumento da potência do motor «Aquilon» V-8 que equipa os carros Simca. E como resultado de longos estudos e testes, a fábrica pode agora anunciar, incorporados na linha 64, vários aperfeiçoamentos que conferem ao referido motor índices ideais de potência para as suas exigências de peso, carga e velocidade. Assim, os admiradores da marca encontrarão agora em todos os modelos o novo Motor Tufão, que no Chambord, no Jangada (Utilitário ou de Luxo) e no Alvorada desenvolverá 100 HP de potência, enquanto no Rallye Especial e no Présidence essa potência foi elevada para 112 HP, melhorando ainda mais os índices de performance dos referidos modelos. Basta que se diga que testes realizados pela fábrica demonstraram marcas de aceleração de 36,2 segundos para o quilômetro, além de velocidades máximas que superam os 160 km/horários. Entretanto, as inovações mecânicas não se limitaram ao motor, pois o aumento da potência requer normalmente várias outras soluções paralelas. Uma delas foi





## SIMCA DO BRASIL LANÇA SUA LINHA PARA 64: TODOS OS MODELOS RECEBERAM MELHORAMENTOS

a introdução de um radiador de óleo, para assegurar a mais absoluta lubrificação interna (especialmente aos tuchos e guias de válvulas) em qualquer regime de trabalho. Outra inovação reside no sistema de escapamento duplo, que anteriormente equipava apenas os modelos Rallye e Présidence e que agora é encontrado em todos os modelos da linha Simca. A embreagem foi também dimensionada de acordo com a potência do motor «Tufão», tendo a área de contato sido aumentada e melhorada a ventilação. Com isso, a transmissão dos carros Simca que inclui a caixa de câmbio «3 Sincros» com todas as marchas sincronizadas ganhará ainda maior eficiência e durabilidade. Resta acrescentar que o motor «Tufão» apresenta excelente rendimento de combustível: dependendo das condições de uso é possível continuar obtendo um índice aproximado de 9 quilômetros por litro na estrada, conforme a tradição de economia dos carros Simca. E por falar em estrada: todos os modelos 1964 virão dotados de tanque de gasolina maior (85 litros), proporcionando viagens de aproximadamente 680 km sem necessidade de reabastecimento.

### O Mesmo Estilo Com Mais Beleza

É fora de dúvida que os carros Simca dominam a preferência do público não apenas em função das suas características mecânicas, mas também pelo seu estilo inconfundível, traduzido em linhas elegantes e harmoniosas e numa aparência geral luxuosa e aristocrática. Pois os modelos 1964 apresentam algumas inovações de ordem estética que estão destinadas a merecer de pronto o entusiasmo e a admiração do grande público. Cada uma das versões (Chambord, Rallye, Présidence, Jangada e Alvorada) passou por metódico trabalho de atualização que resultou em maior apuro de linhas, maior unidade de todos os elementos da carroceria e melhor padrão de bom-gosto nos ornamentos e acessórios decorativos. De um simples relance, torna-se possível perceber a positiva influência dessas alterações sobre a aparência geral do veículo. Assim, no Chambord, no Rallye, no Présidence e no Alvorada ganha destaque o novo desenho do pára-brisa maior e mais inclinado, proporcio-

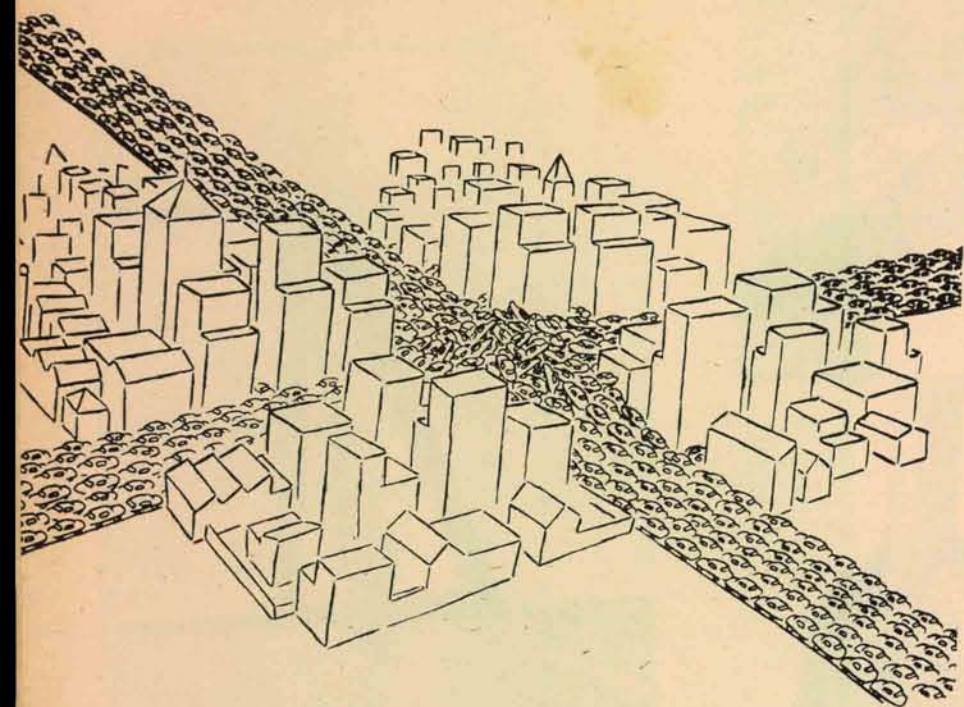
nando excepcional área útil de visão e amenizando a linha do novo teto que agora é reta. O vidro traseiro, menos curvado e servido por um espelho retrovisor de maior tamanho e com dispositivo antiofuscante, completa a incomparável visibilidade total que o Simca oferece aos seus ocupantes. As colunas traseiras de sustentação do teto são agora mais largas e elegantes, conferindo aos modelos de passeio da Simca um aspecto ainda mais requintado. No Rallye e no Rallye Especial, os painéis de identificação dos pára-lamas traseiros foram substituídos por discretos e modernos letreiros e por emblemas localizados nos pilares traseiros do teto, enquanto os coletores redondos de ar que anteriormente existiam no capô deram lugar a pequenas aletas de desenho funcional e agradável. A parte posterior de todos os modelos recebeu também novo tratamento estético, apresentando inclusive um ligeiro rebaixamento das linhas dos pára-lamas, que agora terminam suavemente nas novas lanternas traseiras. E com a nova disposição dos frisos laterais, é inegável que os carros Simca ganharam um perfil ainda mais alongado e aerodinâmico. Outros detalhes que influem na nova aparência do Simca 64 são o desenho da grade frontal (mais trabalhado do que o dos anteriores) e o elegante distintivo aplicado na própria grade.

### Um Convite Irresistível: O Interior

Se cuidados especiais mereceram a parte mecânica e os aspectos estéticos, ainda mais se pode dizer dos fatores que se somam para a comodidade e o bem-estar do passageiro. O interior de cada um dos modelos Simca 64 é um convite ao conforto e ao repouso, pois os assentos e encostos permitem que 6 pessoas se acomodem sem problemas de espaço. No Chambord e no Rallye o novo estofamento é luxuosíssimo, com as partes centrais primorosamente executadas em Retenyl (elegantíssima textura de nylon repelente a manchas) e completadas em Vinyl extra-reforçado de atraentes tonalidades. Os modelos Jangada são forrados de Vinyl de grande resistência, o mesmo acontecendo com o Alvorada. O Rallye Especial e o Présidence são forrados em couro de finíssima qualidade. Todos os

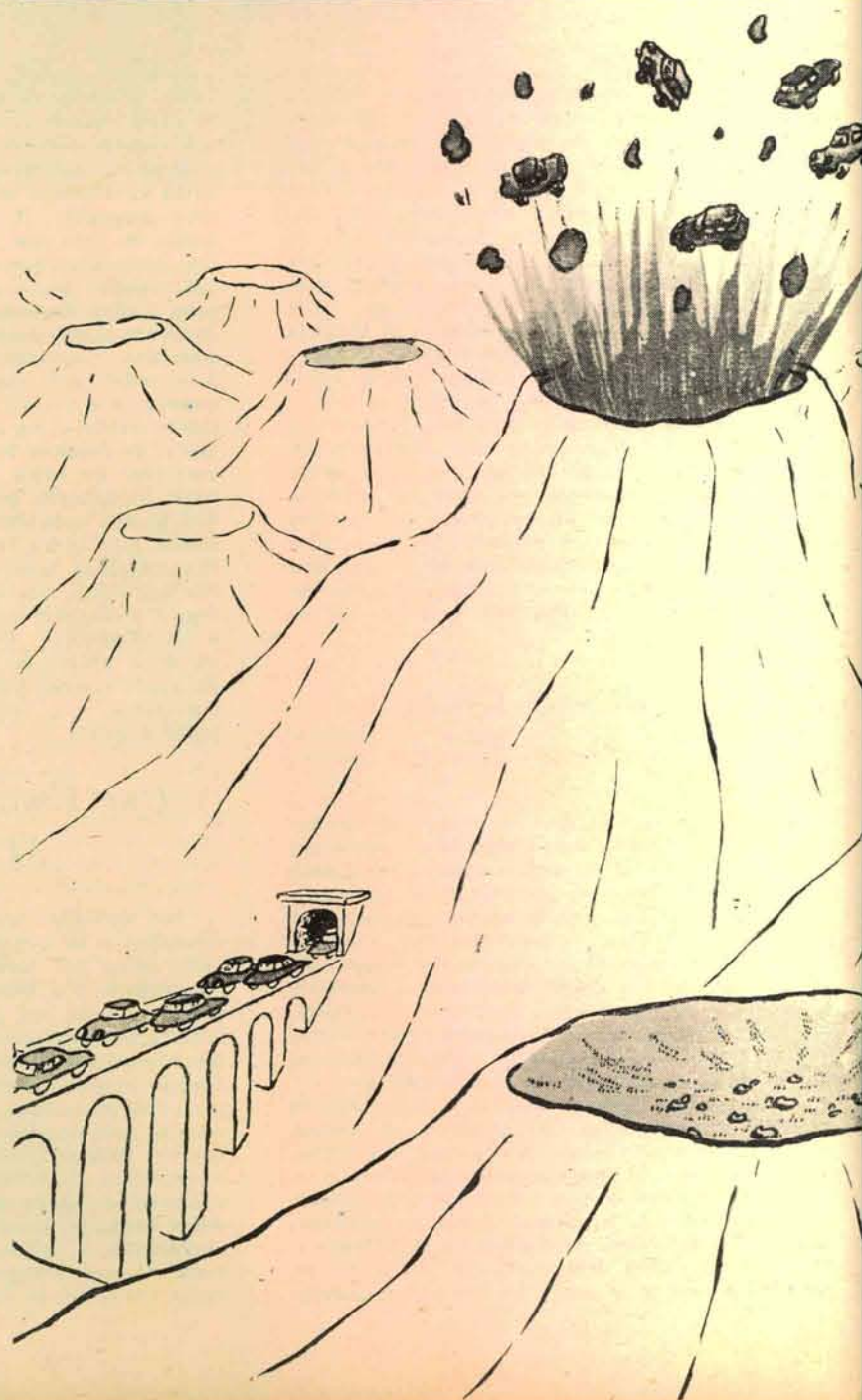
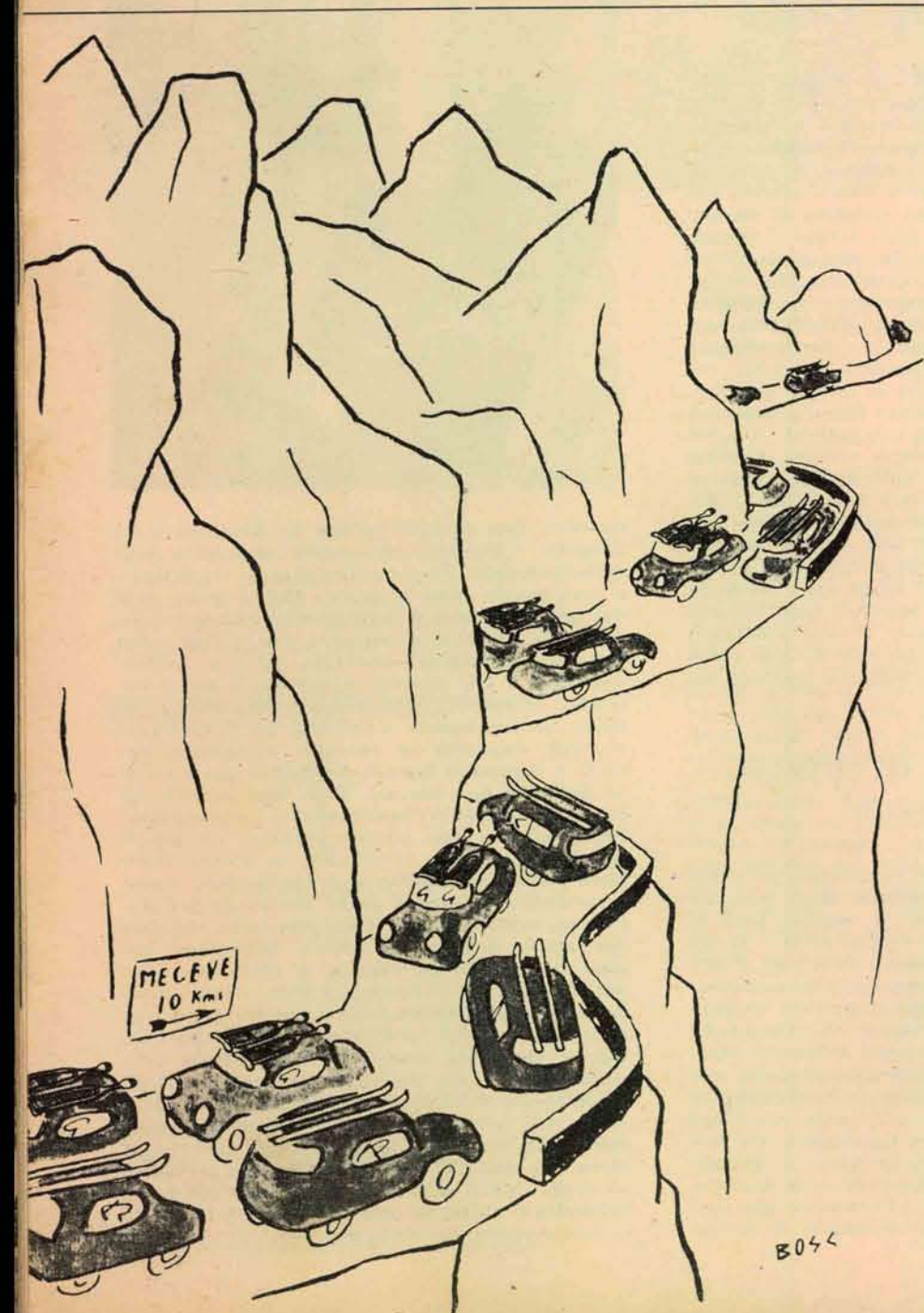
modelos, com exceção apenas do Alvorada e do Jangada Utilitário, vêm agora equipados com painel estofado (importante fator de segurança) e com gaveta para cigarros. Mas o ponto alto dos novos modelos é inquestionavelmente o conforto dos assentos e encostos, que valem como poltronas individuais estofadas, tal é a comodidade que o seu desenho anatômico e sua construção oferecem. Um sistema combinado de molas dá aos bancos o máximo de flexibilidade vertical, enquanto os encostos asseguram firmeza e segurança lateral, impedindo que o corpo se desloque nas curvas. Tudo isso resulta em viagens realmente agradáveis e repousantes. Outro aspecto que mereceu estudos foi aquele relacionado com a ventilação: os vidros defletores podem ser abertos num ângulo bem maior, favorecendo a entrada de ar dentro do veículo. Externamente, o carro traz uma nova canaleta que apara a água da chuva, impedindo que esta caia dentro do veículo. É claro que além dos melhoramentos comuns a toda a linha, cada um dos modelos Simca possui características próprias de conforto (o Rallye, por exemplo, tem bancos dianteiros separados e reclináveis individualmente) cuja descrição não caberia nesta reportagem. E cumpre acrescentar ainda que a Simca vai colocar seus carros nos revendedores com nada menos de 28 novas combinações de cores, das quais 11 em belíssimos tons metálicos — sendo esta a primeira vez em que um carro brasileiro é entregue pela fábrica com esse tipo de acabamento na pintura.



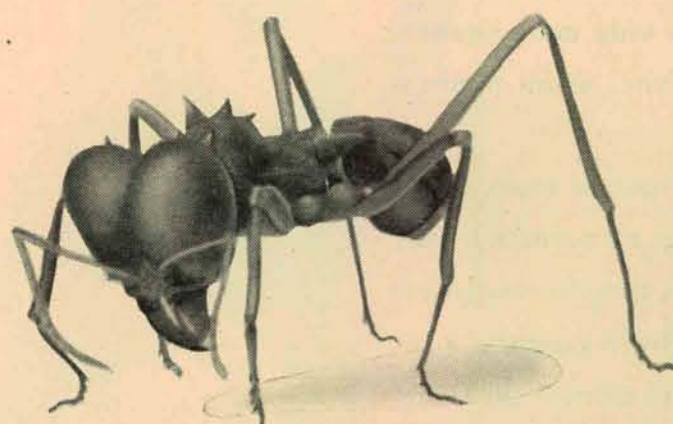


A Estranha Alegria De

BOSK







## Contra as formigas, água!

(e Formicida Shell Líquido)

Água pode tornar-se um veneno fatal às formigas que devastam sua plantação. Basta acrescentar-lhe Formicida Shell Líquido. Ultraconcentrado, o Formicida Shell Líquido é, também, ultra-eficiente e ultra-econômico: uma dose diluída em dez litros d'água provoca efeitos destruidores no

interior dos formigueiros existentes em suas terras - ou nas terras que cercam sua lavoura. E sua aplicação é muito simples, dispensando o uso de bomba. V. só precisa de um vasilhame, um funil... e água!

## FORMICIDA SHELL LÍQUIDO

PRODUTOS QUÍMICOS



PARA A AGRICULTURA



# CARLOS WAGNER

Notícias Em Abril

Você me diz que Paris está linda esta primavera. E que os dólares acabaram. Não sei, pode ser verdade, mas talvez seja a falta de dinheiro que lhe faz amar ainda mais essa Cidade; assim Henry Miller a amou porque ela estava incorporada à sua fome e à sua vagabundagem. De qualquer jeito, acredito. Uma alegria azul e um sol fanaticamente belo pairando sobre a Place du Tertre, o Boulevard Edgar-Quinet, a Rue de Rivoli. Deve ser bom estar aí. Abril em Paris, de bolsos vazios. Deve ser bom.

Você me pede notícias daqui. Tudo velho. Aqui as coisas não acontecem, fluem. Em todo caso, deixe-me lembrar: ah, o Jango foi deposto pelas forças vivas da nacionalidade. Isto é, não há mesmo nada de novo. Você sabe, o patriotismo nosso já existe há alguns séculos. O povo sabe disso, e está confiante no novo governo. Confiante e satisfeito, porque agora, sim, pode trabalhar em paz. Sem se preocupar com o conto do vigário que eram as reformas de base, inventadas pelos inimigos do Brasil para destruir o direito sa-gra-do da propriedade e entregar o País ao Perigo Amarelo.

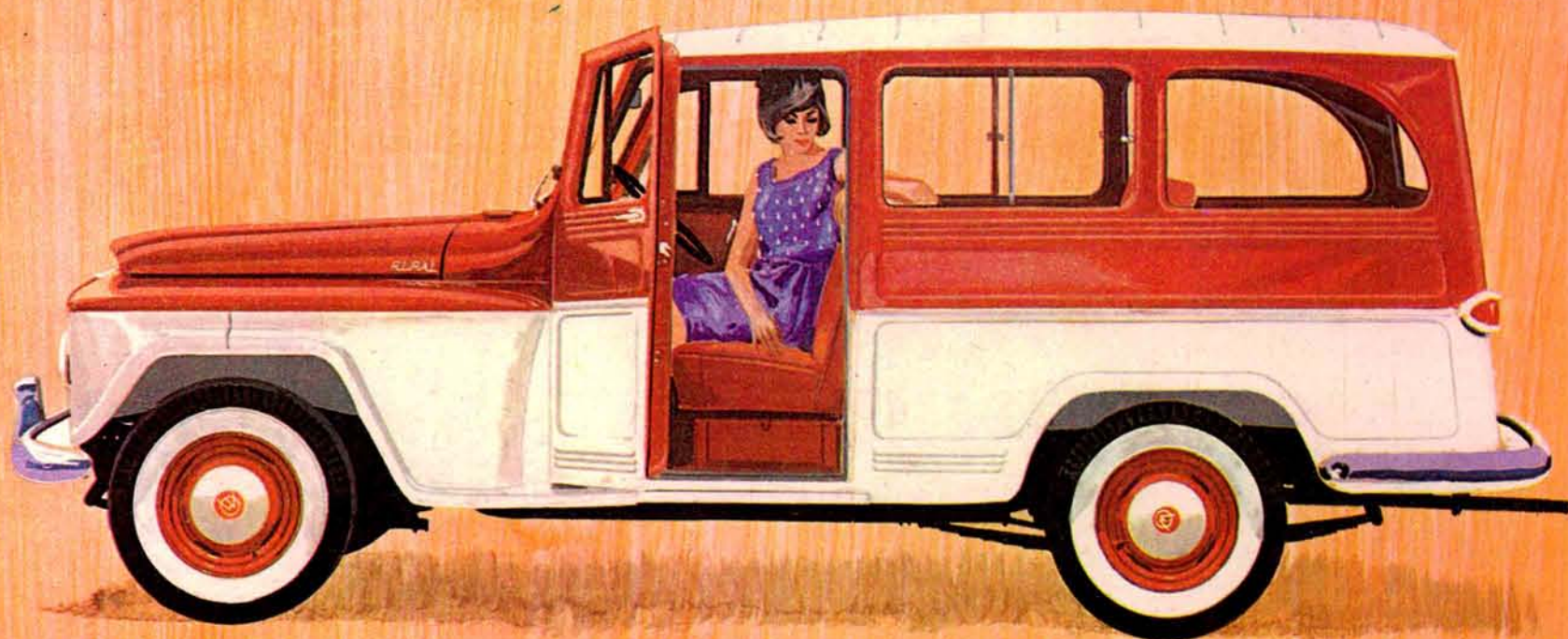
O perigo passou. Estamos todos tranqüilos. Foi uma lição para os demagogos. Sabe de uma coisa? O novo Governo devia baixar um decreto criando a pena de morte para os candidatos que falarem outra vez em reformas de base. Reformar para que, minha Nossa Senhora Aparecida? Que é que o brasileiro pode querer mais? Os seus campos são os que têm mais flores; o seu céu é o que tem mais estrelas; a sua vida mais amôres. Isso já não é bastante? Não, por favor, assim também já é passar do limite.

E o pior de tudo não é isso. É que se essas reformas fossem realmente feitas (não Deus tal permita), sabe o que é que iria acontecer? Seríamos transformados em 70 milhões de escravos forçados! O Brasil passaria a ser um vasto campo de concentração, com oficiais do Exército Amarelo dando ordens em chinês! E as torturas chinesas... não, que coisa horrível, vamos mudar de assunto.

A ameaça está conjurada, para felicidade general da Nação. Agora, é reconstruir o Brasil, conduzi-lo aos seus verdadeiros caminhos.

Paris, na primavera. Gostaria de estar aí também, tomando pilequinhos na Margem Esquerda. Você é um homem feliz. Sem dinheiro, sem carteira de identidade, sem um problema sequer nesta manhã de abril. Deve ser bom.





***nôvo estofamento - na Rural, conforto também é importante***



E por isso as viagens parecem mais curtas. O nôvo estofamento é um verdadeiro convite para se ficar à vontade. Os assentos são ajustáveis, ampliam o espaço ambiente. A nova Rural 64, agora com suspensão mais macia, novas côres e novos aperfeiçoamentos mecânicos e elétricos, é tãda comodidade — um carro de passeio. Silenciosa, seu motor trabalha suave. A carroçaria reforçada, pára-brisa e vidro traseiro panorâmicos traduzem-se por maior segurança. É um carro alegre, esportivo, familiar. Entre na Rural 64 (com tração em 2 ou nas 4 rodas e reduzida). E conheça uma nova concepção de carro de qualidade para cidade e campo, produzido com esmêro e de superior acabamento, sempre valorizado na hora da revenda.

*\*(ao mesmo preço de um carro pequeno)*

Willys Overland — São Bernardo do Campo — Estado de São Paulo

***RURAL'64***

RJ - 01-08

— UM PRODUTO WILLYS  
VEÍCULOS DE ALTA QUALIDADE







## Complexo de superioridade.

Existem motivos para Hervy ter complexo de superioridade. Para começar, Hervy é a única louça sanitária eletrovitrificada (Em outras palavras: Hervy, além do brilho, tem cores e superfícies uniformes). Hervy é também a única louça sanitária bicolorida em que a cor interna abrange as bordas. (Você vai perceber a importância estética desse detalhe quando comparar Hervy com outras marcas).

Examine um dos conjuntos da Linha Ipê. Quando bicoloridos, têm 4 combinações de cores; quando unicoloridos, são apresentados em 8 cores. Os lavatórios da Linha Ipê têm 4 tamanhos diferentes. Modernos, arrojados, de bom gosto, resolvem qualquer problema de espaço e decoração. (De acordo: existem razões de sobra para Hervy ter complexo de superioridade!)





# femininas

Exclusivo: O Que Ninguém Falou (E Mostrou) Sobre A Moda-64



Um grande sucesso de originalidade  
completa e exclusiva criação de Dior



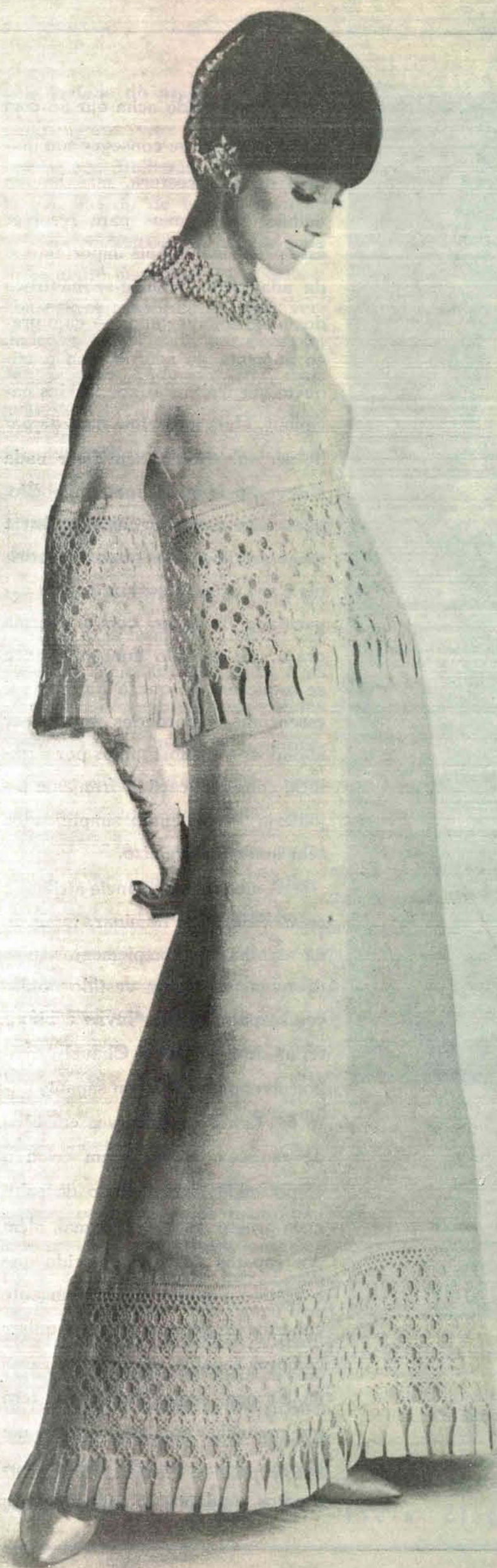
# OS SEGREDOS DA MODA-64

Cintura mais marcada, saias até os joelhos blusas transparentes e de mangas compridas, enfeites com camélias como se fôsem botões e decotes amplos — são as ordens dos costureiros parisienses que lançaram, há dias, coleções da Haute-Couture para 64. Outras exigências: amarelo gema, carnation red, verde limão, azul celeste e verde musgo como as cores predominantes; tecidos leves como musseline, organdi, crepe, rendas guipure, musseline imprimé, algodão estampado e tweed; estilo redingote para os vestidos; a volta dos plissés, dos conjuntos de tailleurs e das blusinhas. As golas surgem em novos estilos e as blusas têm um detalhe: gravatas que parecem echarpes; os sapatos têm um novo tipo de salto, o “hipocampo”, que é perpendicular ao solo. Estas criações, que causaram um impacto de beleza entre as elegantes francesas, são adaptadas, agora, para as mulheres do Brasil.

REPORTAGEM DE INÊS HELENA







✱ 1 — Vestido de gala Yves Saint Laurent, feito em crepe azul marinho. Blusão em organdi de sêda marinho inteiramente bordado com pedras. Na altura dos quadris há um laço que se encontra com o blusão. \* Castilho criou este bonito modelo para noite de gala em organdi, inteiramente bordado com renda «guipure ton sur ton». A cor preferida por Castilho foi o amarelo de Hurel. O estilo do casaquinho é cardigan e a saia é levemente evasée. \* Este modelo foi denominado Irlanda, é um traje para noite em organdi preto. Cavas enormes e saia evasée. Um grande chapéu de organdi branco complementa esta linda criação de Dior.





\* 1 — Vestido no estilo chemisier em shantung grosso, botões quadrados, que são colocados também no bolso da blusa e da saia. É um bonito modelo de Hermès, com gola-camisa e cinto um pouco abaixo da cintura.

Todo mundo acha que só com muito dinheiro se consegue um modelo de alta costura, mas há um milhão de recursos para resolver este problema: o mais importante, o da adaptação, resume-se na troca dos tecidos importados — cujo preço aumenta de acordo com a etiqueta que trazem — por tecidos nacionais. Uma musseline de seda pode ser substituída, sem ficar nada a dever, pela musseline de algodão, que custa muito menos. Elegância não é privilégio dos grandes modistas e sua própria costureira tem capacidade de fazer, com a mesma graça, um modelo famoso. Nunca se esqueçam de que a harmonia é essencial: os bordados podem ser abolidos — e substituídos por detalhes, como aplicações, franjas e bijouteria — ou então simplificados sem qualquer prejuízo.

A mesma importância atribuída ao modelo deve dominar, também, na escolha dos complementos, pois de nada valerá um vestido bonito com sapatos, bolsa, luvas e bijouterias de mau gosto. Chanel é responsável pela moda em sapatos para 64, tanto os esportivos como os de «soirée». É ela quem criou o «hipocampo», um modelo de salto mais grosso do que o normal, além dos sapatos do mesmo tecido que o vestido e os que são inteiramente cobertos de pérolas. Se você quiser comprar sapatos nas grandes casas da Europa, como Nina Ricci, terá que preencher com muitos zeros um cheque. Mas, também quanto aos sapatos, a adaptação pode resolver:



pela metade do preço, ou até por muito menos, você obtém modelos iguais aos italianos e franceses. E em matéria de bolsas também.

As bijouterias, em 64, têm uma linha muito mais discreta, sóbria, e conseguem substituir as jóias verdadeiras. Os brincos, por exemplo, são bojudos e devem ficar mais próximos da orelha, ao contrário dos pingentes usados em 63. Os penduricalhos só serão usados à noite e com vestidos muito especiais, como os bordados com «strass». Os broches aos pares terão vez com vestidos «soirée», as pulseiras de contas coloridas e os colares estilo oriental com vestidos com gola rente ao pescoço, os broches exóticos com trajes esportivos, clip para decotes audaciosos como os de Dior e correntes em metal dourado, prateado e côm de cobre. Todos êsses tipos de bijouterias custam barato no Brasil e estão ao alcance das elegantes, dependendo, é claro, do bom gosto de cada uma. Nos modelos de alta costura são usadas jóias verdadeiras, mas elas podem ser substituídas facilmente pelas bijouterias.

Perdendo o ar formal que lhe davam certos modelos muito longos, as luvas voltam êste ano curtas e simples, exceção apenas para as de cano longo que ficam bem com os vestidos «habillés». A adaptação da alta moda européia às condições da vida brasileira pode, como vimos, ser realizada sem maiores dores de cabeça. O bom gosto, antes do luxo, é essencial.



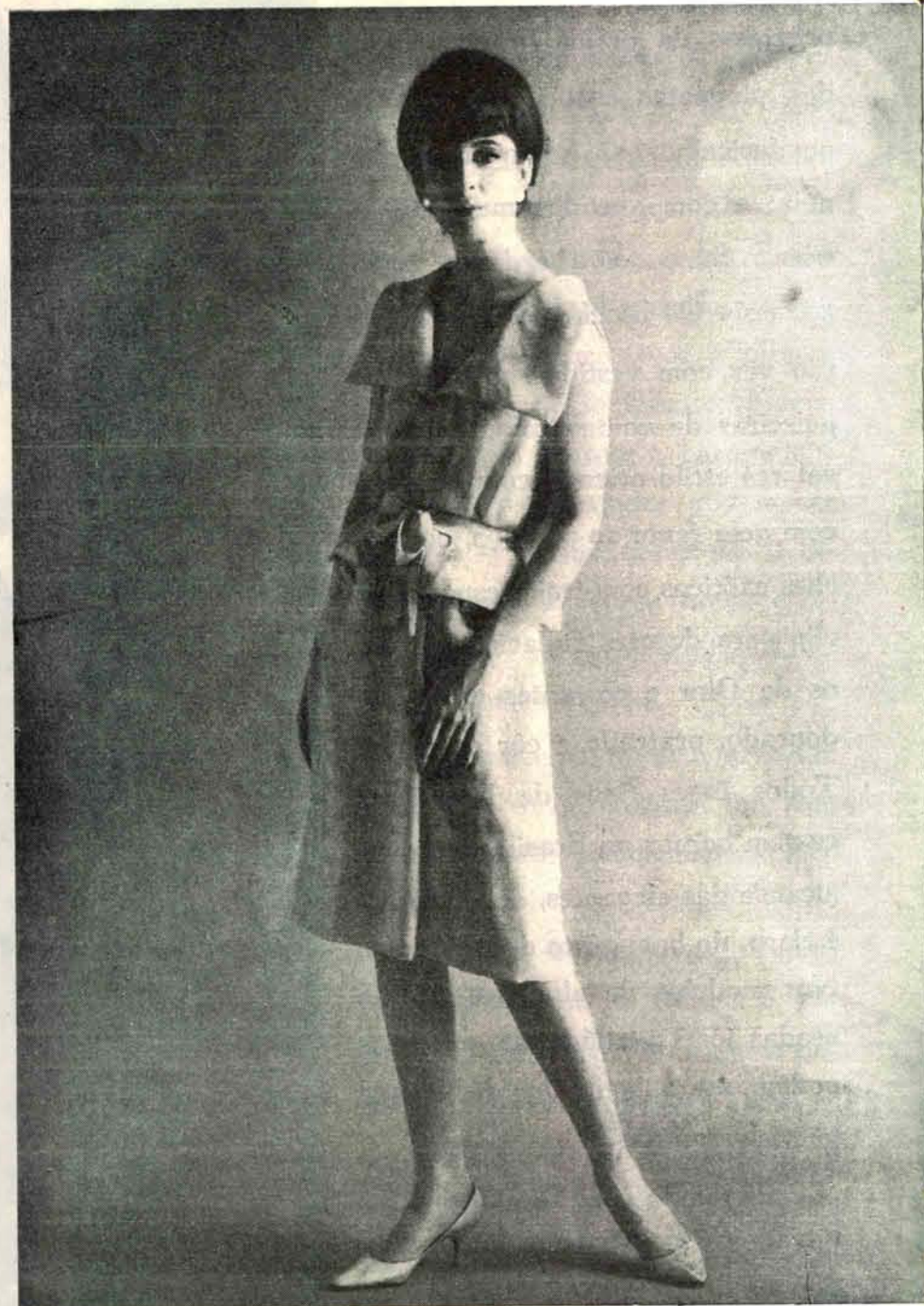
\* 2 — Lanvin criou êste bonito modelo em crepe bayadera vermelho e amarelo, cuja gola perto do pescoço termina por uma echarpe, com a ponta desfiada. Fino cinto de couro complementa êsse modelo.

(Veja diagrama do «Luiz XV» na página 19)





\* 1 — Pierre Balmain  
criou este bonito  
modelo em lã azul  
marinho, com gola e  
punhos brancos.  
A saia é plissada sobre  
outra lisa.



\* 2 — Modelo em duas-peças de  
Jean Patou, feito em musseline  
imprimé, com fundo amarelo claro.  
A blusa é solta na parte de trás  
e tem um cinto que amarra  
na frente com lacinho. A saia  
é dobrada na frente, lisa, com dois  
bolsos enfeitados de  
botão coberto. A gola é ampla  
saindo do decote em «V».

complementa este modelo.  
Fino cinto de couro  
echarpe, com a ponta desfiada.  
perna do pescoço terminada por uma  
vermelha e amarela, cuja gola  
modelo em crepe payabeta  
\* 1 — Lança criou este bonito





3 — Um  
gracioso modelo  
de Hermès  
em tweed de  
algodão com  
grandes  
estampados  
de dalias e  
camélias.  
Um chapéu para  
proteger o sol  
é feito da  
mesma fazenda.  
Muito original  
e prático.

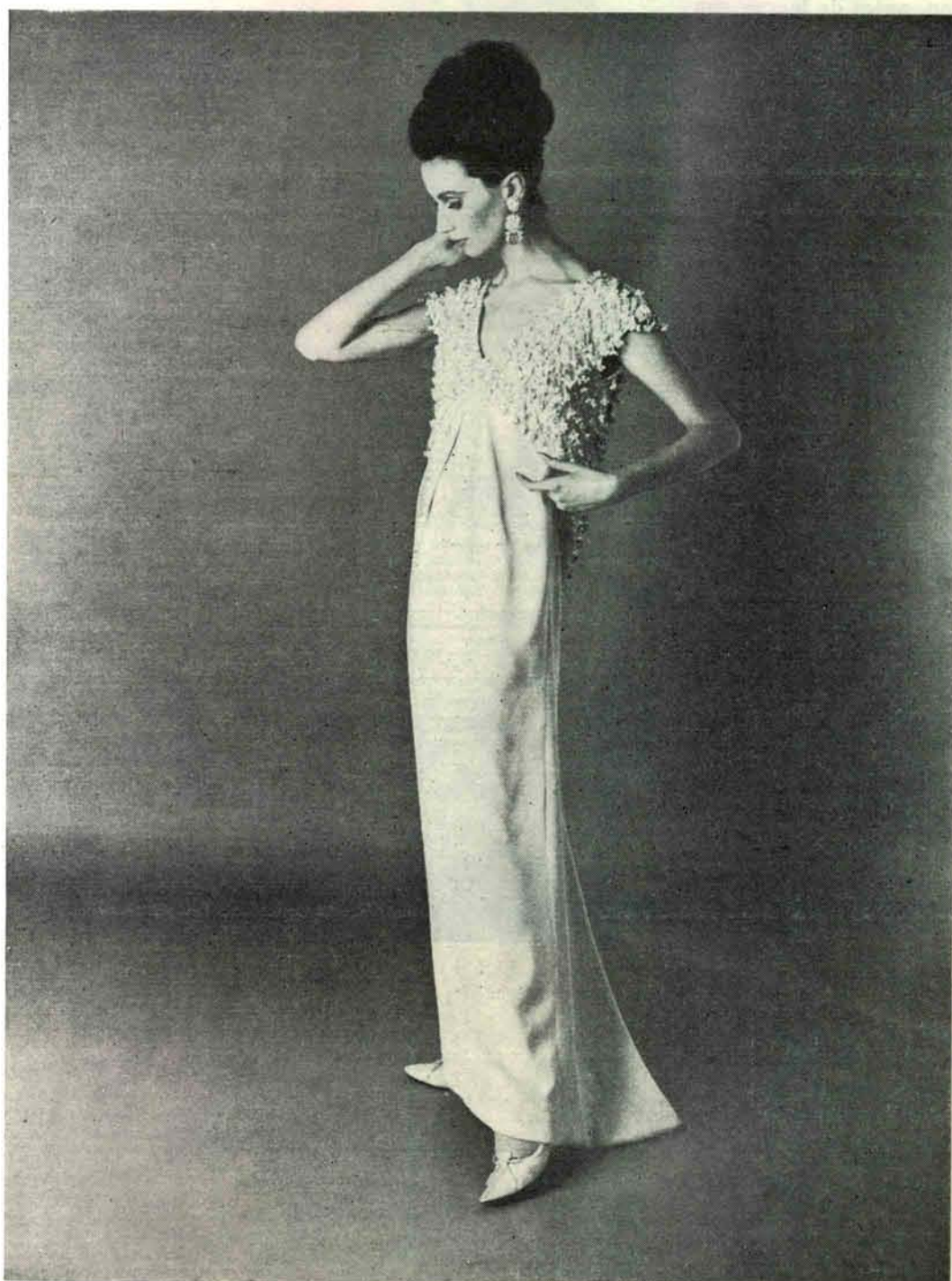


\*  
1 — Jeanne  
Lanvin criou  
para sua  
coleção de  
primavera  
modelos exóticos  
com inspiração  
espanhola.  
Este modelo  
denominado  
Manuella  
é em estilo  
bayadera em  
surah  
estampado  
sobre fundo  
azul, sendo que  
a blusa é  
inteiramente  
bordada  
em miçangas  
prateadas.





\* 2 — Maggy Rouff apresentou em sua coleção vestidos preciosos para noite como êste em crepe rosa, que tem um efeito de chale bordado com pèrolazinhas rosas. O vestido tem amplo decote e um efeito de pregas na frente



\* 3 — Um tailleur de Jacques Griffe em crepe côm de palha. Fourreau decotado nas costas e um pequeno «gilet» sôbre o corpo bordado. A jaqueta é levemente acinturada e tem um grande cinto na parte de trás.



## Costureiros Revelam A Elegância

64

Dior: «A Mulher na Vida» é o nome da coleção de Marc Bohan, da Casa Dior. Seu objetivo é satisfazer às suas freguesas tradicionais. Em linhas gerais, os modelos nada têm de novo: silhueta normal, golas triangulares, decotes ponteados, busto móvel, cintura no lugar, saias plissadas e joelhos escondidos. Os sapatos têm inovação: o salto hipocampo, que é perpendicular ao solo. Casacos de «tailleurs» muito curtos e a blusa como complemento.

Lanvin: J. F. Crahay, que vinha de Nina Ricci, fez para Lanvin uma de suas melhores coleções. O tema já tentado por outros costureiros se renova: os blusões de Crahay alongam o busto. Outra idéia: a união do vestido com o casaco, que, às vezes, é abotoado sobre o primeiro. Os vestidos de baile curtos são numerosos. E Crahay criou um modelo especial para se ver tevê.

Madeleine de Rauch: a grande idéia de Madeleine de Rauch é o «honorak» de verão: há o da manhã, o do meio-dia e o da noite. Sua grande vitória é a de ter transformado as roupas esportivas em matéria da alta costura. Sua coleção tem título: A-E-I-O-U; ela se diz inspirada pelas formas das vogais, que, segundo pensa, fazem a elegância mais sóbria.

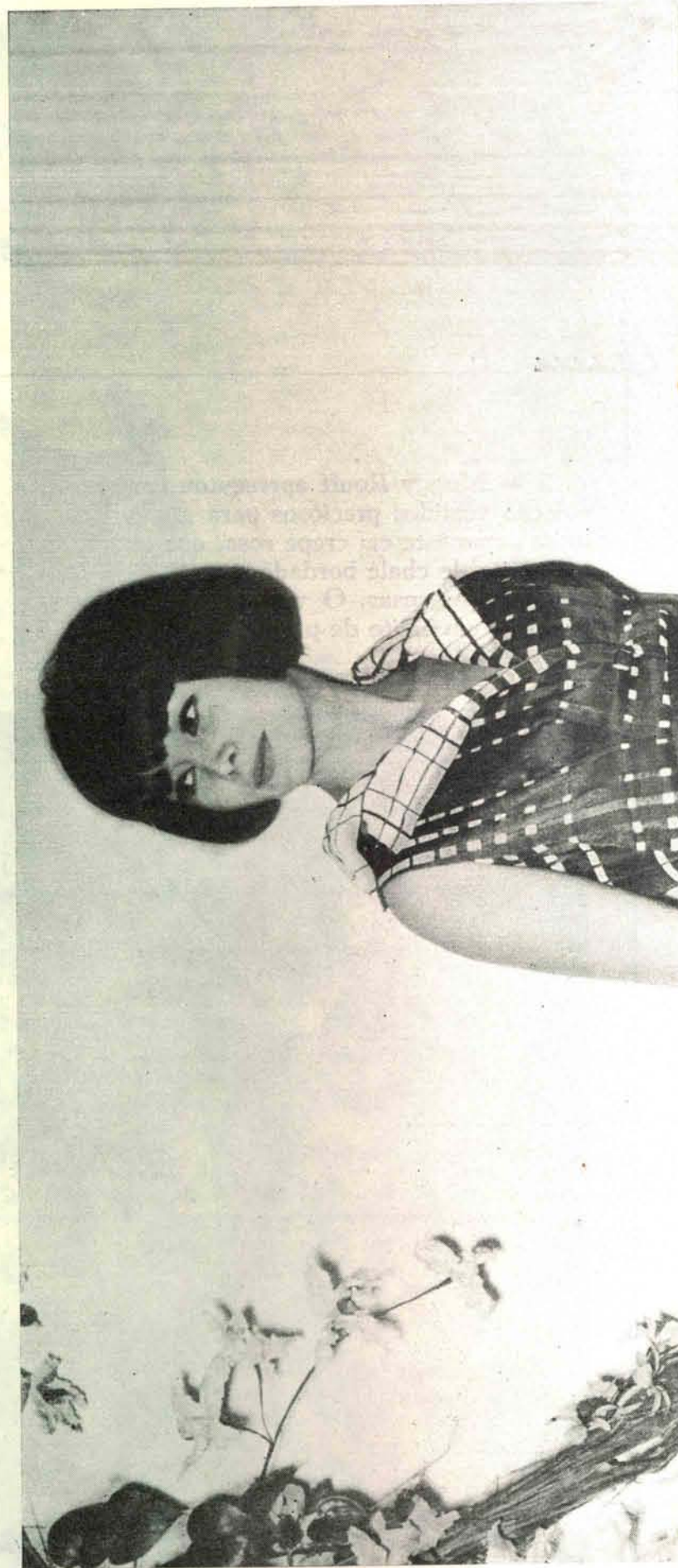
Carven: Todo ano, antes de lançar sua coleção, Madame Carven faz uma viagem à procura de inspiração. Ela chegou, agora, do Extremo Oriente. Estêve nas Filipinas, em Hong-Kong, na baía de Cantão. Resultado: a coleção tem o signo do exotismo. Os tailleurs são quase tubulares de linha pura como as fachadas das casas de Manila, nas Filipinas.

Maggy Rouff: para dançar o «Surf» não há nada mais prático do que um vestido de Maggy Rouff, desenhado por Serge Matta. O jovem Matta, preocupado com as dificuldades que o «Surf» apresenta, previu uma saia muito ampla, com plissado em forma de corola. «Meu objetivo é desconstruir a mulher, tornando-a leve e esbelta», diz Serge Matta. Os tailleurs têm ombros modelados, mangas finas, busto longo, cintura flexível.

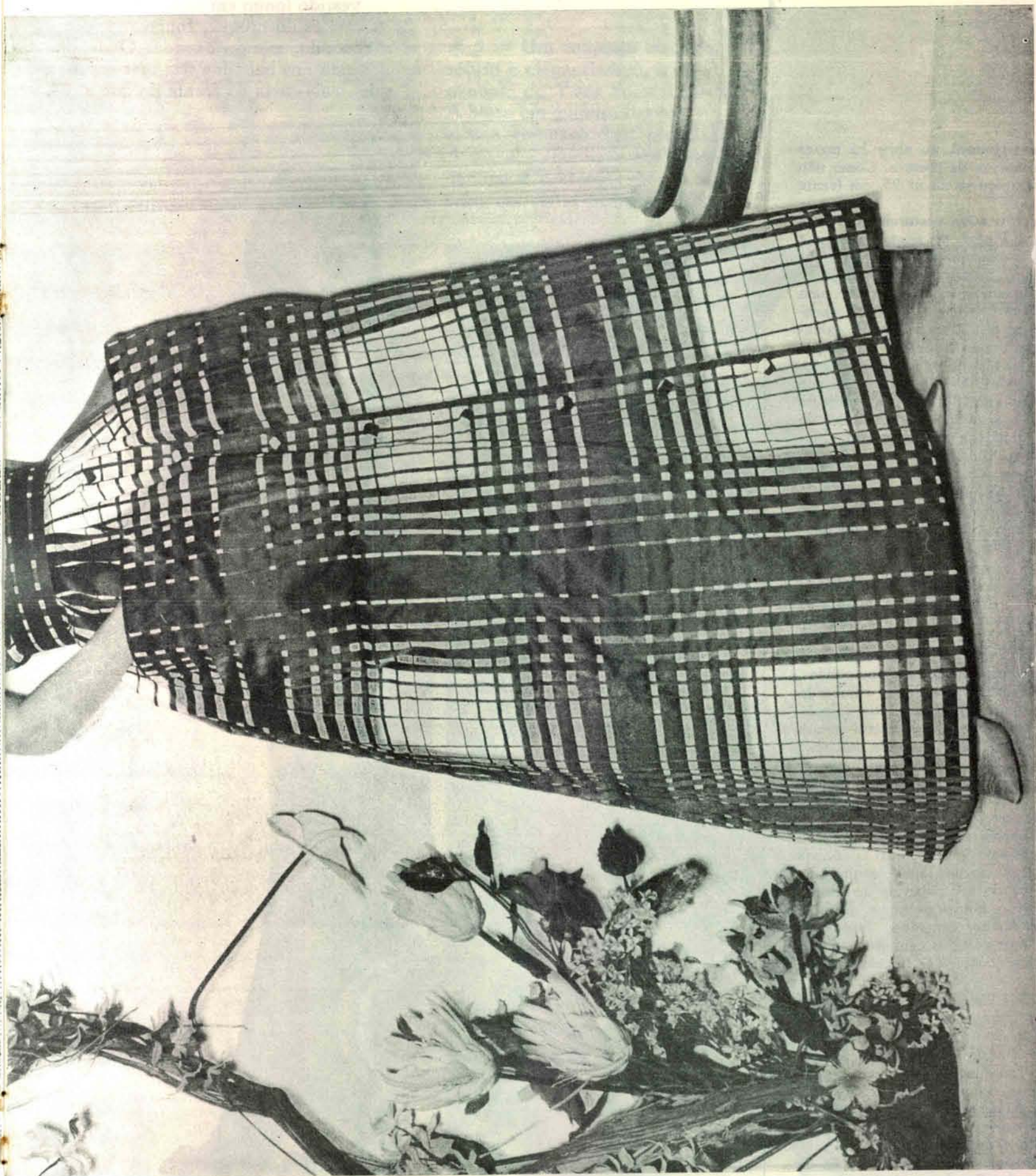
Pierre Cardin: o mais ousado dos costureiros parisienses. Quando a moda de Paris tende a uma forma estável, Cardin insiste em renovar-se de seis em seis meses. Os vestidos para coquetel de sua coleção provocaram escândalo: seus decotes são profundos. Por baixo do decote, há o que os especialistas chamam uma «modestie de mousseline couleur chair». Como Cardin põe em voga os «anões folles», voltam os chapéus-sinos de 1930. Um detalhe que chamou a atenção: os saltos dos sapatos Torre Eiffel, duas vezes mais largos embaixo do que em cima.

Castilho: as silhuetas dos vestidos de Castilho são bem espanholas, lembrando as telas de Goya. Os costumes são confortáveis e tão leves que se pode dobrar o casaco em quatro e colocar na valise de mão. Ex-sócio de Lanvin, neto de um primeiro-ministro espanhol, nasceu em Madrid, no dia 13 de setembro de 1913, no reinado de Afonso XIII. Sendo o 13 o seu número de sorte, Castilho quis alugar a casa nº 13 da Rue du

continua







- \* 8 — Carven criou este modelo em tafetá xadrês, que apesar de ser para baile, nos lembra de perto um desses originais chemisiers. É inteiramente abotoado na frente e tem bolsos embutidos.



\* 2 — Um modelo exótico de Castilho: vestido longo em organza vermelha estilo croqué, fourreau, decote redondo, manga cavada. O detalhe está nos babados que arrematam a saia, mais curta na frente do que atrás.

Faubourg Saint-Honoré, ao abrir há meses a sua própria maison de costura. Como não foi possível, instalou-se no nº 95, em frente a Cardin.

Nina Ricci: o novo costureiro da Casa Ricci é Gerard Pipart, de trinta anos, que até agora só desenhou modelos para roupas feitas. «Você vem do «prêt-à-porter» e deve voltar para ele», achou, impiedosamente, uma parte da imprensa francesa. Mas o France-Soir, que tira em média um milhão de exemplares por dia, tomou a defesa de Pipart. Oficialmente (mas há quem duvide) ele gastou uma média de 200 mil dólares em sua primeira coleção, devido aos seus tailleurs caríssimos, feitos com pérolas. A linha de Pipart está sintetizada na expressão «blazer-look»; nos vestidos para a noite há sempre uma rosa bordada na gola.

Jacques Heim: sua coleção é leve, desenhada, contrária a qualquer sofisticação. Em síntese: cintura elástica, abaixo dos quadris e saias à altura dos joelhos. Um falso tailleur faz sucesso, por trás, lembrando um mantô quando visto de costas. Os manequins de Jacques Heim têm os cabelos muito curtos para que possam usar pequenos chapéus.

Hermès: imaginem que esta casa, aberta em 1830, vendia selas para cavalos. Depois, e por cem anos, especializou-se, aos poucos, em roupas esportes femininas, sobretudo para golfe e equitação. Agora, sua coleção usa o couro em várias cores e tem nomes das ruas de Paris. Mas a grande sensação na Hermès são as bolsas, revolucionárias, que devem causar espanto no mundo inteiro.

Balmain: ver uma coleção de Balmain, dizem os franceses, é sonhar pelo menos duas horas. O tema central de sua coleção é o «fourreau» justo que destaca as formas do corpo. Fino como um lápis, sempre sem cintura, ele é usado por baixo de um mantô também justo, com botões de ponta a ponta. A sobriedade é uma constante, tanto nos tailleurs como nos vestidos compridos: a novidade fica por conta dos tecidos e das cores.

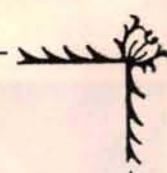
Esterel: ele é considerado um costureiro de inspiração claramente barroca. Para a próxima estação ele propõe «um exercício de estilo sobre as harmonias de um verão tropical»: cor-do-céu, cinzento ou canela, branco e preto, amarelo dourado, branco e verde garrafa, laranja, marron e preto, marron e branco e azul marinho. Esterel promete valorizar o busto e descobrir os joelhos a 47 cms do solo (o manequim deve ter 1,66 de altura). Outro detalhe de sua linha: cintura e quadris finos, com a cintura muito bem marcada. A mulher 64, diz Esterel, tem senso de humor para perceber as nuances de uma civilização feita de meios-tons.

Saint-Laurent: há quem o chame de o Johnny Halliday da alta costura, mas hoje ele é um costureiro que respeita as tradições. É um «pied-noir», isto é, um francês nascido na Argélia. Sua coleção obteve grande êxito,

continua



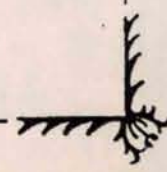




\* 5 — Um conjunto discreto, sóbrio e elegantíssimo, leva o nome de Yves Saint Laurent. A blusa em guipure branco e saia em gabardine preta. A blusa é simples e seu único detalhe é o cinto feito em cetim branco.



\* 9 — Madaleine Rauch inspirou-se em Anastácia para criar esse modelo para grande gala em cetim amarelo claro. A novidade: uma capinha bordada com aplicações de flôres da mesma fazenda e o centro em pérola e strass.





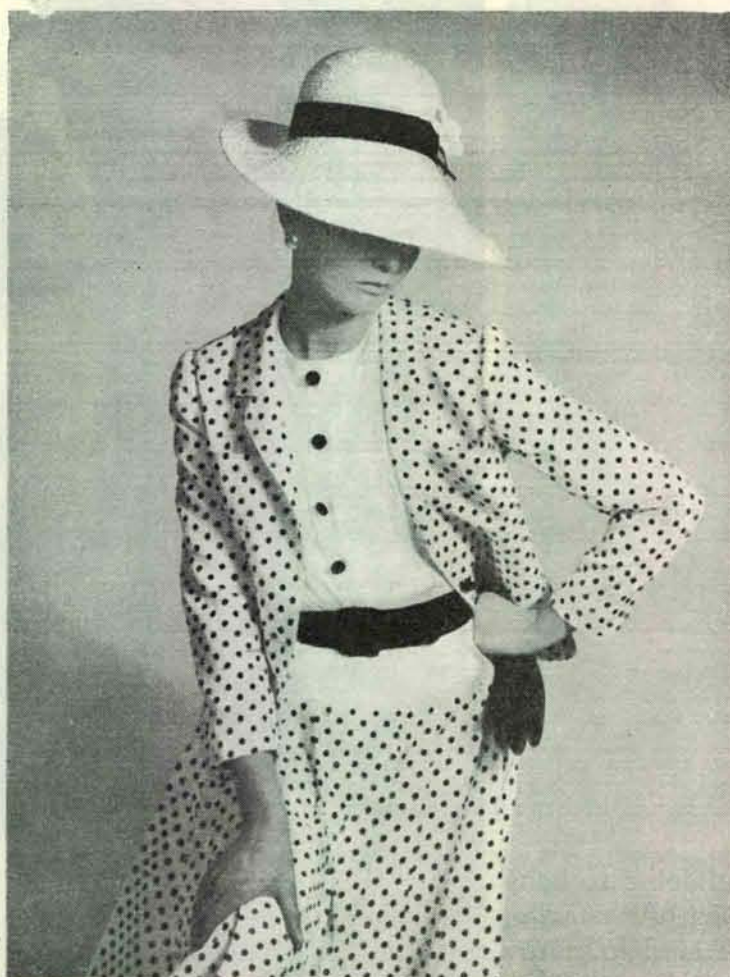
pois Saint-Laurent é tido por suas fans como o poeta da moda. Única excentricidade: vestido de noiva delirante. A noiva tem trança preta, de dois quilos, que arrasta no chão, com flôres brancas aplicadas. Para fazer essa trança, de 1,70 de comprimento, o cabeleireiro Alexandre usou os cabelos de môças chinesas.

Jacques Griffe: muitos dizem que Griffe partiu dos cintos para fazer a sua coleção. Todos os seus vestidos têm cintos e eles brincam de esconde-esconde com a cintura sem nunca se encontrarem com ela. Griffe quis fazer mais feminina a mulher através dos detalhes, que são as blusas transparentes com gravatas grandes, decotes ambiciosos e tecidos estampados. As saias mal chegam aos joelhos e a silhueta é sempre normal.

Jean Patou: com a assinatura de Michel Goma, a coleção Patou teve seu estilo remoldado, através da linha «trompette»: os vestidos são juvenis. Os tailleurs matinais são alegres, com ombros estreitos, bolsos bem altos e saia plissada ou godet que se abre ao andar. De tarde e à noite o busto ganha terreno. Começam os decotes em «V» e aparecem golas imensas em tórno das costas nuas, com nomes como «Don Quixote». Um detalhe: pequenas camélias como botão de punho nas blusas de manga comprida.

IH

\*  
3 — Modelo Dior em organdi marinho, gola triangular e grande cava. Por cima, jaqueta em branco e marinho, sem gola, manga comprida. Terminando o decote há uma rosa da mesma fazenda do vestido.

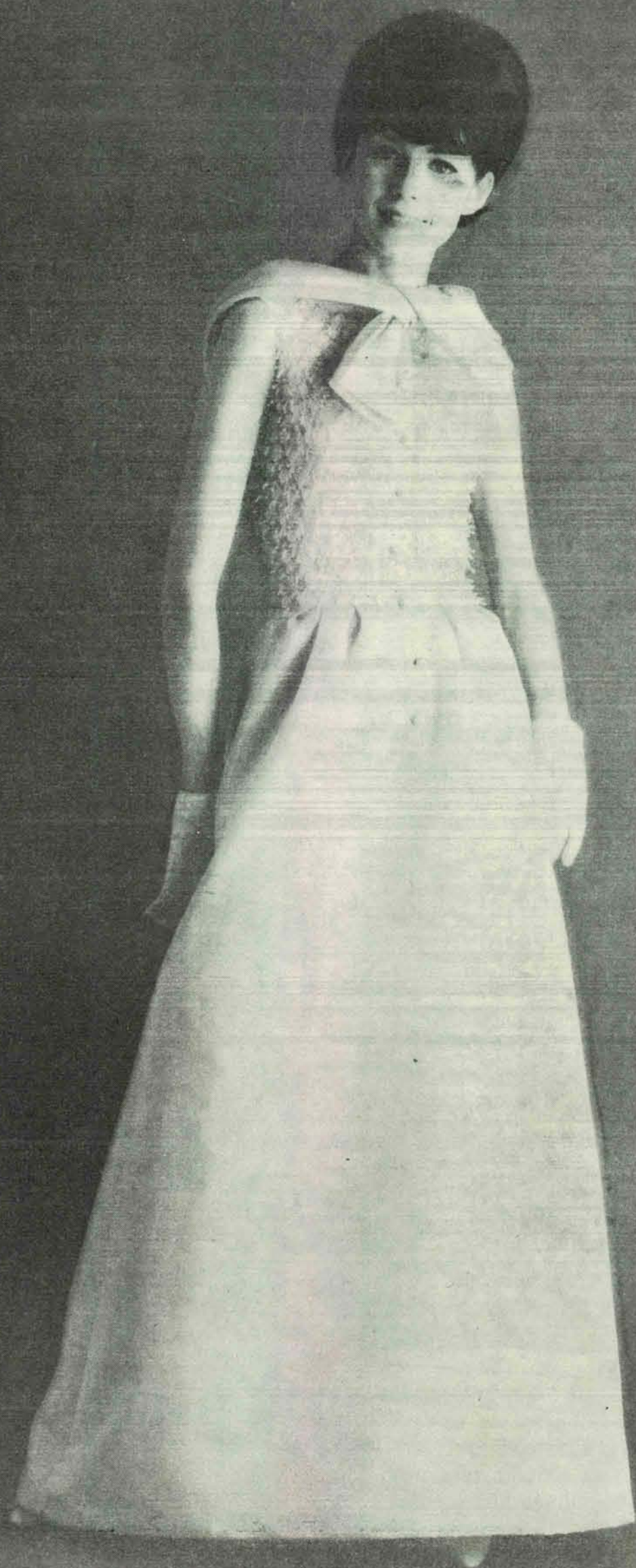


\*

7 — Conjunto de Nina Ricci em tecido de seda branca com «pois» preto. O tecido deverá ser shantung de seda. A saia é pregueada e a blusa tem o corpo comprido. Os botões da blusa são pretos, assim como o cinto em couro. O casquinho vai até a altura onde termina a blusa, com mangas longas e gola clássica.

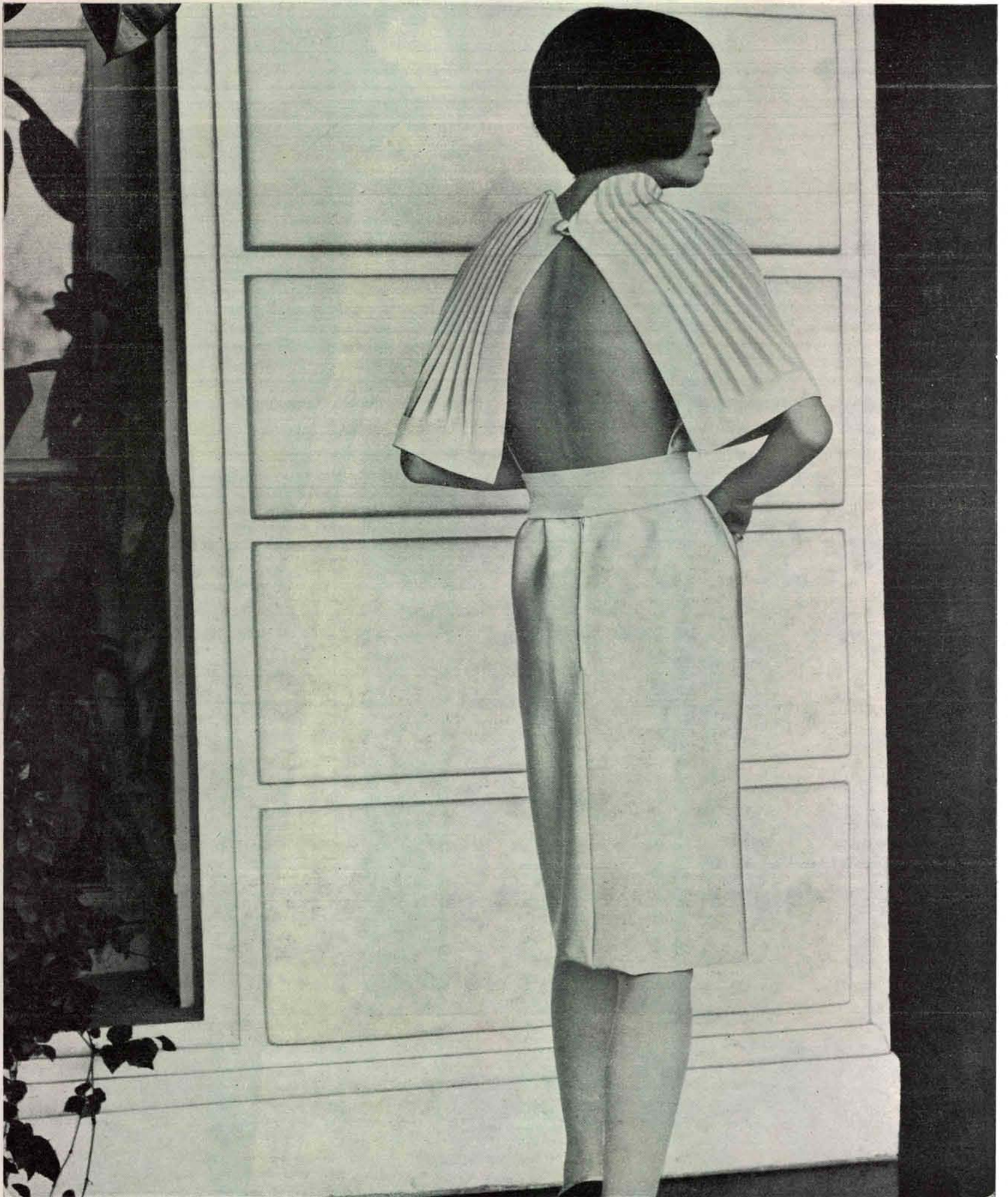
\* 6 — Vestido em organza de cetim rosa, bordados em pedrinhas de cristal e strass; na frente tem botõezinhos cobertos da mesma fazenda. A gola termina por um laço na frente; é modelo de Jean Patou.







Jeans





## A Revolução Do Primeiro Amor

Senhores generais, civis e militares, da rebelião de 31 de março: vossa revolução salvou o primeiro amor, defendendo-o contra a ameaça subterrânea e, por isso mesmo, altamente subversiva, de uma mulher de olhos verdes. Não sei se os ilustres revolucionários conhecem as marchas e contra-marchas das questões amorosas: é bom, assim, deixar bem claro que é fácil recuar, às vezes até por simples tática defensiva, quando o perigo está dentro de dois olhos castanhos, negros ou azuis. Mas quando a mulher tem olhos verdes, é difícil, muito difícil, bater em retirada.

Vossa revolução veio surpreender o nosso herói em plena conspiração. Cercado pelos inevitáveis copos de chope e recitando, como quem canta, os versos de Vinícius de Moraes — sempre às ordens dos amantes das primeiras e segundas aventuras — ele já se dispunha a romper todos os vínculos com a legalidade constitucional do casamento. Ainda no 1º de abril, talvez pela influência da data, era um homem quase tranquilo: retirara o retrato da mulher e do filho da carteira, esqueceu, de propósito, a aliança em casa e fazia questão de contar os segredos de seu amor a mais de vinte amigos. (E sempre com a recomendação: — «Vai me prometer que você será um túmulo: nada de dar com as línguas nos dentes»).

À noitinha, 1º de abril ainda, nosso herói andava tão ausente, que riu muito quando lhe contaram que a revolução estava nas ruas. No bar, enquanto todos se interrogavam, se degladiavam em discussões, eis que ele só pensava na amada feita de música. De repente, assustou-se: soldados armados de fuzis e metralhadoras, tanques nas ruas, estranhos tanques que ele só tinha visto antes em fotografias, anunciaram-lhe o perigo. De que lado? — quis saber. Assustou-se com o rádio falando em prisões e, de repente, tinha as mãos frias, trêmulas e úmidas: ele assinara uns manifestos, coisa sem importância, mas como um homem prevenido vale por dois, chegou a imaginar-se preso, barba grande, retrato no «Estado de Minas» (único jornal que entrava na casa dos pais, no interior) e a legenda: — «Este é o perigoso agente subversivo, Paulo de Castro Farias, preso ontem durante uma batida dos policiais do Dops na casa número tal da Avenida João Pinheiro». E depois a notícia: — «Na casa do indigitado agitador os policiais encontraram farto material subversivo».

Os amigos surpreenderam-no nervoso. — «Calma, rapaz, calma: você é da esquerda apaixonada, não corre perigo». Nada de brincadeiras, o momento era grave: — «Minha ficha está lá, eu sei, minha ficha está lá». (A bem da verdade é bom dizer que não estava porque os tais manifestos passaram despercebidos). De súbito, diante do copo de chope vazio, assustou-se mais: e se eles fôssem em sua casa? Tinha que agir rápido. Já decidira: mandava a mulher e os filhos para a casa do sogro, escondia-se, deixava passar todo o perigo. — «Táxi, táxi». E já estava ele em casa, abraçando a mulher e o filho, apaixonado. A operação fôra rápida — e duas horas depois estava muito bem escondido no consultório dentário de um amigo.

Tinha o telefone do vizinho: — «Então, a polícia bateu lá em casa?». Nada, tudo calmo. Um dia, dois dias, três dias — e ele escondido, almoçando e jantando sanduíches que os amigos levavam. E na noite de 8 de abril, ele só no 14º andar do consultório dentário, sentiu saudades. Não dos olhos verdes. Mas saudade da mulher, de olhos castanhos, aquele jeitinho de sorrir, de falar. E o filho, 1 ano, 6 meses e 3 dias. «Ah, meu filho, seu pai está refugiado». Será que a polícia foi atrás deles? Dormiu olhando o céu com estrelas. De manhã, sobressaltado: a porta abria-se. Era o amigo dentista que falava: — «Chega, basta, você vai sair agora, sua mulher e seu filho estão em casa esperando-o». Não era possível: desceu o elevador quase cantando, ele que pensara até em pedir asilo na Embaixada do Peru.

PS — Ainda dentro do elevador rasgou os documentos subversivos que trazia no bolso: uma carta e o retrato da mulher de olhos verdes.

## eu já estou protegido!

Os produtores exclusivos da **PASTA DENTAL ANTI-CÁRIE XAVIER** orgulham-se de ser os pioneiros na divulgação da terapêutica preventiva do Flúor.

Os benéficos resultados que advirão às crianças, confirmarão os preceitos emitidos pela American Dental Association sobre as excepcionais qualidades do Flúor como agente anti-cárie.

**contém  
FLUOR**

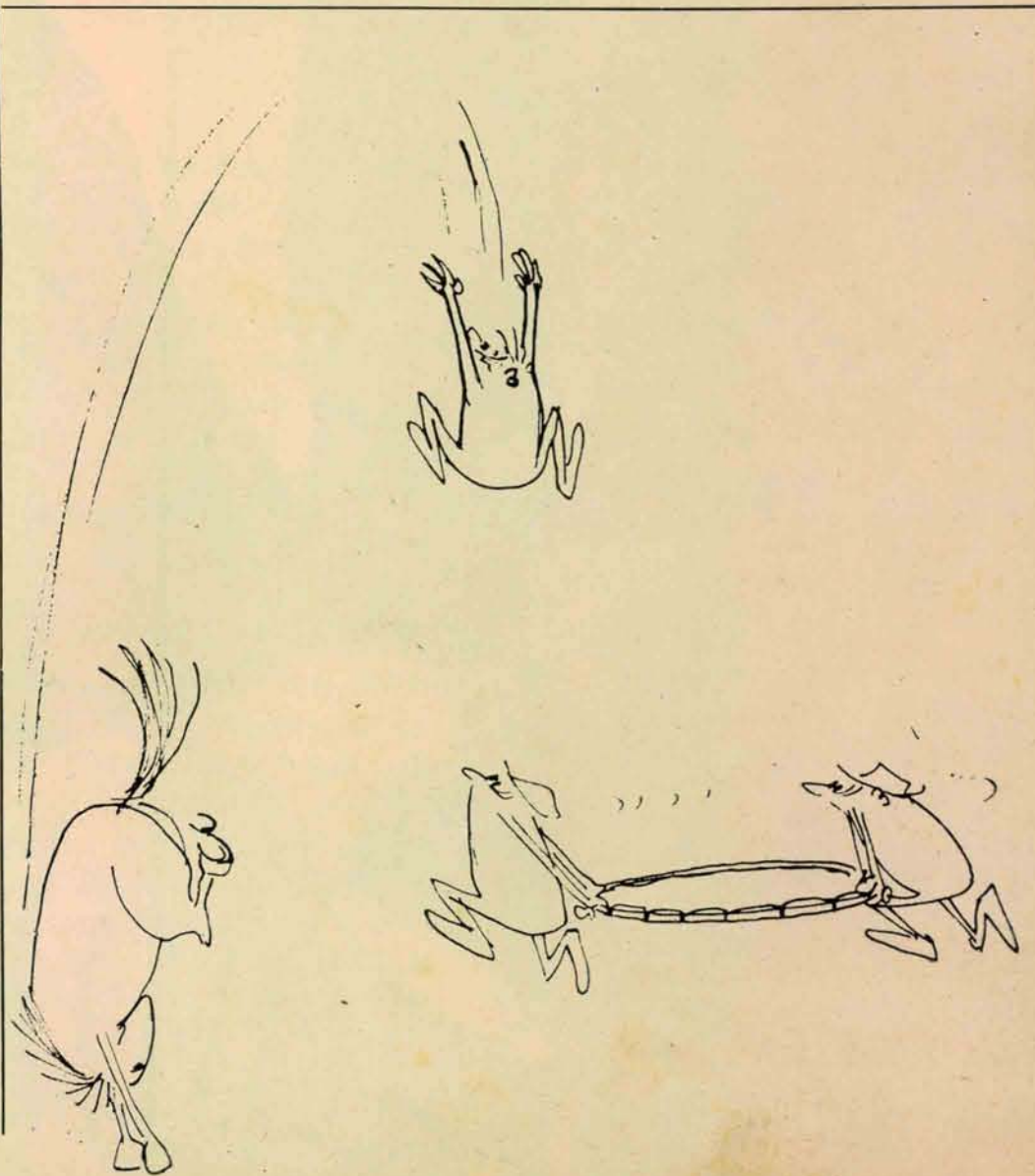
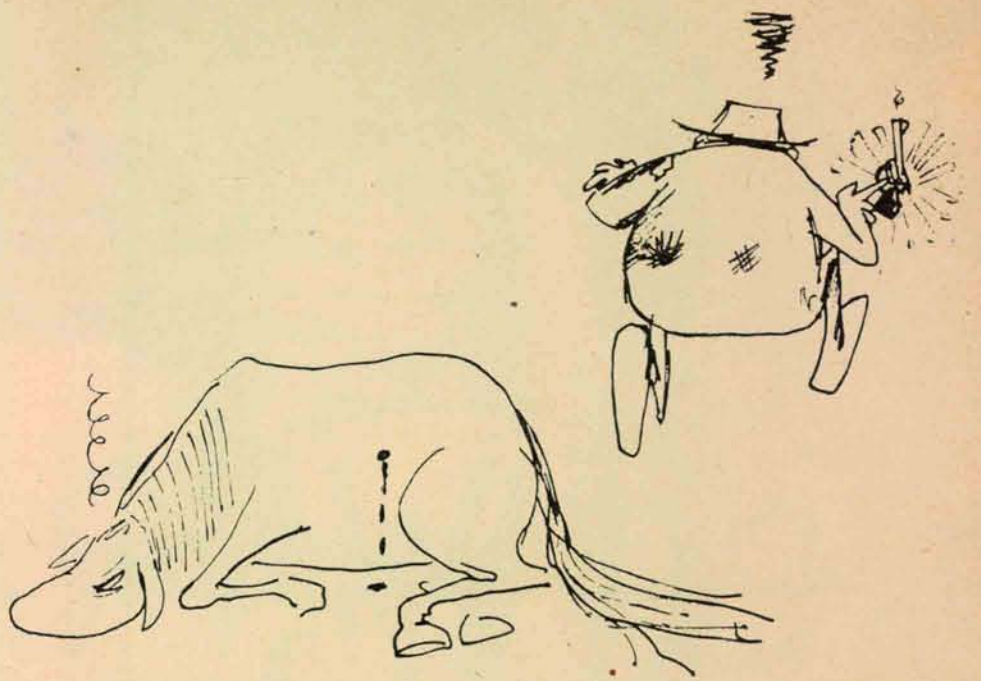
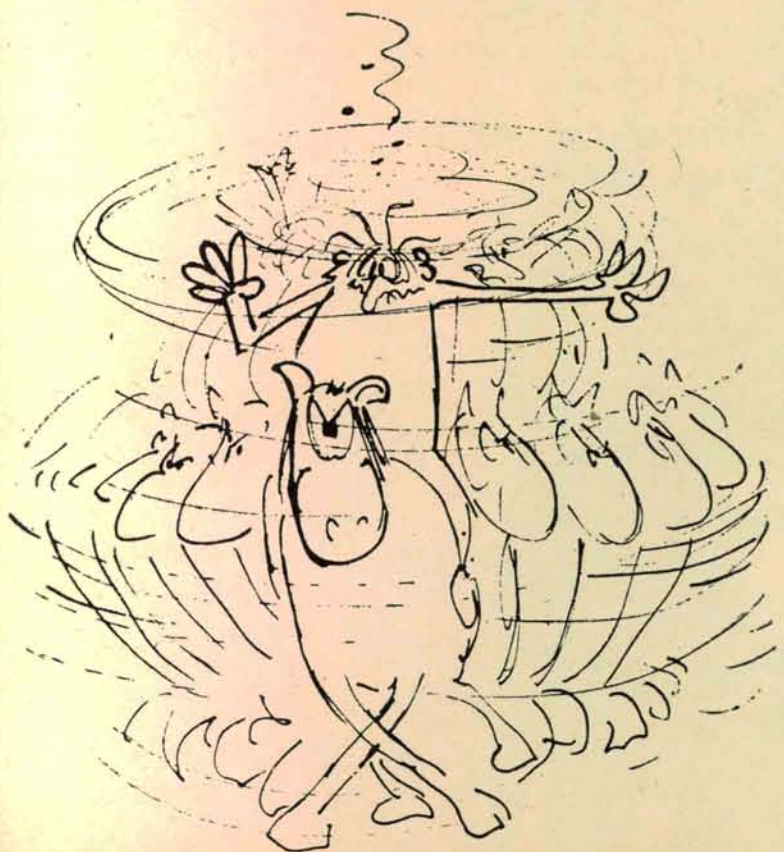


OS PRIMEIROS EM

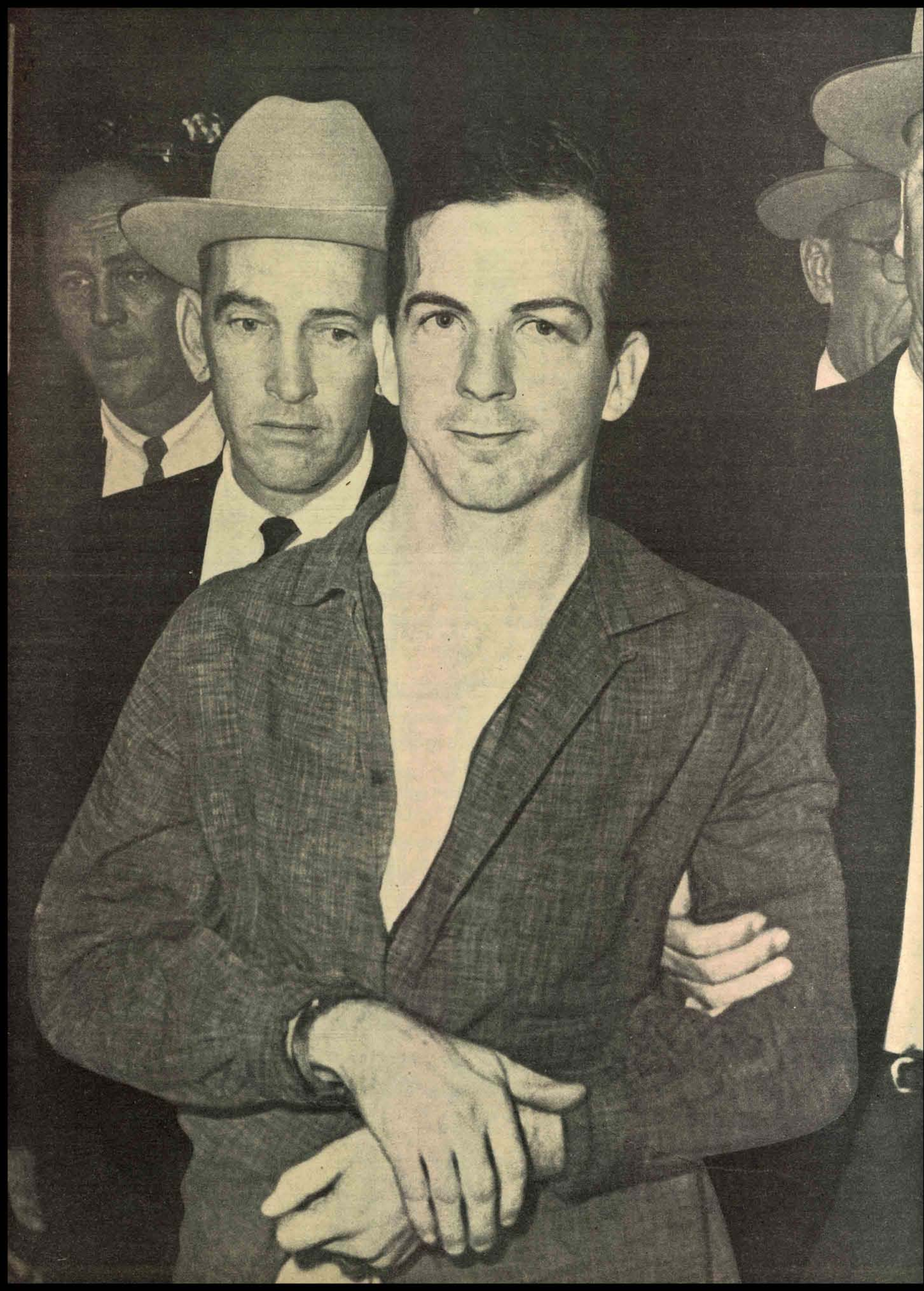
**FLUOR**



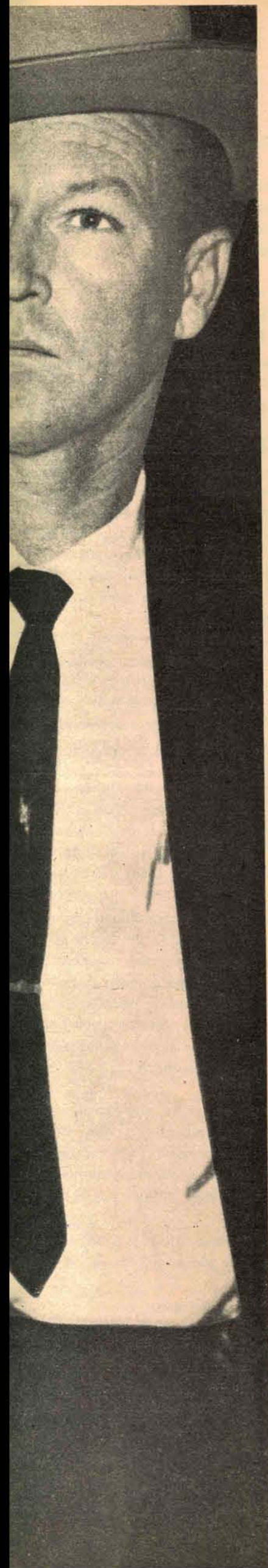
# Kenil O RODEIO











---

# SE LEE

---

---

# OSWALD

---

---

# PUDESSE

---

---

# FALAR ...

---

Se um tiro de Jack Ruby não tivesse calado Lee Oswald, V. o condenaria como o assassino do Presidente John Kennedy levando em conta, apenas, o que já foi publicado? Antes de responder "sim" ou "não" espere um pouco, o suficiente para ler o artigo que o repórter Dirceu Soares fez, como se fôsse o próprio Lee Oswald, após uma pesquisa de 25 dias que o obrigou a analisar, uma por uma, todas as reportagens dadas pelas revistas da França, Itália e E. U. A. Para aumentar, ainda mais, a importância de seu trabalho, que é uma exclusividade nacional de Alterosa, Dirceu Soares teve em mãos todos os exemplares do jornal "New York Times" com o noticiário sobre o assassinato de Kennedy. Como Lee Oswald não teve tempo de falar em sua própria defesa, Dirceu Soares reuniu todos os elementos que ele teria para tentar livrar-se da cadeira elétrica. Você, que já leu as acusações a Lee Oswald, é agora o juiz.

EXCLUSIVIDADE NACIONAL



# teria dito: "vejam porque

Oswald:  
O Texas  
Odiava  
Kennedy



«Eu não matei Kennedy. E não venho de mãos vazias para afirmar isso. Seria perder tempo. Todo o povo de Dallas, dos Estados Unidos e até do mundo já me julgou: muitos me condenaram; alguns absolveram. Só que os jornais, quando falam a meu respeito, chamam-me de «assassino do Presidente Kennedy». Mas o que a Polícia e o Promotor de Dallas, Mr. Wade, andam dizendo não é verdade. É contraditório de mais para ser verdade. E eu nunca pude dizer nada. Jack Ruby tirou-me o direito de defensor ao roubar-me o direito de viver. Não, eu não matei Kennedy.

Acusam-me de ser um homem que odiava Kennedy. Mas o Texas inteiro o odiava. Quando contaram aos alunos de um colégio de Dallas que o Presidente havia sido assassinado eles ficaram alegres e bateram palmas. Em Houston, depois da morte, foi negado o nome «Kennedy» à um estádio pela unanimidade de sua diretoria. O jornal «Dallas Morning News» aceitou publicar um artigo por 1.500 dólares acusando o Presidente morto de facilitar o comunismo não perseguindo os comunistas dos Estados Unidos. O fato de ter sido eu um estudante inconformado, de «gênio difícil» e solitário não dá a ninguém o direito de me culpar pela morte de Kennedy. Muito menos o fato de ter eu vivido na Rússia durante três anos: o Embaixador da URSS em Washington, Mr. Anatoli Dobrinin, enviou documentos ao Secretário de Estado Dean Rusk indicando-me como agente secreto norte-americano infiltrado na Rússia. Estes documentos estão com o FBI e nunca foram divulgados. Quem me mantinha na Rússia? De onde vinha o dinheiro que me mandavam pelo correio? Também não fui comunista: meu livro — a datilógrafa profissional Pauline Bates, que copiou para mim parte dele, sabe muito bem disto — prova o contrário. Eu fiquei decepcionado com a vida que encontrei na União Soviética. O FBI tem uma fita magnética encontrada em New Orleans com um jornalista onde está gravada uma entrevista minha sobre a Rússia.

O processo que a Polícia de Dallas fez está cheio de contradições. A cada passo aparecem com uma «prova nova». Foi o que aconteceu com o mapa do roteiro do desfile de Kennedy: logo que me prenderam, a polícia tirou todos os meus pertences de meu quarto e só três dias depois da minha morte é que disseram ter descoberto em meu quarto o mapa assinalado na biblioteca e em mais dois outros lugares de onde o sr. Kennedy pudesse ser baleado. O próprio Promotor Wade chegou a encerrar o caso uma vez e não fôsse a versão européia de que seria

impossível uma pessoa manobrar com tanta rapidez o fuzil que dizem ter sido usado por mim, ele não o teria aberto outra vez. Quanto à arma há confusões:

Oswald Quer  
Saber Se  
Afiml Êle  
Tinha Ou  
Não O Fuzil



1) A princípio a Polícia declarou que foram encontradas impressões palmares minhas no fuzil. Depois negou isso. Afirmam que uma impressão palmar foi encontrada numa caixa de papelão em que eu estive sentado à espera do desfile presidencial, na Biblioteca. Ora, se eu comi frango — como também afirmam — e não usava luvas (para deixar esta impressão palmar) eu forçosamente deixaria impressões palmares e digitais na janela, no fuzil, na parede e na caixa de papelão. Esta impressão na caixa não teria sido forjada pela polícia para jogar a culpa em mim?

2) Afinal eu tinha ou não tinha o fuzil? Dizem que eu o comprei pelo reembolso postal, usando um nome — Hidell — falso. Disseram que Marina, minha mulher, notara que eu tinha fuzil em casa na noite anterior à morte de Kennedy e que na manhã seguinte a arma não mais estava lá. O que ela afirmou é que havia uma coisa embrulhada num lençol. Não viu fuzil nenhum. Nem a Sra. Paine, que dizem, guardara o fuzil em casa. Ela é uma «Quaker» e não quereria nunca ter uma arma de fogo em casa, coisa proibida pela sua religião.

3) As pesquisas com parafina feitas em minhas mãos provaram que eu havia disparado uma arma de fogo, não exatamente um fuzil. Isto porque quem dispara um fuzil fica com partículas sólidas de nitratos queimados também no rosto, parte que fica bem próxima à arma quando se faz a pontaria. Na minha face não encontraram nada, só nas mãos.

4) Viram-me entrar na Biblioteca, onde trabalhava, com um embrulho. E daí? Porque eu levava um embrulho, esse embrulho tinha de ser um fuzil e eu tinha plano de matar um Presidente que ia daí a pouco desfilar na rua?

O mais interessante ainda é o disparate das pessoas que «me viram» no dia do assassinato:

a) O inquérito, no início, concluiu que «várias pessoas» me viram na janela do sexto andar da biblioteca minutos antes dos tiros. Essas várias pessoas, afinal, se fundiram numa só, mesmo assim, meio incerta: «Não posso identificá-lo, a menos que eu veja alguém parecido com ele».

b) E o guarda que entrou no prédio para me prender? Segundo ele, minutos depois dos tiros entrou na biblioteca e me viu



# eu sou inocente".

tomando refresco no segundo andar no meio de outras pessoas. Ia me prender mas quando soube que eu era funcionário da casa mudou de idéia. Ia me prender por quê? Naquela hora nem tinham sido dados pelo rádio os meus caracteres para minha captura. E outra: então porque eu era funcionário da biblioteca eu podia deixar de ser prêso, mesmo matando um Presidente da República?

## Dúvidas Viajam De Ônibus No Destino De Oswald



c) Dizem que eu entrei num ônibus, depois de deixar a biblioteca já cercada pela polícia e com cordão de isolamento. Como eu não sei. Nem a polícia. Dentro do ônibus eu contei para o motorista e a uma senhora que o Presidente havia sido baleado. Perguntaram-me como é que eu sabia e eu respondi com um riso alto e gostoso. Veja se há lógica nesta história? Eu, fugindo do local do crime, vou ficar contando a coisa, rindo e levantando suspeita por todo lado?

d) Deixando o ônibus eu peguei, segundo a versão da polícia, um táxi. O motorista do táxi — que se chamava, no início do inquérito, Darryl Click, passou a se chamar depois William Whaley — foi ouvido pelo FBI e contou que me levou a casa e que eu troquei de roupa apressadamente. William Whaley sabe a hora em que eu peguei seu táxi: 12 horas e 30 minutos. Os tiros no Presidente foram dados às 12 horas e 31 minutos exatamente. Este táxi foi tomado a 400 metros da biblioteca.

5) Também não está claro (e caberá ao FBI provar isso certinho) se matei ou não o guarda Tippit e porque o matei. Garante a Polícia de Dallas que quanto a esse ponto não há dúvida: matei o policial logo que deixei o táxi mas não sabem em qual rua. No início do processo esta rua era uma, depois passou a ser outra. E esse policial? O que estaria ele fazendo sozinho lá se a força policial estava toda concentrada perto da biblioteca e os regulamentos da Polícia proibem aos guardas andarem sozinho em serviço? Afirmam que houve um diálogo entre nós dois. A sra. Helen Markman, única testemunha do assassinato de Tippit, disse: «Vi parar o táxi, descer dele um moço que foi até a um carro da polícia onde estava um guarda sozinho. Os dois conversaram um pouco amistosamente. Depois o policial desceu do carro e foi quando, de repente, o moço alvejou-o na cabeça com um tiro de revólver. A rua estava quieta e eram 13,15 horas».

A minha prisão também está mal contada. Afinal por que me prenderam? Pela morte de Tippit ou pela morte do Presidente Kennedy? Ou pelas duas, como agora di-

zem? Minha «descoberta» no Texas Theatre se deu, segundo a Polícia, em duas versões: a) uma bilheteira, do lado de fora da sala de projeções (coisa difícil) teria me visto trocar de lugar várias vezes na platéia. Por isso suspeitara (?) de mim e chamara a polícia. b) um transeunte, da rua (coisa mais difícil ainda) é que me viu trocar de lugar várias vezes dentro do cinema e por isso suspeitara (?) de mim.

Afirmam que ao ser prêso tentei matar outro guarda: o Promotor Wade diz ter uma bala marcada por um percursor encontrada em meu revólver, bala esta que mascarara quando tentei atirar no guarda que me prendeu no cinema. Já esse guarda afirma que eu nem cheguei a atirar nele: «Quando Oswald sacou da arma, consegui segurar na coronha do seu revólver e impedir que ele disparasse a arma». Afinal, Sr. Wade, o senhor tem ou não tem a bala?



## Quais São As Relações De Ruby Com A Polícia?

Quais seriam as minhas relações com Jack Ruby? Afinal, não estava eu indo em direção à sua casa (fui prêso a 800 metros da casa dele)? E as relações minhas com o policial Tippit que, segundo a sra. Helen Markman, conversou comigo em tons amistosos antes de ser morto por mim? E as ligações de Ruby com Tippit, que também estava perto de sua casa? As ligações de Ruby com a Polícia de Dallas, que lhe permitiram entrar armado e me matar nos porões da prisão?

O advogado que se encarregou de fazer a minha defesa póstuma, Sr. Mark Lane, tem uma versão completamente diferente do assassinato do Presidente Kennedy e tem 9 testemunhas para garanti-la: as balas que mataram Kennedy não vieram da janela do sexto andar da Biblioteca mas de um jardim, à frente e à direita do carro presidencial. Mas o FBI parece que não quer saber disto, mesmo estando entre as testemunhas um parlamentar do Texas, Sr. Henry Gonzales, do Partido Democrata, que se achava em um dos carros que acompanharam Kennedy no desfile. E as declarações de minha mãe, sempre firme em dizer que eu não sou o criminoso? As testemunhas que tenho a meu favor então não são contadas? E a segurança de minha mulher, Marina, que ao que parece se nega a me acusar?

PS — A revista francesa «Paris Match», publica, num dos seus últimos números, uma foto minha com «a arma do crime na mão», dando com isso o caso por concluído: para ela eu sou o assassino. Ora, então porque seguro uma arma, fui eu quem matou Kennedy?

D. S.





---

*William Shakespeare, filho de John e Mary, nascido em Stratford-on-Avon, condado de Warwick, Inglaterra, a 23 de abril de 1564, conseguiu um milagre: continua vivo, aos 400 anos, num mundo dividido que se une para que o autor de "Otelo" coexista, pacificamente, na admiração até de russos e americanos. O segredo de Shakespeare consiste em ter sabido criar personagens cujas alegrias, tristezas, drama e riso conseguem falar a todos que os vêem nos palcos, tão reais como se tivessem carne e osso. Ele é o pai de "Romeu e Julieta" símbolos do amor. Para conhecer Shakespeare não basta ler suas peças: é preciso vê-las em cena. É quando Shakespeare é mais Shakespeare.*

---

Texto: Charles Shier

---





# SHAKESPEARE IS ALIVE



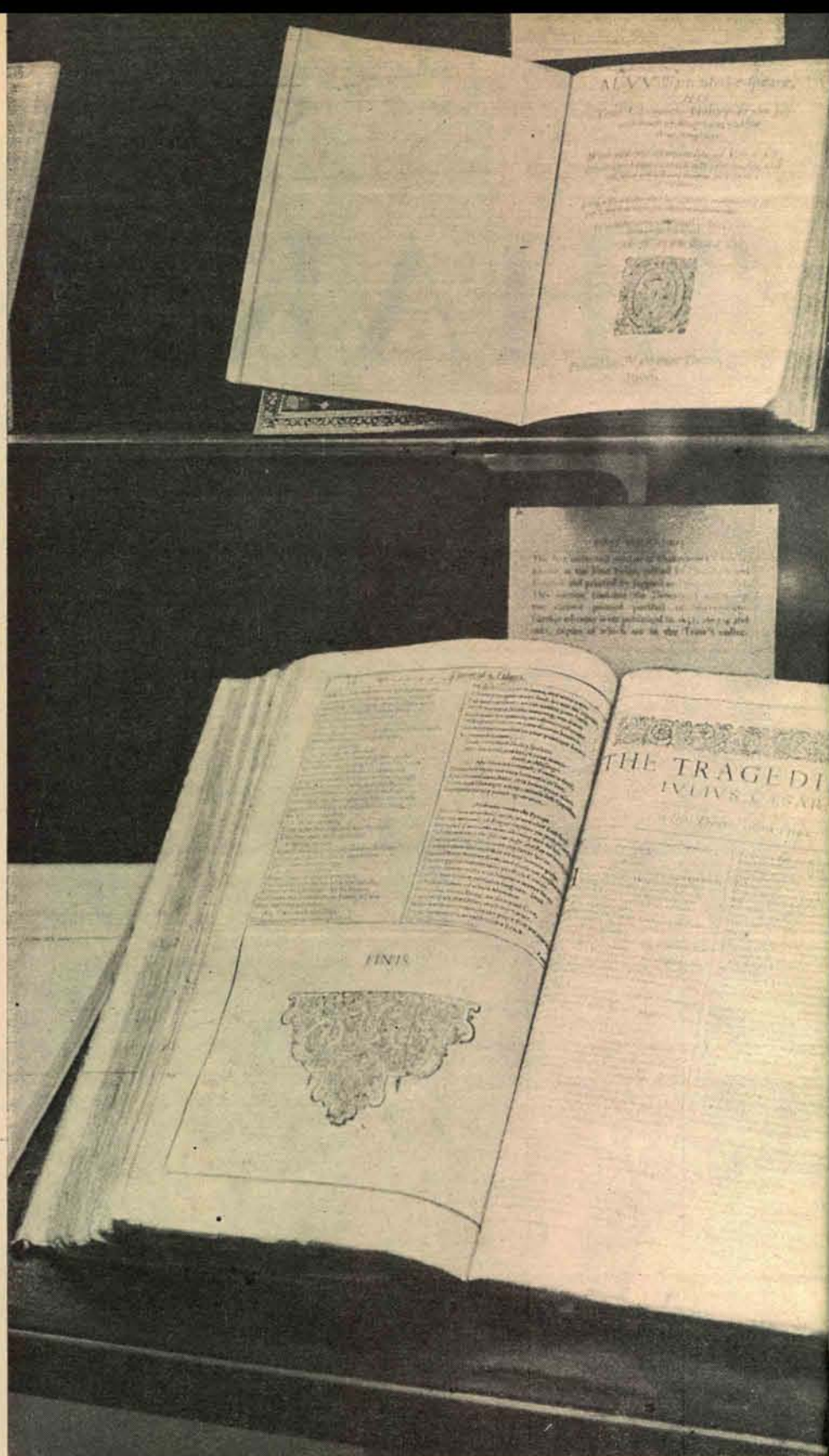


# Shakespeare

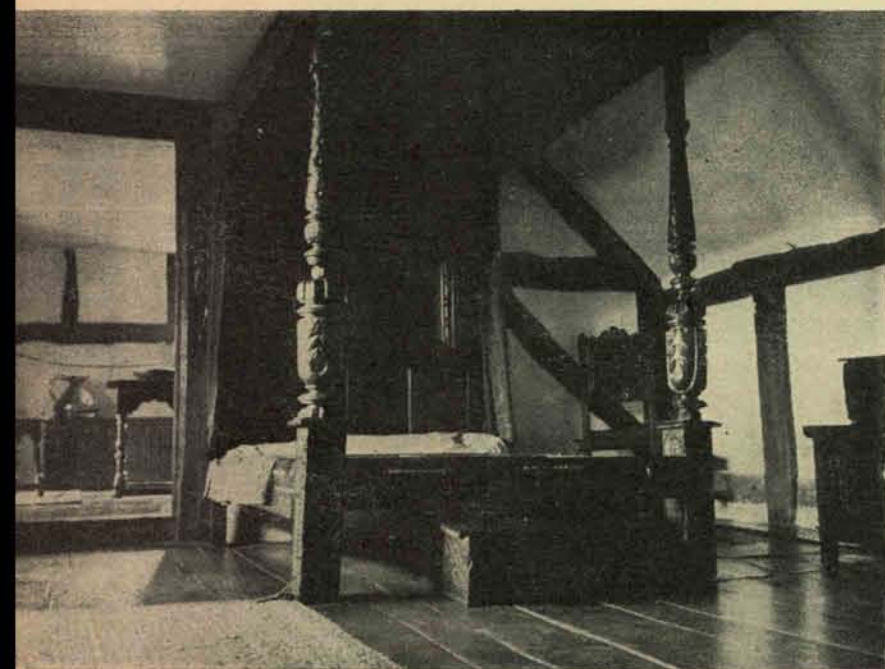
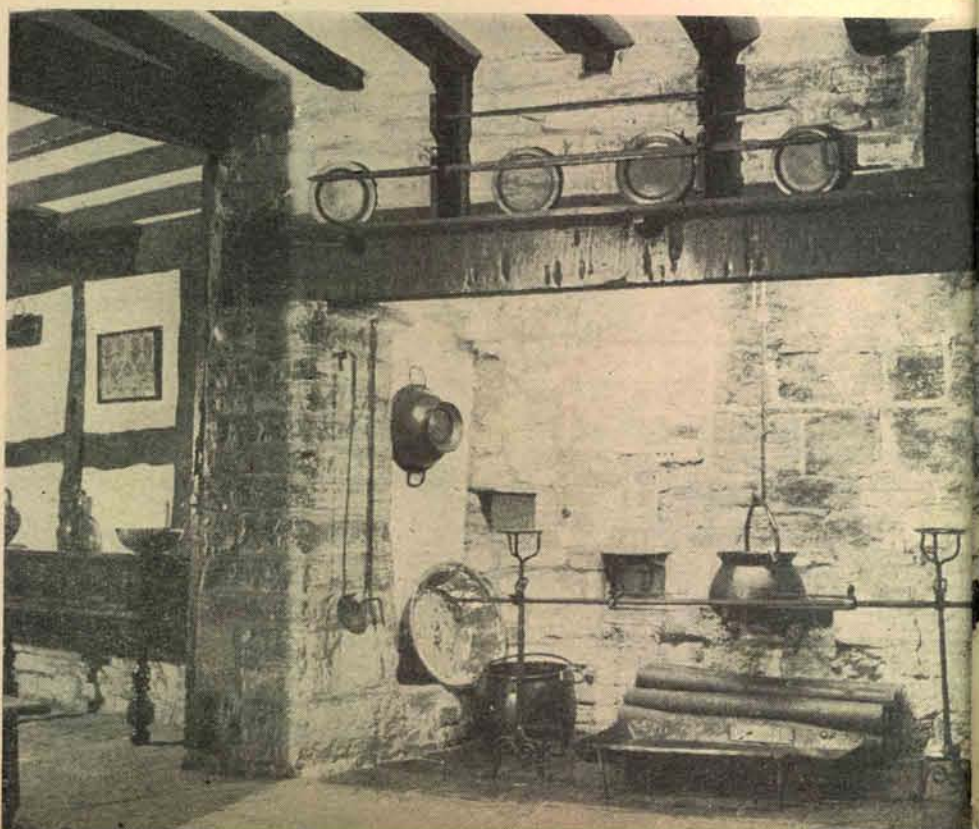
## Em

## Quatro

## Atos



Como se a morte do poeta  
fôsse apenas um dado a  
mais na sua biografia,  
Stratford-on-Avon é a mesma  
cidade de há quatro séculos,  
a homenagem que a Inglaterra e  
o mundo fazem questão de  
prestar a Shakespeare.  
A cozinha da casa onde nasceu,  
a primeira edição de um  
trabalho, assim como a cama  
de campo de sua mulher,  
Ann, permanecem intactos. E o  
bar onde Shakespeare  
se encontrava com os amigos  
vê o passado voltar  
nos festivais populares.





1

Um autor de 400 anos com peças vistas e discutidas em todo o mundo até hoje só podia ser um gênio. Ou vários gênios. Essa dúvida foi levantada por críticos de teatro e historiadores 150 anos depois de sua morte: «era impossível que uma pessoa só pudesse escrever tantas obras, tão boas e em tão pouco tempo». Mas nada conseguiram provar e William Shakespeare comemorou dia 23 de abril passado o seu quarto centenário. E não é uma minoria conservadora que vê hoje as peças de Shakespeare: elas não perdem a atualidade porque são populares e, como no tempo de suas primeiras encenações, feitas por ele próprio, tôdas as camadas sociais vão vê-las. O diretor administrativo do Royal Shakespeare Theatre — freqüentado por mais de 500 mil pessoas cada ano —, sr. Peter Hall, é quem diz: «Ele sempre escreveu para as massas. E, embora a adoção de seus textos tenham sido um fracasso nos colégios, as peças, quando encenadas, são imediatamente compreendidas pelo público. Ele escreveu para ser interpretado, nunca para ser lido».

2

Shakespeare foi um homem de muita atividade: suas peças chegaram a 37, além de 5 poemas e um conjunto de 154 sonetos. O teatro inglês é que mais difunde suas obras, tendo, com elas, aparecido nomes famosos: Sir Laurence Olivier, Sir Ralph Richardson, Sir John Gielgud, Lady Vivian Leigh, Barbara Jefford. Seus personagens femininos foram poucos e isso foi interpretado mal pelos críticos, que o acusaram de ser afeminado. Na realidade, porém, o mal era da época: todos os papéis do teatro eram interpretados por pessoas do sexo masculino, cabendo os papéis femininos a rapazes novos vestidos de mulher.

3

O amor de William Shakespeare foi uma mulher chamada Anne Hathaway, mais velha que ele 8 anos, com quem se casou aos 18 anos porque a tornara grávida. O pai de William era um comerciante de lã e o de Anne um lavrador. As famílias eram as mais amigas da cidade de Stratford-on-Avon (onde nasceu Shakespeare), de modo que o casamento foi feito em paz e não houve problemas financeiros: mesmo sendo menor, o rapaz sempre teve meios de manter a casa e, três anos mais tarde, já ser pai de dois gêmeos (que morreram cedo) e de duas meninas.

4

Durante os tempos de rapazinho, ele nunca respeitou muito as coisas proibidas: uma vez foi prêso caçando veados na propriedade do homem mais rico da região, sr. Lucy e cumpriu pena de dois anos. Seu jeito de ser, assim livre e quase irreverente, é o que o fez em 1587, já casado, juntar-se a uma companhia de artistas teatrais ambulantes, que passou por Stratford e sumir com ela para Londres, morando uns tempos longe da família. Por essa época, Londres vivia momento histórico: Elizabeth mandara executar sua prima Mary, da Escócia. De ator iniciante (tido como canastrão), passou a revisor e escritor de peças. Em 1592, o público londrino já se entusiasmava com ele. Passou a diretor e a empresário de suas peças. Em 1597 já era um homem rico: comprou uma das maiores casas de Stratford, para onde se mudou, deixando Londres. Quando morreu, com 52 anos, deixou a casa para sua filha mais velha, Susane. Com a morte de seus dois filhos gêmeos não teve descendência que conservasse seu nome.







## *Jeanne: Mulher Para Muitos*

Uma corrida de bicicletas, realizada em Munique, na Alemanha, permitiu que os novos campeões europeus conhecessem a atriz Jeanne Moreau: ela foi especialmente convidada para madrinha, duas semanas após terminar as filmagens de «Diário de uma Camareira». Eles ficaram encantados com o trabalho de Jeanne em «Jules et Jim», onde ela roda de bicicleta pelas estradas da França. E a corrida lhe deu, também, ocasião de usar um modelo do costureiro parisiense Pierre Cardin, na base da rosa natural, uma última homenagem ao seu tempo de namorados.

# ELAS

## *O Que A Sra. Vanja Ocultava*

Olhem só a falta de graça (ou o pudor?) da atriz Vanja Orico que mostra, pela primeira vez, suas pernas morenas cor de «coca-cola» como quem comete um pecado. É que, filha de embaixador, casada e mãe de um garoto, Vanja sempre achou que não lhe fica bem aparecer assim, fora, naturalmente, das cenas dos filmes de cangaço — nos quais, apesar de aluna aplicada, ela é repetente: depois de «O Cangaceiro» fez «Lampião, O Rei do Cangaço». Enquanto aguarda um filme capaz de retirar uma dúvida — Vanja possui talento? — Maria Bonita viaja de novo para a Europa, onde, em particular na França, é conhecida: as canções de «O Cangaceiro» fizeram de Vanja Orico uma voz quase famosa.

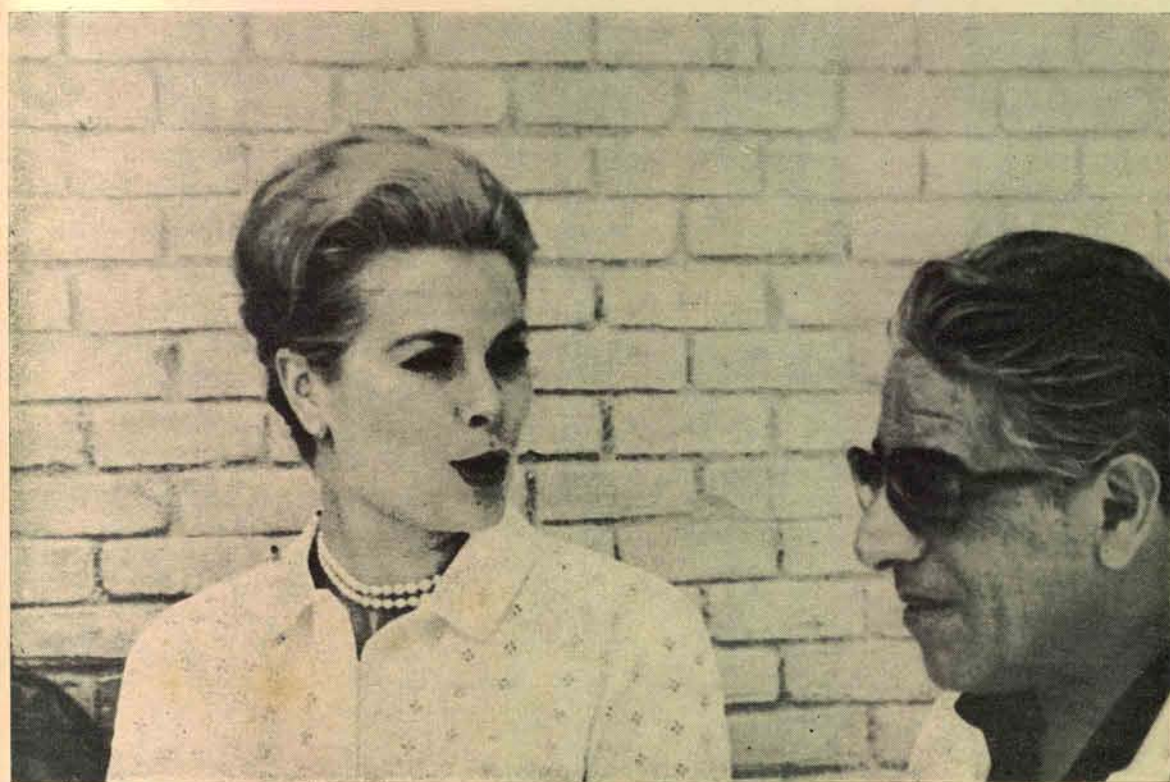






## A Queda É A Subida De Sofia

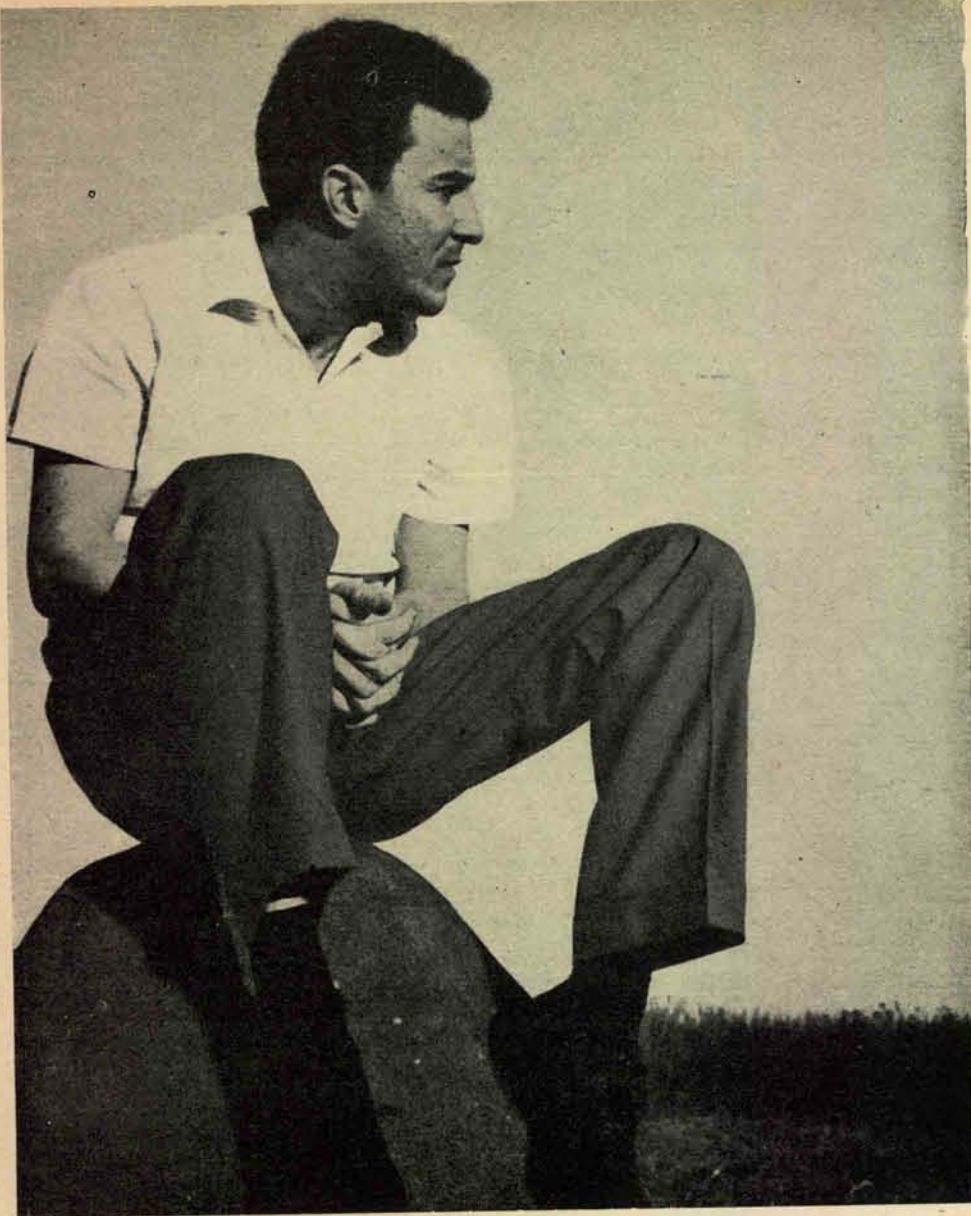
Sofia Loren sorri para as grandes produções cinematográficas. São elas que dão mais dinheiro e mais público. Ainda mais na Europa, onde os impostos são menores. Em todo o mundo ninguém deixa de ver os cinemas coloridos, com cenários bíblicos, cheios de gente e música marcante. Sobretudo com mulheres bonitas. Quando Samuel Bronston a convidou para fazer Simene, o grande amor de El Cid, (Charlton Heston), ela não teve dúvidas em aceitar o papel. Tudo saiu muito bem. Agora está noutra super-produção, também de Bronston: «A Queda do Império Romano». No meio de tanto soldado romano e da feiura de Heston (novamente), a beleza de Sofia ainda é maior.



## Quando Grace Sòzinha Não Consola

O homem de óculos escuros e cabelos grisalhos tem motivo para estar assim, meio triste, apesar da presença de Grace Kelly: ele é o armador grego, Onassis, ex-dono do coração da cantora Maria Callas. Enquanto Grace Kelly fala, Onassis lembra: — «Era uma vez uma cantora, uma cantora famosa e quase jovem que fazia feliz um quarentão. Quantas vezes, ao lado da própria Grace Kelly, nós fomos ao mar. E agora, ela não é mais nem uma voz». A dor de Onassis está ganhando espaço nos jornais europeus que, talvez refletindo a vontade coletiva de seus leitores (que se realizam com o amor alheio) torcem para que ele e Callas se reconciliem.





# BÊ-A-BÃ DA BOSSA

*"...No fundo do peito bate  
calado*

*Que no peito do desafinado  
Também bate um coração."*

Quando terminou, de madrugada, o primeiro espetáculo organizado por uma turma de jovens cantores e músicos, há quase cinco anos, no Teatro de Arena da Faculdade Nacional de Arquitetura, três mil pessoas em êxtase anunciaram com aplausos e gritos um novo tipo de música: a Bossa-Nova, uma maneira inédita de cantar com vozes desafinadas e ritmo às vezes monótono de alguns sambas, nascida para conquistar o mundo em pouco tempo. Na sua história, gente como Vinícius de Moraes, Odete Lara, João Gilberto, Nara Leão e Tom Jobim fazem todos os papéis, de criadores, teóricos e cantores.



# NOVA

NOSSA REPORTAGEM DIDÁTICA

Texto: Olívio Tavares de Araújo

Fotos: Samuel Jack El-Elyachar (ELENCO)







**M**AS o que é isso, a bossa-nova? Será apenas, como o nome indica, uma questão de descobrir novos truques (uma nova bossa) e aplicá-los a uma forma de música como as outras? Ou a bossa tem alguma coisa diferente, um *it* especial, somado a uma forma realmente nova de composição musical?

**P**OR uma série de motivos, a expressão bossa-nova passou a ter muitos significados, em campos distintos. Rigorosamente significa mesmo apenas isto: um truque, um *it*, um jeitinho especial para cantar melodias, mesmo antigas. Quando João Gilberto, com sua interpretação toda pessoal, apresenta uma composição como «O Samba da minha terra», feita há muito tempo por Caymmi, está fazendo, de certo modo, bossa-nova. E' claro, porém, que esta transformação não se faz apenas porque com a voz o cantor seja capaz de modificar todo

**A**O que tudo indica, realmente os procedimentos utilizados pela bossa-nova são de um modo sistemático, e criam um estilo. Assim, por exemplo, uma peça da bossa-nova apresentada por um dos cantores que não fazem parte de seu grupo, é privada de suas características próprias, perde sua natureza original. Em outros termos, como observa um músico «sério» (isto é, erudito, de «música clássica») num trabalho sobre a bossa-nova, é curioso observar que, nas mãos dos «bossa-novistas», uma canção qualquer pode virar quase que propriamente bossa-nova, enquanto que uma canção, mesmo composta especificamente dentro da bossa-nova, pode deixar de sê-lo facilmente desde que não receba o tratamento adequado e saia das mãos de seus criadores.

**M**AS não é apenas este o sentido em que devemos conhecer a palavra bossa-nova. E' ele o mais importante, sem dúvida, porque trata da bossa-nova objetivamente, enquanto fenômeno musical. Mas há outros de cujo conhecimento não podemos prescindir. Assim, bossa-nova designa também um movimento: justamente o do grupo que utiliza os processos comuns a todas as composições. Os nomes são, hoje em dia, conhecidos de todo o público brasileiro: Tom Jobim, Baden Powell, Silvinha Teles, Nara Leão, Carlos Lyra, Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal, Johnny Alf, Newton Mendonça, Sérgio Ricardo, Maysa, Paulinho Nogueira, Luís Bonfá, Lúcio Alves, Tito Madi, Alaíde Costa, Claudete Soares, Walter Wanderley, o Trio Tamba, e o importantíssimo João Gilberto, que divide com o poeta Vinícius de Moraes o título de «papa» — atribuído ora a um, ora ao outro. Como movimento, a bossa-nova surgiu no concerto do Teatro de Arena da Faculdade Nacional de Arquitetura, estendendo-se a S. Paulo.

Sempre de parceria com Ronaldo Bôscoli, autor das letras, Roberto Menescal fez boas músicas. Exemplos: «O Barquinho», «Ai Se Eu Pudesse».

um conjunto: há também certos processos no «arranjo», isto é, na distribuição de partes pelos instrumentos, na harmonia colocada sobre a melodia (nas notas que a acompanham), no ritmo que sustenta toda a construção. E chegamos aqui a uma nova conclusão: além de ser uma bossa pessoal, a bossa-nova possui também uma série de procedimentos típicos que caracterizam seu «estilo». Resta saber se esses procedimentos são sistemáticos ou não, se correspondem a uma necessidade de criar uma nova forma de música, ou apenas, casualmente, interferiram nela.





JÁ como soma de processos a serem utilizados, a origem da bossa-nova é bem mais difícil de precisar. Não se sabe, até hoje, exatamente, a quem atribuir a sua «paternidade» sob este ponto de vista musical. Não há disputas a esse respeito: mas a honra poderia caber a Tom Jobim, a Vinícius de Moraes, a João Gilberto, a Ronaldo Bôscoli, a Carlinhos Lyra, entre outros. Na realidade, é mais provável que todos esses nomes mereçam igualmente o título, pois a bossa não nasceu de uma invenção. Correspondeu a uma série de necessidades musicais mais ou menos coletivas da música popular brasileira, sentidas ao mesmo tempo por todos os que nela estavam trabalhando, e para cuja solução cada um tentou colaborar à sua maneira, apresentando suas próprias soluções. E a verdade é que essa questão de «paternidade» não tem muita importância: mais significativo do que ser um hipotético criador da bossa-nova é participar da atividade de conjunto que ela constitui.

É bastante comum vermos referências ao «jazz» quando se tenta explicar a origem da bossa-nova. Há mesmo quem a misture indevida e maldosamente com ele, tentando desvalorizá-la como produto autenticamente nacional. A própria bossa-nova, por sua vez, não se incomoda muito com a referência ao «jazz» e admite tranqüilamente as heranças que dele recebeu. A que mais se salienta, neste ponto, é a da harmonia utilizada. Como se sabe, determinadas linhas melódicas (melodias, séries de sons sucessivos) são sempre acompanhadas por colunas de outros sons que se colocam sob o primeiro, e lhe fornecem uma certa «ambiência» (um mesmo som muda inteiramente de sentido musical, de funcionamento dentro da melodia, parece outro e causa outro efeito, segundo a coluna de sons que se lhe tenha acrescentado). A música brasileira usual utilizava um sistema de colocação de colunas herdado da música «clássi-

ca» ou erudita: em nomenclatura correta, empregava na harmonização de suas melodias a «harmonia tradicional» que se aprende nos conservatórios. As distinções entre a música popular brasileira e a música erudita internacional eram baseadas apenas em questões de ritmo, e de certos movimentos da melodia tipicamente nacionais; não havia clara separação no campo harmônico. Um exemplo que a esse respeito pode ser citado é o Ernesto Nazareth — cuja forma de composição, embora bem antiga, permaneceu como base geral para toda a música popular que se fez depois de sua obra —, em quem o conjunto de trabalhos é muito semelhante aos dos músicos românticos do século passado, como Liszt ou Chopin. A posição da bossa-nova foi, aqui, realmente inovadora: buscou — com reservas e modificações, é evidente — na música de «jazz» norte-americana o seu sistema de harmonização.

Uma das primeiras intérpretes da bossa-nova foi Silvinha Teles que, quando canta «Da janela vê-se o Corcovado, o Redentor que lindo», versos de Jobim, é insuperável.







Baden Powell é o melhor violão. Também compõe. Durante muitos anos foi o acompanhador de Elisete Cardoso.

**D**E qualquer modo, o fato é que a bossa-nova tomou contacto e resolveu alguns dos procedimentos harmônicos do «jazz». Vários de seus componentes são músicos capazes e profundos conhecedores da matéria, quer em música tradicional, quer em música de «jazz», e a característica fundamental da harmonia jazzística, que é a das notas acrescentadas, passou a ser utilizada com freqüência. Vejamos, por exemplo, como se estrutura basicamente uma canção tão conhecida quanto «Barquinho». Em primeiro lugar, a linha melódica principal oscila sempre entre duas notas, que são repetidas em cada frase, depois de uma transição que lhes possibilita virem, a cada vez, um pouco mais baixo, um pouco mais grave na escala. Assim, o movimento sobre as palavras «Dia de luz, festa de sol» é o mesmo que em «tudo é verão, e o amor se faz» e em «sem intenção, nossa canção», bem como a transição, que é a mesma em «e o barquinho a deslizar, no macio azul do mar» e «num barquinho pelo mar, que desliza sem parar». Sobre essa melodia, tão simplesmente — e ao mesmo tempo, com que arte — construída, a harmonia torna-se de grande importância: — é ela quem vai ambientar e «definir» cada uma das repetições do movimento, variando-a, embora mantendo exatamente as mesmas notas, apenas em altura diferente. E as colunas de som — os ditos «acordes» — são feitas com inspiração do «jazz» (já que a harmonia do «jazz», por uma série de fatores, é mais expressiva): o autor trabalha todo o tempo com acordes de sétima, isto é, com a tríade acrescentada de uma

nota. Para quem puder tentar esta experiência ao piano, verifique que a base harmô-



nica sob:  
é:



merecendo especial atenção a nota ré, indicada pela seta, que é a «sétima» do acorde.

**N**ÃO seria correto julgar, porém, que a bossa-nova tenha sido em seu início — e muito menos hoje —, uma importação que não corresponde ao gosto nacional. O julgamento se desmente, em primeiro lugar, pelo sucesso de público que alcançou, por sua difusão entre nós e — já atualmente — como música de exportação de origem brasileira. Em segundo lugar, a bossa-nova possui, quer na música, quer no texto, uma característica especificamente nacional, que é o intimismo. E' verdade que a bossa-nova não corresponde a um gosto nacional rural ou suburbano: seu campo de ação são os grandes centros — Rio, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte — e, mais, centros cuja prosperidade é antes de tipo industrial do que agrário. Neste sentido, digamos sociológico, a bossa-nova é tipicamente um produto do crescimento de classes médias e de aculturamentos de industrialização, como a própria interferência cada vez maior do «jazz» em nossas cidades o é. Não podemos negar que a bossa-nova é um produto mais ou menos de elite para um público mais ou menos de elite — e não pode haver nisso erro algum, uma vez que esta elite é inegavelmente existente, devida ou indevidamente existente. O clima das letras da bossa-nova, de ternura e interioridade, é o clima dos pequenos ambientes fechados, das boates, das «music-box» que já existem tão largamente em todos os centros do Leste e Sul do país. Muito freqüentemente se comenta o fracasso sofrido por nossos intérpretes em sua primeira apresentação no «Carnegie-Hall» de Nova York, e não hou-

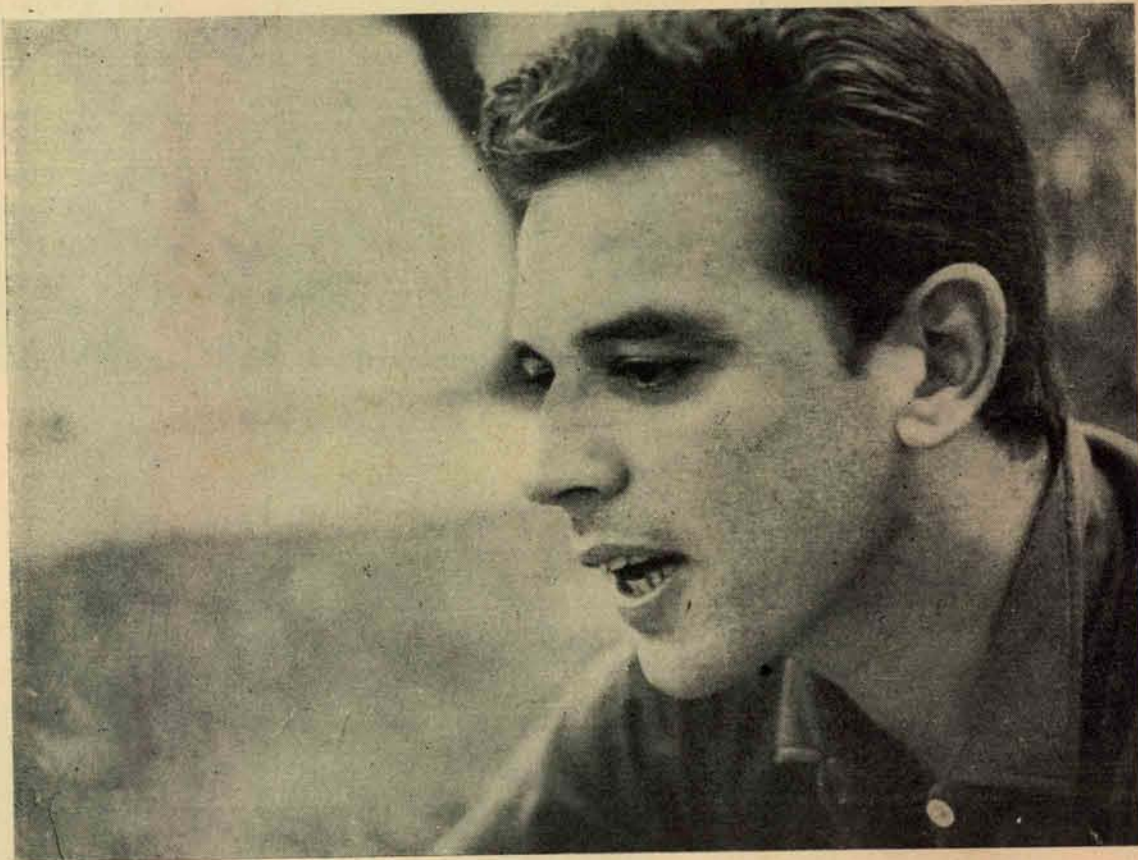


ve quem não percebesse corretamente, como um dos motivos de insucesso, a pouca adequação do local ao gênero apresentado. Ao contrário do «jazz», que é grandiloquente e faz apelo às grandes massas de som, aos instrumentos mais barulhentos (pistons, trombones, bateria), aos fortíssimos da orquestra, a bossa-nova executa-se sempre em surdina, sempre em «pianíssimo». Chegamos aqui a um ponto em que a bossa-nova é especificamente brasileira: no seu tom lírico, simples, ao lidar com ternura nas coisas mais do dia-a-dia urbano, como o passeio de uma «Garôta de Ipanema». Estamos no campo de um conhecido fenômeno que é o do intimismo brasileiro, já estudado por sociólogos como Gilberto Freyre: o intimismo que distingue sempre a grave Santa Teresa de Ávila — alheia ao espírito popular religioso de nosso povo — da cultuada Santa Teresinha, e que leva Manuel Bandeira a corrigir-se em seu poema: «Me dá alegria! Me dá alegria!, Santa Teresa!... Santa Teresa, não, Teresinha... Teresinha do menino Jesus».

**P**OR outro lado, é importante sabermos que muitos — ou todos — os processos musicais utilizados pela bossa-nova, mesmo quando importados do «jazz», não são um artificialismo americanizante: pois o «jazz» serviu, no caso, apenas de veículo. São processos musicais comuns a toda a música mais ou menos erudita atual — e é grande o intercâmbio entre a música erudita e o «jazz». O caso específico da harmonia é o único em que poderíamos deixar, neste ponto, alguma dúvida: pois existe uma harmonia particular do «jazz» que a bossa-nova assimilou, embora com mudanças suficientemente radicais para lhe autorizarem falar de uma harmonia própria. Em todo o resto, na modificação da relação texto-música-voz, na crescente importância da instrumentação, na utilização de processos polirrítmicos, e polifônicos, a bossa-nova apenas recai, em última instância, em recursos tão antigos quanto valiosos e atuais. Vejamos separadamente cada um desses itens:

**E**M primeiro lugar, a bossa-nova reinstalou a importância do texto musical, referentemente à voz que o interpretava. Houve uma época na História da Música erudita em que, por influência e difusão da ópera italiana, não importavam muito aos ouvintes nem a letra cantada nem — por paradoxal que isso possa parecer — mesmo a melodia; importava sobretudo o como era cantado. Valorizava-se a voz, a capacidade

técnica e o virtuosismo, em detrimento de todo o resto: o público se limitava ao brilho exterior, bastando-lhe ouvir agudos difíceis e bem feitos para justificar sua presença num espetáculo de ópera. Com as devidas mudanças e retirado o exagero, uma relação semelhante presidia o conjunto música-voz-texto nas composições anteriores à bossa-nova. O mito do cantor se antecipava a tudo mais, e em função dele o compositor criava a melodia (compondo «especialmente» para fulano ou beltrano), na maioria das vezes sobre textos inteiramente despidos de sentido, ou de um mau-gosto impressionante.



Quem mora no asfalto e tem problemas de asfalto deve fazer e cantar samba de cidade. Esta a opinião de Carlos Lyra.

Era a época de um fenômeno como o de Vicente Celestino, cujos violentos «dós de peito» importavam muito mais do que o não-refinamento de «Coração Materno». O aparecimento da bossa-nova inverteu esta situação, num movimento paralelo ao também ocorrido com a música erudita: a presença de um Vinícius de Moraes fazendo letras devolveu ao texto sua dignidade quase perdida; e o cantor — isto é, a voz em si — caiu em importância, retornando ao seu devido lugar realmente secundário. Quando se diz que um cantor de bossa-nova «não sabe cantar», o que se está fazendo é reclamar o antigo virtuosismo já fora de moda; pois exceto um ou outro caso de desafinamento parcial — e, às vezes, de propósito —, os cantores da bossa-nova cantam com precisão, apenas sem os arroubos ou o brilho de outros tempos.





## Tom Jobim, João Gilberto e Vinícius

**E**SSA reformulação do problema música-texto-voz (colocados os dois primeiros elementos em seus devidos lugares primordiais) trouxe consigo uma outra parcial reformulação: a do uso da orquestra. Também via «jazz», a bossa-nova apenas passou a utilizar-se de uma conquista da música erudita atual: a importância distribuída entre todos os instrumentos do conjunto. Um quarteto ou quinteto de «jazz» é um todo homogêneo, cujos participantes têm a mesma capacidade técnica e gozam da mesma atenção: os solos de cada um têm em mira conferir-lhes igualdade de valores no trabalho. Isso também ocorre na música erudita, cuja preocupação com o timbre é, desde o princípio deste século, de ordem fundamental; e passou a ocorrer com a bossa-nova brasileira. A orquestra, que antes era um inexpressivo elemento de fundo a complementar no pior sentido um cantor, passou a ser tão atuante no conjunto expressivo quanto ele e voltou, também, a ter a importância que lhe é votada por direito.

**É** o próprio Jobim quem conta: «Eu tinha um certo preconceito contra a música. Gostava dela só como hobby. Mas aos poucos ela foi tomando conta da minha vida. Tanto que deixei a arquitetura no primeiro ano de estudos».

**E**STUDOU com H. Koellreuter, fundador dos Seminários Livres da Música de Salvador (o mais importante trabalho de música arudita até hoje feito no Brasil), que tinha uma fama: quem passasse por ele saía definitivamente músico. Piano, estudou com Tomás Teran e Lúcia Branco. Depois conviveu com gente ligada à música popular (arranjadores, pianistas de orquestras, músicos). Conheceu Villa-Lobos e foi ele — um homem capaz de escrever música com barulho de gente falando, eletrola soando alto — que lhe ensinou que «o ouvido de fora nada tem a ver com o de dentro». Gosta de Ari e Caymmi. Fica irritado com os letristas estrangeiros que deturpam a bossa-nova. Seu «Chega de Saudade» virou, nas mãos de Jendricks e Cavanaugh, uma coisa assim: «No more blues/I'm going back home./ No, no more blues/ I promise no more to roam./ Home is where the heart»...





«No fogo de um barracão só se cozinha ilusão»: Sérgio Ricardo canta, com seu violão, a música que ele mesmo faz. faz letra bonita. Maysa não tem beleza, tem sentimento.!

Prefere escrever a música antes da letra. E justifica: «Quando vejo uma poesia bonita não vejo necessidade de musicar. E' como botar letra numa sinfonia». Algumas de suas músicas: «Corcovado», «Meditação», «Dindi», «Canção de Amor», «Eu Não Existo Sem Você», «Eu Sei Que Vou Te Amar», «Só Danço Samba», «Este Seu Olhar», «Desafinado».

É um rapaz de 37 anos. Carioca.

**J**OÃO Gilberto é baiano, produto importado pelo Rio. E' tímido, encabula à toa, não gosta de elogios. E' o primeiro nome importante da bossa-nova como movimento: seu primeiro LP, «Chega de Saudade», foi o maior fator para o sucesso do concerto da Faculdade Nacional de Arquitetura. Depois gravou outros Lps. «O Amor, o Sorriso e a Flor», «João Gilberto». E' um dos três autores de «Garôta de Ipanema», com Tom e Vinícius.

**É** um rapaz distraído. Quando se casou, convidou Jorge Amado para padrinho mas se esqueceu de contar-lhe a hora do casamento. Jorge Amado chegou atrasado. Tom e Vinícius nem souberam que ele ia se casar. O poeta que dispensa apresentações, e que ofereceu à bossa-nova a sua colaboração, devolvendo à música popular brasileira a dignidade do texto, que poucos mantinham. Por muitos motivos, Vinícius é o papa; — isso, para ele, não é título apenas: é questão de justiça.

## A Bossa De Exportação

**E**M 1961, alguns «jazzmen» americanos retornaram ao seu país, depois do «American Jazz Festival», com a bossa-nova em sua bagagem. Herbie Mann, flautista, gravou «Brazilian Things» e «Jazz Bossa-Nova», que se realizaram mais ou menos ao mesmo tempo que o «Bossa Nova means Samba With a Beat», de Zoot Sims, o «Samba Beans», de Coleman Hawkins, o «South American Cooking», de Curtis Fuller, o «Bossa Nova in New York», de Lalo Schiffrin e Leo Wright, tudo isso para culminar com «Jazz Samba», com Charlie Byrd e Stan Getz.

**E**M novembro de 1962, um grupo de gente da bossa-nova — embora misturado — tentou o Carnegie Hall de New York. A coisa foi fracasso, mas não por muito tempo. Em Greenwich Village o sucesso começou a sorrir: Jacqueline Kennedy — num gesto possivelmente só de boa vizinhança — convidou um grupo para a Casa Branca. Pouco a pouco o novo ritmo — através inclusive de tentativas de originalidade, como a da criação de uma coreografia para a bossa-nova, transformando-a num ritmo dançante tipo rock, cha-cha-cha, twist, hully-gully, madison, etc., — conseguiu porém impor-se. Atualmente, Vinícius, Tom, João Gilberto, são nomes conhecidos e respeitados fora do Brasil. As gravações do «desafinado» de Newton Mendonça e Tom Jobim são numerosas: entre elas uma da primeira dama do «jazz», Ella Fitzgerald.

O. T. A.



# Quando Xisto Desmaia

LÚCIA  
MACHADO DE  
ALMEIDA



Xisto  
No  
Espaço

Por incrível que o pareça, Xisto adormeceu. Quando despertou, já estava começando a escurecer. A primeira coisa que fez, foi tirar o saquinho secreto com o laboratório-mirim que trazia junto do peito, e que fôra feito na Terra por seu descabelado amigo, o sábio Malukowsky. Pelo espectômetro teve confirmada sua suposição inicial: a análise química da matéria encontrada no planêta era semelhante à da Terra, ainda que com maior teor de urânio. O contador Geiger, pôsto a funcionar, acusou acentuada radioatividade. Apertando o botãozinho do «ôlho eletrônico» surgiu a pequena tela de televisão através da qual Xisto pôde examinar o espaço cósmico até uma certa distância. Apesar de pertencer a outro sistema planetário, Minos, tal como a Terra, girava em tórno de um sol, com ciclos de noites e dias. E lá estavam astros e planêtas desconhecidos, alguns mais luminosos, outros menos, salpicando com sua claridade suave o que se poderia chamar de um céu já quase penetrado pela noite. E era belo aquilo tudo. Belo e pacificante. Seriam mundos habitados ou não? divagou Xisto, enquanto comia alguns pastêizinhos de queijo concentrados. Ligando o «ouvido eletrônico» e o radar, tentou sintonizá-los com o observatório da Terra. Depois de alguns minutos de infrutíferas tentativas, o aparelho registrou algumas palavras avulsas:

— «Nosso herói aminossado! Excelente gnóse! O' mirabolante, esdrúxula façanha!

— Van-Van! gritou Xisto entusiasmado. Não havia dúvida: aqueles termos difíceis, complicados, aquela voz grave, só poderiam partir do sábio dos sábios, o construtor de sua cosmonave... Certamente lá da Terra ele e Malukowsky haviam acompanhado sua trajetória pelo espaço através do Xistômetro de Van-Van! Mudando de faixa, o jovem tentou ouvir Nívea. Pelos ruídos captados, verificou que as coisas começavam a se normalizar naquele planêta: o pio dos filhotes de passarinho, o ruído quase imperceptível de fôlhas tenras se balançando ao vento, a risadinha alegre de crianças... tudo aquilo significava o maravilhoso dom da Vida e da Paz... Por onde andariam Bruzó, Kibrusni e o Sábio Atômico? Envolvido pelas emoções agradáveis que êsses contactos lhe proporcionavam, Xisto mal percebeu que a noite se espalhava rapidamente pelo planêta. Sentindo suas energias renovadas, orou, como sempre o fazia, antes de enfrentar qualquer perigo. Estava pronto para o que desse e viesse. Não tardou que, à luz final do crepúsculo, uma coisa escura surgisse pelos ares voando rapidamente em sua di-

reção, seguida de outra metálica. Dois minutos mais, e... pluft!... O horrendo morcêgo que o recebera pela madrugada despencou-se pesadamente em sua frente. Em seguida, aminossou uma grande concha prateada na qual vinha sentado o Homem Alto. A criatura foi se desdobrando (era altíssima), saltou fora, e disse sêcamente:

— Rutus o espera.

Guloso de sangue, o morcêgo investiu contra Xisto.

— Vorcex! berrou o Homem Alto. O vampiro estacou e retrocedeu, assim como acontecera pela manhã.

Obediente como alguém que sabe ter de cumprir um destino, Xisto entrou na concha e sentou-se ao lado do «Homem Alto», que o olhava fixamente, como a querer magnetizá-lo. Precedido por Vorcex, o carro sem rodas levantou vôo e tomou rumo ignorado. Vistas do alto e iluminadas à noite, as casas minositas ainda mais estranhas pareciam. Xisto teve a impressão de estar atravessando cenários de pesadelo, cenários que... aí!... talvez nunca mais visse... E foi um olhar de adeus o que ele lançou para aqueles cubos metálicos que se sucediam. Voaram mais de uma hora, sempre guiados pelo radar de Vorcex. Nem por uma vez sequer o Homem Alto dirigiu a palavra a Xisto, que, por seu turno, ficou calado, encolhidinho em seu canto. Finalmente chegaram a uma floresta de plantas carnívoras, tão copadas e desenvolvidas pela radioatividade que se fechavam em cima, deixando livre apenas uma estreita passagem semelhante a um túnel, pelo qual entrou a concha, voando baixo. O pobre Xisto sentiu náusea e tonturas, tão forte eram as emanções desagradáveis que se desprendiam das árvores. A uma luz avermelhada e de origem desconhecida, o môço observou que os galhos das plantas carnívoras se curvavam até quase o solo, como se desejassem ameaçar os transeuntes com seus caules entreabertos que lembravam bôcas escancaradas, das quais escorria um líquido viscoso, pronto a digerir a coisa viva que tivesse a desgraça de ali cair!

— Parece um cenário macabro de teatro! O próprio inferno... pensou Xisto, com a sensação de que estava sendo levado a um abafado subterrâneo. Finalmente, no fundo do tal túnel, surgiu um portão metálico, no qual estavam esculpidos sinais desconhecidos em alto relêvo, e junto do qual a concha aérea pousou. Vorcex despencou-se no chão, começou a soltar pios e a bater fortemente as asas na entrada do... palácio de Rutus. A porta rangeu e abriu-se como que automaticamente. À meia luz, Xisto notou



# De Susto Na Presença De Rutus

que as paredes — sempre lembrando aço inoxidável — eram altíssimas, naturalmente para atender às características físicas dos frequentadores do antro de Rutus.

Guiado por Vorcex e pelo Homem Alto, o môço terrestre atravessou mais oito salas, igualmente grandes e vazias, na última das quais encontrou seu amigo Glínio.

— Que boa surpresa! exclamou êle confortado, vendo o rosto feio mas simpático do pequeno minosita.

— Anão miserável, berrou o Homem Alto, dirigindo-se a Glínio com desprezo. Você não tinha nada que fazer aqui... Entretenha êsse idiota, enquanto Vorcex e eu vamos avisar «O Que Não Tem Sangue» de nossa chegada.

— Como vê, disse Glínio a Xisto, cumpri minha promessa. Infelizmente, apesar de Rutus ter consentido que eu assistisse à entrevista, não tenho poderes para livrá-lo da situação.

— Sua presença já é um consôlo para mim, tornou o môço.

— Coragem, amigo, acrescentou baixinho o anão. Fique calmo e não se impressione com a escuridão inicial do salão nobre. Em poucos minutos seus olhos se acostumarão, e lentamente irá surgindo uma pequena claridade que lhe permitirá ver Rutus.

Mal Glínio acabara a frase, entrou o Homem Alto e introduziu Xisto num compartimento escuro e silencioso que lhe pareceu enorme.

— Aguardemos, disse o gigante.

O jovem estava emocionadíssimo: ali se achava «O QUE NÃO TEM SANGUE», a criatura diabólica e invulnerável, ávida do mal, e ansiosa pela conquista do Cosmos... Xisto ainda não lhe vira a forma, mas «captara» sua terrível PRESENÇA. Teve a mesma sensação que experimentava em sua infância, quando, em noite escura e sem lua, se sentava na praia: não podia ver o mar, e nem lhe perceber os limites, mas o SENTIA a seu lado, negro, misterioso e profundo, poderoso como nunca! Alguns minutos silenciosos se passaram, até que uma fraca luminosidade avermelhada começou a se espalhar pela sala. Então, aos olhos perplexos de Xisto, foi se delineando, a princípio vagamente (como numa lente de binóculo mal focalizada), e depois um pouco mais nítida, a espantosa figura de Rutus. Estava sentado num trono, e deveria ter mais de três metros de altura. Tratava-se de um ser horrendo, meio bicho, meio gente, vestido com um colête sem mangas e um saiote curto de cor prateada, deixando à mostra pernas e braços cobertos de pêlos finos como os da

lontra. As mãos, entretanto, eram humanas, e num dos dedos, havia um anel no qual brilhava intensamente uma pedra vermelha de grande tamanho lembrando um rubi. O rosto lembrava o de um inseto e era também coberto de pêlos. O que arrepiou Xisto ainda mais foram os olhos de Rutus: eram múltiplos, complexos, compostos de centenas de pequeninos olhos... olhos de... besouro! E giravam rápida e constantemente em tôdas as direções emitindo faíscas...

O homem da Terra e o monstro de Minos olharam-se por instantes...

— Enfim! exclamou Rutus, com uma voz gutural, distante, como se fôsse a de um eco saído de uma cisterna, depois de recocheter na água do fundo! Vorcex, estirado aos pés de seu dono, soltava pios, enquanto Glínio, mais minúsculo ainda, olhava apavorado para o monstro de Minos.

— Aqui estou, disse Xisto, disfarçando o terror. Que deseja de mim?

Com a mesma voz velada, de cisterna, Rutus falou lentamente:

— Vamos... invadir a... Terra... e usar você... como... refém...

— Fui traído então, tornou Xisto, revoltado. Quer dizer que meu sacrifício foi inútil? Por que me fez vir até aqui, em vez de atacar nosso planêta simplesmente?

— Antes precisamos... arrancar... de você... certas informações... sobre óptica... e sobre... certo minério...

— Não compreendo, disse Xisto. Glínio me contara que pelo «Ouvido Interplanetário» vocês aprenderam nossa língua, e ficaram conhecendo nossos segredos.

O Homem Alto tomou a palavra:

— E' que Rutus só descobriu a necessidade dessas informações depois que os «Terriks» estavam prontos, e sem êsses detalhes nós não poderíamos atacar a Terra. Quando tentamos esclarecer o assunto através do «Ouvido Interplanetário», foi impossível. Além disso, sabemos que, graças ao prestígio que você, terrestre idiota, tem em seu planêta, nossa marcha sobre a Terra será vitoriosa, se o levarmos na frente, como refém...

— Tenho sede! Dêem-me um copo de água... suplicou Xisto, angustiado.

Rutus soltou uma gargalhada rouca, surda, parecendo uma trovoadas vagarosa.

— Só... se fôr... de... ÁGUA... PESADA... disse êle com sua voz longínqua.

Uma súbita fraqueza tomou conta de Xisto.

— Ah! Se eu pudesse comer agora um pastelzinho de queijo... exclamou êle.

— Pastéis?... Pastéis?... Só se fo-

rem recheiados de... URÂNIO... Ah! Ah! Ah!... E continuou a dar gargalhadas que ainda mais retumbavam na fabulosa acústica do recinto fechado.

— Não arrancarão de mim nenhuma informação, disse Xisto, com firmeza.

— Vorcex! gritou o Homem Alto.

O môço da Terra pensou que o Vampiro fôsse atacá-lo, mas enganou-se: o morcêgo voou até outra sala e voltou carregando um bicho desconhecido, que colocou em frente de Rutus, mas bem distante dêste. Então o Senhor de Minos ergueu uma das mãos e apontou o dedo com o anel onde havia o que parecia um rubi em direção ao animal. No mesmo instante, da pedra saiu uma luz vermelha e quente que, num segundo, desintegrou o bicho à frente de todos.

— O Raio da Morte! exclamou Xisto, reconhecendo o «aviso» que Rutus mandara a Nívea...

— Dá ou não dá as informações necessárias? perguntou rispidamente o Homem Alto.

— Traga-o... perto... de... mim... ordenou Rutus, com a voz que, apesar de velada e distante possuía tremendo poder de comando.

Xisto aproximou-se, de coração aos pulos.

— Toque... minha... mão... ordenou Rutus.

Xisto assim o fez. — E' gelada! gritou êle francamente aterrorizado.

— Traga... uma... faca... pediu Rutus a Glínio.

Xisto, com os olhos esbugalhados, aguardava os acontecimentos.

— Corte... meu... pulso... comandou o Senhor de Minos.

O pequeno minosita, visivelmente trêmulo e contrariado, fez um ferimento profundo com a lâmina no ante-braço do monstro. Um líquido... ESBRANQUIÇADO... começou a escorrer... da... carne cortada.

Xisto deu um grito e caiu desmaiado. Rutus realmente... NÃO TINHA SANGUE!...

L. M. A.



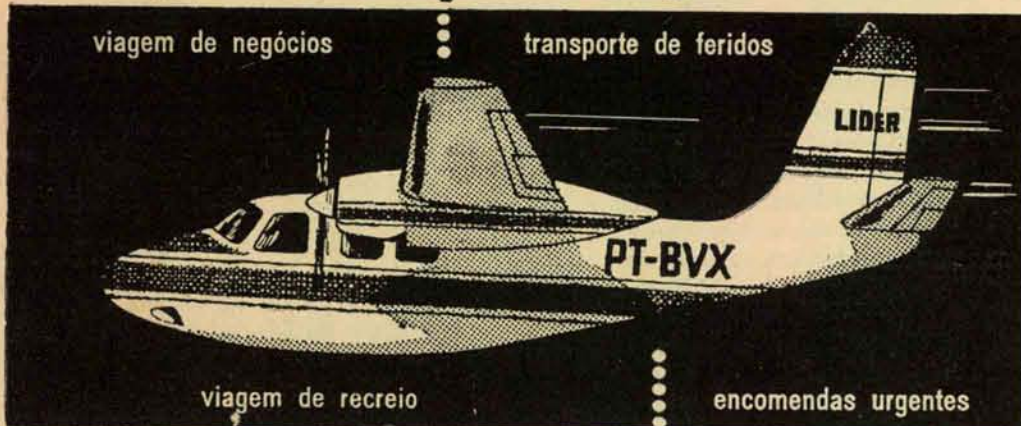




viagem de negócios



transporte de feridos



viagem de recreio

encomendas urgentes



# FRETAR UM AVIÃO DA SUA LÍDER E TÃO SIMPLES COMO PEGAR UM TÁXI

Rapidamente, sem complicações, sem sujeição de horário de saída e por preço acessível, você freta uma moderna aeronave, com experientada tripulação, para levá-lo aonde você determinar. Isto na sua Líder é tão simples como pegar um táxi! Antes de planejar sua próxima viagem, consulte-nos sem compromisso.



**LÍDER TÁXI-AÉREO**

Av. Amazonas, 507 - loja 9-C - tel.: 2-9033  
e 4-9662 - Aeroporto; 4-9130  
Belo Horizonte

**A qualquer hora  
para qualquer lugar**

JMM. BH.

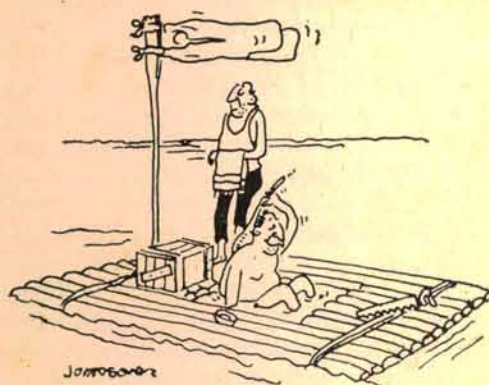
## Palavras Cruzadas

×	×	1		×	2	3	×	×
×	4		×	5	×	6	7	×
8		×	9		10	×	11	12
	×	13			14		×	
×	15							×
16	×	17					×	18
19	20	×	21			×	22	
×	23	24	×		×	25		×
×	×	26		×	27		×	×

**HORIZONTAIS:** 1 — crença. 2 — escumilha. 4 — além. 6 — a igreja romana. 8 — avistei. 9 — poeiras. 11 — Magalhães Pinto. 13 — rápido. 15 — aparelho indicador da direção dos ventos de superfície (pl.). 19 — de outro modo. 21 — forma apocopa de Santo. 22 — grito de dor. 23 — flexão feminina de mau. 25 — caminhar. 26 — o mais. 27 — antigo nome da nota dó.

**VERTICAIS:** 1 — nota musical. 3 — êles. 4 — estudei. 5 — resultado de um problema. 7 — preposição, indica lugar. 8 — siga. 9 — porção de barba que se deixa crescer no queixo (pl.). 10 — compartimento encaixado na armadura do telhado. 12 — pretexto. 13 — voltei. 14 — forma popular que indica alta velocidade. 16 — laço apertado. 18 — acha graça. 20 — número invisível. 22 — atmosfera. 24 — Rio da Holanda. 25 — encanto pessoal.

## Procure Os Erros



1 — lstra na toalha  
2 — Um lago a mais na camisa  
dependurada  
3 — Uma tira a mais no calxote  
4 — Corda que amarra a jangada  
na parte inferior  
5 — Cabelo do homem que toma  
banho  
6 — lstra a menos na água na  
parte superior  
7 — lstra na jangada da parte  
inferior junto ao serrote





# alterosa

Propriedade da Editora Alterosa S.A. — Rua Rio de Janeiro, 926, 3º andar, Caixa Postal 279, Endereço Telegráfico: «Alterosa», Tel.: 2-4251, Belo Horizonte, Minas, Brasil.

## FUNDADORES

Miranda e Castro  
e N. M. Castro  
**DIRETOR-PRESIDENTE**  
José Aparecido de Oliveira

## DIRETORES

Roberto Drummond  
Carlos Alberto R. Proença

## PAGINAÇÃO

Jarbas Juarez (editor)  
Ivanir Yasbeck

## REDAÇÃO

Dirceu Soares, Euler Cássia, Alvimar de Freitas, Inês Helena, Warley Celso, Nelson Santos, Jesus Santos, Ivan Angelo, Carlos Wagner, Carlos Orlando.

## COLABORADORES

Jorge Amado, Otto Lara de Resende, Lúcia Machado de Almeida, Marcelino de Carvalho, Júnia Rios Netto, Bosc, Raymond Druon, Geraldo Andrada, Álvaro Apocalypse, Deodato Alves, Henfil.

## CORRESPONDENTE

Roma  
Geraldo Magalhães

## GERENTE

Charles Corfield

## DEP. PUBLICIDADE

Belo Horizonte: José Alberto da Fonseca.  
São Paulo: Salvador Lauria, Av. Ipiranga, 795 — Conjunto 1408, Tel.: 35-1713.  
Rio de Janeiro: Pedro Petersen, Rua do Carmo, 5 — 1º andar, Tels.: 31-0258 e 31-2493.  
Porto Alegre: Sadi Schmitz.

## DEP. PROMOÇÃO E

## CIRCULAÇÃO

## Os Cinco Oscars Do Cinema

### RESPONDA:

- 1) Qual o nome do filme que deu o prêmio «Oscar» aos artistas Audrey Hepburn, Anna Magnani, Burt Lancaster, Anthony Quinn e Ingrid Bergman?
- 2) Quais foram os seus «partners» nestes filmes?



Audrey Hepburn: «A Princesa e o Plebeu», com Gregory Peck; «Entre Deus e o Pecado», com Jean Simmons; «Sede de Viver», com Kirk Douglas. Ingrid Bergman: «Anastácia», com Yul Brynner.

### RESPOSTAS:



# IVAN

## ÂNGELO

Com cuidado meticuloso, um homem levava uma flor. Uma só, vermelha, longo caule, duas ou três fôlhas: cravo. Entre os passantes — indiferente aos passantes, seria mais exato — ele conduzia a flor com com com (o quê?) respeito — com respeito. Tão estranho, principalmente tão sem cara de pessoa levando flor, ou tão sem jeito de quem soubesse como se leva uma flor, ele atravessava imperturbável a avenida central no quase-meio-dia.

Só depois de olhar algum tempo, pude localizar com precisão o que o fazia diferente dos outros carregadores de flôres que já havia visto em minha vida: segurava-a com minúcia cuidadosa, a mão esquerda na metade do caule, e a direita, um pouco em concha, protegendo-a. Como se fôsse uma vela! — era isso. O homem levava a flor como habitualmente se leva uma vela acesa: defendendo, prestando atenção, olhando para a chama.

Não acontece todos os dias. Não me venham dizer que acontece, porque não acontece não. Então é comum um sujeito de terno — paletó e gravata! — seus quarenta e tantos anos de idade, sapato bico quadrado, anel na mão direita — é comum um sujeito dêsses sair por aí carregando um cravo em pleno meio dia? Se fôsse um buquê, uma corbelha, ainda vá lá. Mas uma só? Comum coisa nenhuma — pensei cá comigo — e vou é ver onde vai êsse cara.

Quando pensei isso, já o estava seguindo por dois quarteirões. Esperava perceber nêle algum gesto ridículo — que a cheirasse, por exemplo — para desistir da tôla ação de seguir um homem com uma flor, mas êle era digno: respeitava-a! Sem perceber, fui sendo envolvido, fui-me entrosando num clima de vida que não era o meu, não uma vida-aeroneve, com expre rimentada tripulação, para levá-lo aonde você determinar. Isto na sua Lider é tão simples como pegar um táxi! Antes de planejar sua próxima viagem, consulte-nos sem compromisso.

cravo de alguma ric  
cê botar na lapela», e

## Talismã

estava só esperando o momento propício de jogá-lo fora. Mas não: os cuidados que tomava não eram os que se dispensam a um objeto a que se despreza.

2) — Ia levá-la para a namorada. Não: tinha um aspecto respeitável demais, sóbrio demais, para aquelas ardências sentimentais. Era o tipo do sujeito que não manda flôres ou, se manda, é por mensageiros, em ocasiões especiais.

3) — Para a espôsa. Não: nesse caso seria um buquê. Cravo sôzinho é presente de namoradinho para namoradinha, destrutível no espaço de uma matinê. E não tinha jeito de recém-casado.

4) — Entêrro. Absurdo: flor vermelha.

Parou numa padaria! Espantosamente, comprou coisas antes de tôdas as pessoas que esperavam. Num carrinho de frutas, comprou uvas, maçãs, pêras, laranjas, e foi tratado com extraordinária atenção. Davam-lhe lugar ao passar, fui percebendo. Algumas pessoas o cumprimentavam com satisfação, súbitamente alegres. Um lotação parou para êle atravessar a rua! Abraçava no peito os volumes das compras e, na frente, com as duas mãos, segurava o cravo vermelho. Perdeu um pouco da atenção, mas não o respeito.

Parou numa esquina e ficou olhando. Pude ver, então, de perto, seu ar de que tudo ia bem, não haveria guerra tão cedo, o petróleo seria nosso mais cedo ou mais tarde, estavam a ponto de descobrir um remédio para o câncer, a lua era ali mesmo, nosso futebol ia ganhar de nôvo o mundial, as amadas continuavam fiéis, os muito ricos estavam com medo e os muito pobres começavam a ter esperanças, os felizes respeitavam os infelizes, os chatos seriam deportados e as mais belas seriam importadas.

Num dado momento, levantou a mão com a flor e um táxi parou, como se tivesse sido inventado com aquêle mesmo gesto. O chofer desceu — incrível mas desceu — abriu a porta, colocou os embrulhos dentro do carro e só fechou a porta depois que o elegante homem do cravo ajeitou-se lá dentro. O táxi passou e pude vê-lo uma última vez: ereto, sorrindo, olhando sua flor.



compram de tudo em tôda parte...



# CHEQUES DE VIAGEM ❁

Esteja você onde estiver, o seu Cheque de Viagem do Banco Nacional de Minas Gerais poderá comprar praticamente tudo o que você queira. Postos de gasolina, lojas comerciais, hotéis, empresas de transportes, aceitarão prontamente o seu Cheque de Viagem, porque sabem que este vale como papel-moeda. Qualquer agência do Banco troca-o sem nenhuma despesa ou dificuldade. O resultado é a sua segurança: Você viaja com "dinheiro" no bolso, sem qualquer risco de roubo, porque o seu Cheque de Viagem só vale com sua assinatura.



BANCO  
DE M



u... com...  
rimentada tripulação, para levá-l...  
aonde você determinar isto na sua...  
Lider é tão simples, como pegar...  
um táxi! Antes de planejar sua pró-...  
xima viagem, consulte-nos sem...  
compromisso.

